

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

DEBORAH RHEESA SANTOS

**O USO DO DIMINUTIVO NO CONTEXTO DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL
DA MUDANÇA**

JUIZ DE FORA
2023

DEBORAH RHEESA SANTOS

**O USO DO DIMINUTIVO NO CONTEXTO DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL
DA MUDANÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Deborah Rheesa.
O USO DO DIMINUTIVO NO CONTEXTO DA ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA / Deborah Rheesa
Santos. --2024.
154 p. : il.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha
Lacerda Dissertação (mestrado acadêmico) -
Universidade Federal de Juiz
de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-
Graduação em Linguística, 2024.

1. Língua em uso. 2. Abordagem construcional da
mudança. 3. Linguística Funcional Centrada no Uso. 4.
Rede construcional. 5. Diminutivo. I. Amaral da Cunha
Lacerda, Patrícia Fabiane, orient. II. Título.

DEBORAH RHEESA SANTOS

**O USO DO DIMINUTIVO NO CONTEXTO DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL
DA MUDANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição.

Aprovada em 16 de Fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall’orto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dra. Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 10/01/2024.



Documento assinado eletronicamente por Patricia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Professor(a), em 16/02/2024, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto, Usuário Externo, em 19/02/2024, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Mariangela Rios de Oliveira, Usuário Externo, em 21/02/2024, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1658319 e o código CRC C94943A6.

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter permitido que eu tivesse determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho e por me lembrar do propósito eterno durante essa jornada.

À minha família. Aos meus pais, Zenize e Delano, que sempre me motivaram e estiverem ao meu lado nos momentos mais difíceis, mesmo morando em outra cidade. Ao meu irmão, Daniel, por seu carinho e atenção, por sempre estar disposto a me ouvir e por sempre cuidar de mim fisicamente e emocionalmente.

À Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pelo empenho em sempre estar disponível, pelo comprometimento, por acreditar em mim e por ter acompanhado, com muita paciência, o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço também por todo conhecimento compartilhado, como orientadora, professora e amiga.

À Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto, membro titular da banca de qualificação e da banca examinadora, pela disponibilidade de leitura deste trabalho, pelas suas excelentes e enriquecedoras aulas na pós-graduação, pelo apoio e pela amizade.

À Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira e ao Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent, por aceitarem compor a banca examinadora e por se disponibilizarem a ler este trabalho e oferecer suas valiosas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cada um de vocês teve uma participação especial na minha vida acadêmica.

À CAPES, pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fundamental analisar os padrões microconstrucionais representados por $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, em que X pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, tal como *quartinho*, *bonitinho*, *pouquinho* etc.. A pesquisa está em conformidade com a Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e com a abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), uma vez que reconhece que a unidade básica da língua é a construção e assume a relevância de descrever bidirecionalmente, a partir do uso, os pareamentos forma-função (Goldberg, 2016) que caracterizam o objeto analisado. O tratamento da Gramática Tradicional dos sufixos diminutivos não é suficiente para compreender a complexidade do grau diminutivo. Sendo assim, diferentemente das gramáticas normativas, a hipótese inicial é de que as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, cumprem diferentes propósitos comunicativos na língua, não sendo usadas apenas com função dimensiva, mas também como recurso linguístico para modalizar e avaliar o conteúdo proposicional. Logo, os objetivos mais específicos são: (i) identificar os padrões construcionais no *corpus* analisado; (ii) descrever as características formais e funcionais dos padrões microconstrucionais com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a* em variados contextos; e (iii) propor uma rede construcional para o diminutivo, caracterizando os diferentes níveis esquemáticos no que tange ao pareamento forma-função. Para o cumprimento dos objetivos propostos, partimos de uma metodologia pautada no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), o qual se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências dos padrões construcionais analisados. Ademais, para a análise qualitativa dos dados acerca do grau de expressividade empregado pelo falante, contamos com o recurso do *software* Praat no que se refere à prosódia. Entendemos que o contorno do *pitch*, curva entoacional da fala, colabora com a identificação e categorização dos padrões microconstrucionais. Os dados foram extraídos de um *corpus* oral composto por vídeos postados na plataforma YouTube, pertencentes aos gêneros *vlog* e *podcast*. Esse *corpus* é composto por 6 horas e 29 minutos, a partir de vídeos datados entre 2020 e 2023. Com o andamento da pesquisa, os dados analisados sinalizam que, de fato, é possível atestar empiricamente seis padrões microconstrucionais que sugerem o seu agrupamento em dois subesquemas: um com caráter dimensional e um com caráter indicativo do posicionamento do falante. Além disso, os dados indicam que as construções com função dimensiva estariam relacionadas a contextos menos intersubjetivos, apresentando baixa extensão da variação do contorno do *pitch*, enquanto as construções com função de posicionamento modalizador ou avaliativo ocorreriam em contextos mais intersubjetivos, sendo produzidas com alta extensão da variação do contorno do *pitch*. Assim, comprova-se que as microconstruções com o diminutivo caminham para um posicionamento cada vez mais pautado na intersubjetividade. Diante disso, torna-se possível estabelecer uma rede construcional que seria representada pelo esquema mais geral $\{[X^{N/ADJ/AVB}]\text{-inho/a}\}$, o qual seria altamente produtivo na língua e sancionaria, ao longo do tempo, de maneira direcional, diferentes construções no nível microconstrucional.

Palavras-chave: língua em uso; abordagem construcional da mudança; linguística funcional centrada no uso; rede construcional; diminutivo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the micro-constructural patterns represented by $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, in which X can be replaced by a noun, an adjective, or an adverb, such as “pretinho”, “bonitinho”, “conjuntinho” etc.. The research is aligned with the Usage-Based Functional Linguistics approach (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) and constructionist approach of language change (Traugott; Trousdale, 2013), since it recognizes that constructions are the basic unities of language and assumes the relevance of describing bidirectionally, from use, the form-function pairings (Goldberg, 2016) that characterize the analyzed object. The Traditional Grammar treatment of diminutive suffixes is not sufficient to understand the complexity of the diminutive degree. Therefore, unlike normative grammars, the initial hypothesis is that constructions with the diminutive, represented by the suffix *-inho/a*, fulfill different communicative purposes in the language, not only being used with a dimensive function, but also as a linguistic resource to modalize and evaluate the propositional content. Therefore, the more specific objectives are: (i) identify the constructional patterns in the analyzed *corpus*; (ii) describe the formal and functional characteristics of the microconstructional patterns with the diminutive, represented by the suffix *-inho/a*, in various contexts; and (iii) propose a constructional network for the diminutive, characterizing the different schematic levels regarding the form-function pairing. In order to fulfill the proposed objectives, our methodology is based on the mixed method research, in terms of Cunha Lacerda (2016), which is based on the survey of the frequency of use and the description of the occurrences of the constructional patterns analyzed. Furthermore, for the qualitative analysis of the data regarding the degree of expressiveness used by the speaker, we relied on the Praat software resource with regard to prosody. We understand that the pitch contour, the intonational curve of speech, contributes to the identification and categorization of microconstructional patterns. The data were extracted from an oral corpus constituted by videos posted on the YouTube platform, referent to vlog and podcast genres, totalizing 524 occurrences. This *corpus* is composed of 6 hours and 29 minutes, from videos dated between 2020 and 2023. With the progress of the research, the analyzed data indicate that, in fact, it is possible to empirically attest 6 micro-constructural patterns that suggest their clustered into 2 subschemas: one with a dimensional character and one with an indicative character of the speaker's positioning. Furthermore, the data indicate that constructions with a dimensive function would be related to less intersubjective contexts, presenting a low extent of pitch contour variation, while constructions with a modalizing or evaluative positioning function would occur in more intersubjective contexts, being produced with a high extent of the pitch contour variation. Given this, it becomes possible to establish a constructional network that would be represented by the more general scheme $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, which would be highly productive in the language and would sanction, over time, in a directional manner, different constructions at the microconstructional level.

Keywords: language in use; constructional approach to change; usage-based functional linguistics; constructional network; diminutive.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da construção reproduzida de Croft (2001, p. 18)	20
Figura 2 - Representação da ocorrência 4 pelo <i>software</i> Praat	71
Figura 3 - Representação da ocorrência 5 pelo <i>software</i> Praat	73
Figura 4 - Representação da ocorrência 6 pelo <i>software</i> Praat	88
Figura 5 - Representação da ocorrência 7 pelo <i>software</i> Praat	90
Figura 6 - Representação da ocorrência 8 pelo <i>software</i> Praat	92
Figura 7 - Representação da ocorrência 9 pelo <i>software</i> Praat	96
Figura 8 - Representação da ocorrência 10 pelo <i>software</i> Praat	98
Figura 9 - Representação da ocorrência 11 pelo <i>software</i> Praat	100
Figura 10 - Representação da ocorrência 12 pelo <i>software</i> Praat	104
Figura 11 - Representação da ocorrência 13 pelo <i>software</i> Praat	106
Figura 12 - Representação da ocorrência 14 pelo <i>software</i> Praat	108
Figura 13 - Representação da ocorrência 15 pelo <i>software</i> Praat	112
Figura 14 - Representação da ocorrência 16 pelo <i>software</i> Praat	114
Figura 15 - Representação da ocorrência 17 pelo <i>software</i> Praat	116
Figura 16 - Representação da ocorrência 18 pelo <i>software</i> Praat	124
Figura 17 - Representação da ocorrência 19 pelo <i>software</i> Praat	128
Figura 18 - Representação da ocorrência 20 pelo <i>software</i> Praat	130
Figura 19 - Representação da ocorrência 21 pelo <i>software</i> Praat	132
Figura 20 - Proposta de rede construcional	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Panorama teórico da Gramática de Construções atualmente (Pinheiro; Alonso, 2018, p. 21-22)	26
Quadro 2 - Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de Traugott e Trousdale, 2013, p. 193, tradução nossa).....	32
Quadro 3 - Descrição entoacional da ocorrência 4 pela notação AM.....	72
Quadro 4 - Descrição entoacional da ocorrência 5 pela notação AM.....	73
Quadro 5 - Representação do pareamento forma-função do esquema	77
Quadro 6 - Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas da rede	79
Quadro 7 - Representação do pareamento forma- função do subesquema 1	81
Quadro 8 - Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 1	84
Quadro 9 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.1 ...	85
Quadro 10 - Descrição entoacional da ocorrência 6 pela notação AM.....	88
Quadro 11 - Descrição entoacional da ocorrência 7 pela notação AM.....	90
Quadro 12 - Descrição entoacional da ocorrência 8 pela notação AM.....	93
Quadro 13 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.2	94
Quadro 14 – Descrição entoacional da ocorrência 9 pela notação AM.....	97
Quadro 15 - Descrição entoacional da ocorrência 10 pela notação AM.....	99
Quadro 16 - Descrição entoacional da ocorrência 11 pela notação AM.....	101
Quadro 17 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.3	102
Quadro 18 - Descrição entoacional da ocorrência 12 pela notação AM.....	105
Quadro 19 – Descrição entoacional da ocorrência 13 pela notação AM.....	107
Quadro 20 - Descrição entoacional da ocorrência 14 pela notação AM.....	109
Quadro 21 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.4	110
Quadro 22 - Descrição entoacional da ocorrência 15 pela notação AM.....	112
Quadro 23 - Descrição entoacional da ocorrência 16 pela notação AM.....	114

Quadro 24 - Descrição entoacional da ocorrência 17 pela notação AM.....	116
Quadro 25 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 2.....	117
Quadro 26 - Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 2	120
Quadro 27 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.1	121
Quadro 28 - Descrição entoacional da ocorrência 18 pela notação AM.....	125
Quadro 29 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.2	126
Quadro 30 - Descrição entoacional da ocorrência 19 pela notação AM.....	129
Quadro 31 - Descrição entoacional da ocorrência 20 pela notação AM.....	131
Quadro 32 – Descrição entoacional da ocorrência 21 pela notação AM.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência dos subesquemas no <i>corpus</i>	78
Tabela 2 - Frequência das microconstruções do subesquema 1	83
Tabela 3 - Número de ocorrências da microconstrução 1 no <i>corpus</i>	86
Tabela 4 - Número de ocorrências da microconstrução 1.2 no <i>corpus</i>	95
Tabela 5 - Número de ocorrências da microconstrução 1.3 no <i>corpus</i>	103
Tabela 6 - Número de ocorrências da microconstrução 1.4 no <i>corpus</i>	111
Tabela 7 - Frequência das microconstruções do subesquema 2	119
Tabela 8 - Número de ocorrências da microconstrução 2.1 no <i>corpus</i>	122
Tabela 9 - Número de ocorrências da microconstrução 2.2 no <i>corpus</i>	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: UMA VISÃO GERAL	17
2.1.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS	17
2.1.2 MODELOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	21
2.2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA.....	27
2.2.1 PROPRIEDADES DA MUDANÇA	30
2.2.2 MECANISMOS DA MUDANÇA	33
2.3 (INTER)SUBJETIVIDADE E O POSICIONAMENTO AVALIATIVO DO FALANTE	35
2.4 CONCLUSÃO	38
3 O DIMINUTIVO EM DISCUSSÃO	40
3.1 O GRAU NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REVISÃO GERAL.....	40
3.2 O DIMINUTIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REVISÃO GERAL	50
3.3 O DIMINUTIVO SOB O ENFOQUE DA LÍNGUA EM USO	56
3.4 CONCLUSÕES	59
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	62
4.2 O PAPEL DO MÉTODO MISTO NO ÂMBITO DA LFCU	64
4.3 O PAPEL DO PRAAT EM UMA ANÁLISE DE CUNHO FUNCIONALISTA	65
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	68
5 ANÁLISE DE DADOS	75
5.1 ESQUEMA	76
5.2 SUBESQUEMAS	78
5.2.1 SUBESQUEMA 1	81

5.2.1.1 Microconstrução 1.1 – Dimensivo físico.....	85
5.2.1.2 Microconstrução 1.2 – Dimensivo quantitativo.....	93
5.2.1.3 Microconstrução 1.3 – Dimensivo de atenuação temporal	101
5.2.1.4 Microconstrução 1.4 – Dimensivo intensivo	109
5.2.2 SUBESQUEMA 2	117
5.2.2.1 Microconstrução 2.1 – Posicionamento modalizador asseverativo- epistêmico.....	120
5.2.2.2 Microconstrução 2.2 – Posicionamento avaliativo afetivo.....	125
5.3 CONCLUSÕES	133
6 CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXO A – Link dos vídeos do YouTube coletados para composição do corpus	150

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, assumimos que a língua está em constante transformação devido às necessidades comunicativas dos falantes, dado que os usuários da língua buscam ser cada vez mais expressivos. Essas novas formas de se expressar se baseiam nas regras da língua que os falantes dominam e nas experiências socioculturais de seu entorno. Dessa maneira, há a necessidade de se instanciarem novas construções¹. Assim, as mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente, mas dependem da interação e da comunicação, ou seja, do uso.

Nesse sentido, este trabalho é baseado na análise da língua em uso, fundamentando-se na Linguística Funcional Centrada no Uso — doravante, também LFCU — (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), que tem como princípios básicos que a unidade básica da língua é a construção (Goldberg, 1995, 2006, 2016) e que a língua organiza-se a partir de extensas redes construcionais (Croft, 2001). A construção, nesse sentido, é constituída, segundo Goldberg (1995, 2006), de pareamentos forma-sentido e, de modo mais atual, de acordo com a própria autora, de pareamentos forma-função (Goldberg, 2016). No contexto da LFCU, nos pautamos, mais pontualmente, em Traugott e Trousdale (2013), que descrevem um modelo para o tratamento da mudança linguística sob uma perspectiva construcional.

Posto isso, objetivamos, neste trabalho, descrever os padrões microconstrucionais² representados pelo esquema mais abstrato e genérico

¹ A construção é a unidade básica da língua (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; 2006). Conforme Croft (2001), a noção de construção se aplica a qualquer estrutura gramatical ou lexical, incluindo tanto a sua forma quanto seu significado. Dessa forma, em uma construção, a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática funcionam de forma articulada, em que nenhum nível é autônomo ou nuclear.

² O padrão microconstrucional compreende as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função e são encontradas já convencionalizadas e produtivas na língua. Dessa forma, são compartilhadas ao longo das redes individuais de uma população de modo geral, partindo, assim, da rede do indivíduo para as diferentes redes sociais de forma ampla (Traugott; Trousdale, 2013).

{[X^{N/ADJ/AVB}]-inho/a}, em que *X* constitui um *slot*³ que pode ser preenchido por um nome, um adjetivo ou um advérbio e é acompanhado pelo sufixo *-inho/a*, tal como *quartinho*, *bonitinho*, *pouquinho* etc.. De forma a ilustrar o tipo de construção com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, investigado no presente trabalho, apresentamos alguns exemplos de ocorrências extraídas do *corpus* analisado. Salientamos que cada ocorrência foi analisada separadamente, a fim de identificar os elementos específicos de cada construto. Vejamos:

- (1) Niina: Bom, terça-feira por aqui. Bora trabalhar. Já fui treinar, já fui no mercado. Vou organizar a minha baguncinha, minha bancada. Ontem eu fiz a *live* aqui, aí ficou essa zona. Vou arrumar o meu quartinho. Quero gravar muitos conteúdos hoje. É ... pras redes, Instragam, TikTok. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)
- (2) Bruna: Eu acho mô bonitinho, gente, vê assim, tipo, todo mundo ali sentadinho na prancha. Eu acho mô *vibe*. Eu acho que deve ser uma conexão muito foda. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)
- (3) É um produto que quem gosta de óleos possivelmente vai gostar. Eu não uso muito óleos, então, é um produto que eu não usaria muito no dia-a-dia, talvez bem pouquinho, uma gotinha no rosto inteiro. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)

No exemplo (1), no construto⁴ *quartinho*, o sufixo *-inho* está vinculado a um nome, com função de promover uma aproximação afetiva entre o referente “quarto” e a locutora; já em (2), no construto *bonitinho*, o sufixo *-inho* está vinculado a um adjetivo, desempenhando a função de avaliar positivamente a cena, em que as pessoas estão sentadas em cima de suas pranchas de *surf* lado a lado; em (3), no construto *pouquinho*, o sufixo *-inho* está vinculado a um advérbio, promovendo uma intensificação de uma propriedade do referente, isto é, intensificando a pouca quantidade de óleo que a locutora usaria no processo de maquiar-se. Nesse sentido,

³ O *slot* compreende as diversas possibilidades de preenchimento que uma construção permite. Quanto mais esquemático é o *slot*, maior será a lista de elementos que poderá ocorrer nessa categoria (Bybee, 2013). Sendo assim, corresponde às construções mais genéricas da rede.

⁴ Os construtos compreendem as ocorrências atestadas empiricamente e, portanto, relacionam-se ao número de ocorrência de uma determinada construção. (Traugott; Trousdale, 2013).

pretendemos demonstrar, neste trabalho, que a função das construções com o diminutivo não se restringem a uma dimensão física, mas também atuam como recurso linguístico para o falante estabelecer o seu posicionamento.

A partir da revisão da literatura, verificou-se que há muitos trabalhos que estudam a formação dos diminutivos na língua portuguesa (Frota, 1985; Lee, 1995, 1999; Gonçalves, 2005), concentrando suas análises nos níveis morfológico, sintático e semântico. Ademais, identificamos alguns trabalhos que incorporam a dimensão pragmática na análise do diminutivo (Alves, 2006; Silva, 2014; Pereira, 2020). No entanto, não encontramos pesquisas que se concentrem na análise desse objeto sob a perspectiva da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013) ou sob o ponto de vista da avaliação, nos termos de White (2003).

Portanto, a escolha pelas construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, deve-se às seguintes razões: (i) o diminutivo se expressa via uma construção já convencionalizada pelos falantes, sendo largamente utilizado; (ii) há poucos trabalhos já realizados que conferem o mesmo grau de importância tanto à forma como à função no tratamento do diminutivo sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso; além disso, (iii) apesar de já existirem trabalhos acadêmicos realizados a respeito desse tema, não há trabalhos que se voltem pontualmente para o tratamento do objeto de análise em questão a partir da abordagem construcional da mudança, buscando descrever os diferentes níveis esquemáticos e hierárquicos no que tange ao pareamento forma-função.

Nesse contexto, as seguintes hipóteses norteiam nosso estudo: (i) as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, cumpririam novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seu uso convencional atrelado à noção de tamanho físico e (ii) essas construções, no *corpus* analisado, constituiriam pareamentos forma-função na língua.

Nesse sentido, nossos objetivos específicos são: (i) identificar os padrões construcionais no *corpus* analisado e descrever as características formais e funcionais dos padrões microconstrucionais com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, em variados contextos; e (ii) propor uma rede taxonômica que relacione as construções analisadas de maneira hierárquica em torno de um esquema abstrato comum a partir dos padrões microconstrucionais identificados

no *corpus*.

Para o cumprimento dos objetivos acima expostos, pautamo-nos no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), o qual se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências dos padrões construcionais analisados. Para a análise qualitativa dos dados, contamos com o recurso do *software* Praat⁵ para a análise da prosódia, principalmente acerca do contorno entoacional⁶, conforme demonstrado na seção 4. Nesse contexto, a verificação da baixa ou alta extensão de variação do contorno entoacional oferece indícios que colaboram na identificação e categorização dos padrões microconstrucionais nos subesquemas.

Para realizar a análise em dados de fala reais, constituímos um *corpus* sincrônico oral atual a partir de vídeos postados na plataforma YouTube, pertencentes aos gêneros *vlog* e *podcast*. Esse *corpus* é composto por 6 horas e 29 minutos, a partir de vídeos datados entre 2020 e 2023, totalizando 524 ocorrências.

Assim sendo, de modo a confirmar as hipóteses levantadas e a cumprir os objetivos propostos, este trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, introduzimos sobre o que se trata este trabalho; na seção 2, discutimos os fundamentos teóricos nos quais a análise dos dados se baseia; na seção 3, realizamos uma breve revisão bibliográfica acerca do percurso histórico-gramatical do diminutivo no português brasileiro nas gramáticas e revisamos os trabalhos mais significativos a respeito dos estudos sobre o diminutivo; na seção 4, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho; na seção 5, propomos uma análise dos diferentes níveis esquemáticos que envolvem as construções com o diminutivo, propondo uma rede construcional; por fim, sistematizamos as principais conclusões a que chegou a pesquisa realizada.

⁵ Uma ferramenta para a análise acústica, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do “Institut of Phonetics Sciences”, localizado na Universidade de Amsterdam.

⁶ O contorno entoacional é definido como a sequência de elementos fonológicos categoricamente distintos (Ladd, 1996, p. 42).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção tem como objetivo apresentar o aporte teórico que fundamenta esta pesquisa acerca da instanciamento de construções formadas pelo sufixo -*inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio, tal como *coraçãozinho*, *bonitinha*, *rapidinho*, dentre outros. Para tal objetivo, assumimos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – e, mais pontualmente, da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013).

Neste trabalho, portanto, consideramos que a língua está em constante transformação, dado que o falante busca ser cada vez mais expressivo devido a novas necessidades comunicativas. Nesse sentido, a comunicação é uma ação intersubjetiva, na qual o locutor considera a face do outro (Goffman, 1967), para se proteger ou ameaçar ou também proteger a face do interlocutor. Para isso, há a necessidade de se instanciarem novas construções na língua. Assim, a gramática e o léxico de uma língua estão em constante renovação por meio das mudanças linguísticas a partir do seu uso pelos falantes. Por esta razão, pode-se falar que novas construções emergem na língua, as quais são constituídas, segundo Goldberg (1995, 2006), por pareamentos forma-sentido e, de modo mais atual, de acordo com a própria autora, por pareamentos forma-função (Goldberg, 2016⁷). Portanto, a língua é composta por um inventário de construções hierarquicamente organizadas.

Assim sendo, a fim de cumprir o objetivo proposto, a divisão desta seção se estabelece da seguinte forma: na subseção 2.1, discutimos a abordagem construcional da mudança, a qual assume pressupostos da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso. Dessa forma, essa seção será dividida da seguinte maneira: na subseção 2.1.1, apresentamos os princípios basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso; na subseção 2.1.2, descrevemos brevemente as contribuições das principais abordagens construcionais para a LFCU e, conseqüentemente, para o surgimento da abordagem construcional da mudança nos termos de Traugott e Trousdale

⁷ Trataremos, mais pontualmente, do conceito de construção mais adiante, na subseção 2.1.

(2013), a qual é apresentada na subseção 2.2. Na subseção 2.2.1, tratamos das propriedades da mudança linguística. Por sua vez, na subseção 2.2.2, apresentamos os mecanismos de mudança. Já na subseção 2.3, delimitamos o conceito de (inter)subjetividade (Traugott; Dasher, 2004) e apresentamos, de forma breve, as noções de avaliação (White, 2003) e de proteção e ameaça à face (Goffman, 1967). Por fim, na subseção 2.4, sintetizamos as conclusões desta seção.

2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: UMA VISÃO GERAL

Nesta subseção, dedicamo-nos a discutir os pressupostos teóricos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma vez que a presente pesquisa baseia-se na análise da língua em uso. Apresentamos também, brevemente, os principais modelos da Gramática de Construções e, por fim, revisamos o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), o qual assumimos na análise do objeto deste trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa assume que a língua está em constante transformação, dado que a comunicação se dá por meio da interação entre os falantes. Estes são sujeitos dotados de propósitos comunicativos e desejos e, para alcançarem o seu objetivo em direção ao interlocutor, se tornam cada vez mais expressivos, instanciando novas construções na língua. Portanto, o estudo das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, contribui, de forma efetiva, no âmbito dos estudos linguísticos funcionalistas e construcionais, uma vez que novas construções com o diminutivo são instanciadas na língua devido à necessidade comunicativa dos falantes.

2.1.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS

A Linguística Funcional Centrada no Uso tem sido a denominação adotada, no Brasil, no âmbito do Grupo Discurso e Gramática (D&G) para se referir às pesquisas funcionalistas que partem da coadunação entre princípios do funcionalismo clássico norte-americano e princípios da Gramática de

Construções (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016). A LFCU surge no Brasil como uma versão contemporânea do funcionalismo com o objetivo de demarcar a sua identidade funcionalista construcional em uma Linguística que seja centrada no uso.

Por um lado, o funcionalismo clássico⁸, que abarca os estudos iniciais funcionalistas de vertente norte-americana (Heine *et al.*, 1991; Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]), parte da análise de itens isolados, com enfoque na mudança categorial, concebendo a gramaticalização⁹ como trajetória de itens lexicais a itens gramaticais (Meillet, 1912) e de itens gramaticais a mais gramaticais. Rosário e Oliveira (2016) apontam que o funcionalismo clássico considera o contexto de uso que atuam na mudança por gramaticalização, mas os parâmetros formais não são controlados com rigor, não observando, de modo bidirecional, a relação entre os aspectos do sentido e os aspectos da forma.

Por outro lado, as pesquisas no âmbito da LFCU se baseiam na centralidade do papel do contexto e concebem a língua como resultante de processos cognitivos, linguísticos, históricos e socioculturais. Nesse sentido, a língua está em constante transformação, isto é, a gramática de uma língua não está pronta e acabada, e sim em construção a partir de seu uso.

Nesse contexto, considerando que a gramática de uma língua está em constante mudança, três princípios básicos desenvolvidos no âmbito do funcionalismo clássico, de vertente norte-americana, se mostram relevantes à LFCU, os quais são: (i) a constante reestruturação da gramática a partir da língua em uso; (ii) a investigação da língua pautada na gramática e no discurso concomitantemente; e (iii) a relação estreita entre formas linguísticas e suas funções.

No que se refere à relação entre a forma linguística e sua função, a LFCU defende que os aspectos funcionais e os aspectos formais de uma língua estão estritamente relacionados e são indissociáveis (Cunha Lacerda, 2018). Portanto, ao passo que o funcionalismo clássico (Meillet, 1912; Heine *et al.*, 1991; Hopper,

⁸ Os estudos funcionalistas da versão clássica iniciam-se a partir das décadas de 60 e 70 do século XX (Rosário; Oliveira, 2016).

⁹ Termo assumido no âmbito das pesquisas funcionalistas voltadas para o estudo da mudança categorial no nível da gramática (Rosário; Oliveira, 2016).

1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]) adota a correlação função > forma, a LFCU adota a bidirecionalidade função < > forma. Dessa maneira, a forma e a função possuem o mesmo grau de importância, não havendo qualquer tipo de hierarquização entre os conceitos.

Ademais, a LFCU adota da Gramática de Construções o conceito de construção, assumindo-a como a unidade básica da língua (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Langacker, 2008), que se estabelece por meio da relação entre uma forma específica a um significado específico. Isso posto, o sistema linguístico é tido como um inventário de construções organizadas hierarquicamente em rede, em diferentes níveis de esquematicidade.

Nessa perspectiva, a língua é um sistema de entidades interconectadas, formando uma extensa rede de nós ligados por elos. Assim como outros sistemas cognitivos, a língua é uma rede de nós associados entre si por meio de hierarquias de herança (Langacker, 1987). A Linguística Cognitiva defende que a língua é estruturada em forma de rede de construções relacionadas mediante associações simbólicas orientadas por princípios cognitivos gerais. Conforme Hudson (2007), a noção de rede construcional e suas relações pautam-se na ideia de que qualquer aspecto da língua pode ser descrito em termos de nós e tipos de herança. Logo, a gramática é holística, admitindo que nenhum nível é autônomo ou nuclear.

Traugott e Trousdale (2013) também contribuem para a noção de que a língua como um todo é uma rede ao defenderem que esta é dinâmica, possibilitando que novos elos e novos nós sejam estabelecidos constantemente. Assim, a Linguística Cognitiva e a Linguística Funcional Centrada no Uso compartilham o mesmo pressuposto de que a estrutura da língua está estritamente relacionada ao seu uso em variados contextos. Sendo assim, a organização da gramática é moldada pelo uso da língua pelos falantes.

Essa concepção de gramática não faz distinção da natureza constitutiva entre os itens lexicais e os itens gramaticais, sendo todos considerados construções, formadas pelo pareamento entre forma e significado. Todos os níveis de análise gramatical e lexical envolvem construções. Desse modo, a noção de construção se aplica a qualquer estrutura gramatical ou lexical, incluindo tanto sua forma quanto seu significado (Croft, 2001).

A construção é definida como o pareamento entre forma e significado (Fillmore, 1988; Goldberg, 1995; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013). A partir de Langacker (1987) e Croft (2005), entendemos as construções como unidades simbólicas convencionais. Segundo Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017, p.4):

[...] convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes; simbólicas porque são signos, associações relativamente arbitrárias de forma e significado; unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que ele é estabelecido como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua.

Para Croft (2001), a noção de construção se aplica a qualquer estrutura gramatical ou lexical na língua, desde morfemas a padrões altamente esquemáticos. O modelo de Croft (2001) atesta que há uma relação indissociável entre aspectos formais e funcionais de uma construção. A figura a seguir representa a constituição da construção dentro desse modelo:

Figura 1 - Representação da construção reproduzida de Croft (2001, p. 18)



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Conforme Croft (2001), o polo do sentido traduz todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, isto é, os aspectos da função

que são compartilhados por um grupo de falantes, de qualquer comunidade linguística, pelo uso da língua. Nesse sentido, atuam sobre a função as propriedades de natureza semântica, pragmática e discursiva. No polo da forma, operam as propriedades de natureza sintática, morfológica e fonológica.

No modelo de Traugott e Trousdale (2013), a representação construcional é da seguinte forma: $[[F]] \Leftrightarrow [[S]]$, em que F representa o pólo da forma, constituído por sintaxe, morfologia e fonologia, e S representa o significado, constituído por discurso, semântica e pragmática. A flecha de duas pontas diz respeito ao elo entre forma e significado, e os colchetes sinalizam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada.

Goldberg (1995, 2006) define que a construção constitui-se de um pareamento de forma e sentido já convencionalizado pelos falantes. De modo mais atual, de acordo com a própria autora, a construção é o pareamento forma-função (Goldberg, 2016), pois o termo “função” seria mais abrangente do que o termo “sentido” ou “significado”. Em vista disso, neste trabalho, assumimos a noção de construção como pareamento entre forma e função convencionalizado na língua.

Quando surgem novos pareamentos forma-função na língua, há a emergência de novas construções, devido às necessidades comunicativas dos falantes. Assim, a gramática consiste na organização cognitiva da experiência do indivíduo com a língua. Essas novas construções são categorizadas na mente do falante e organizadas em rede.

Na subseção seguinte, descrevemos, de forma sucinta, as principais abordagens construcionais e suas contribuições para a delimitação dos conceitos de construção e de rede e para a formulação da abordagem construcional nos termos assumidos por Traugott e Trousdale (2013).

2.1.2 MODELOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Conforme discutido na subseção anterior, a Linguística Funcional Centrada no Uso coaduna princípios da Gramática de Construções e do Funcionalismo clássico de vertente norte-americana. Dessa forma, elencamos, nesta subseção, os sete modelos de gramática que têm sido adotados na perspectiva construcional, com o objetivo de traçar o panorama histórico até o surgimento da

abordagem construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

As gramáticas construcionais reúnem princípios gerais da Linguística Cognitiva e baseiam-se em restrições, e não em regras. As várias abordagens construcionais apresentam diferenças notáveis entre si, porém Goldberg (2013) identificou alguns princípios que são assumidos por todas (Furtado da Cunha; Cunha Lacerda, 2017). Dessa forma, as abordagens construcionais compartilham os seguintes princípios: (i) a unidade básica da gramática é a construção; (ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na superfície da estrutura sintática, sem derivações; (iii) a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós ligações entre os nós; (iv) a variação entre línguas – e também a variação dialetal – pode ser explicada de várias maneiras, incluindo processos cognitivos de domínio geral e construções de variedade específica.

Outro princípio compartilhado pela maioria dessas abordagens é o de que a estrutura da língua é determinada pelo uso linguístico (Traugott; Trousdale, 2013, p. 3). Além disso, as diferentes abordagens construcionistas concebem a gramática de forma holística, uma vez que defendem que nenhum nível da gramática é autônomo e nem principal, já que a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática atuam conjuntamente em uma construção.

A Gramática de Construções compreende, portanto, um termo genérico para uma variedade de modelos. Nesse sentido, Trousdale e Hoffman (2013) categorizam sete modelos no livro intitulado *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, os quais serão sucintamente apresentados a seguir.

A Gramática das Construções de Berkeley foi cunhada por Fillmore (1988). Essa abordagem explora a hipótese de que alguns aspectos da construção podem ser universais. O foco inicial dos trabalhos, nesse contexto, foram expressões e idiomas idiossincráticos, como o estudo da construção *let alone* (Fillmore; Kay; O'connor, 1988) e o estudo do esquema *what's X doing Y*, por exemplo, *What's this fly doing in my soup?* (Kay; Fillmore, 1999). Esses estudos tiveram enfoque na observação da frequência de cada tipo de expressão que ocorre naturalmente na fala e na escrita, além da centralidade dessas estruturas no conhecimento linguístico do falante (Fillmore, 2013). É importante destacar que Fillmore e Kay (1999) basearam suas pesquisas em um caráter mais tradicional e descritivo.

A Gramática de Construções Baseada no Signo (SBGC), por sua vez, foi

desenvolvida no enquadre da Gramática de Construções de Berkeley, tendo como principais teóricos Boas e Sag (2012). Essa abordagem construcionista assume que a língua é um sistema baseado no signo. Na perspectiva saussureana, o signo é uma combinação somente de forma e significado, no âmbito do léxico. Na SBCG, incluem-se no conceito de signo: i) estruturas fonológicas e morfológicas; e ii) categorias sintáticas, semânticas e fatores textuais, incluindo estrutura de informação. Nesse sentido, os signos são moldados como estruturas características.

Já a Gramática de Construções Cognitiva (CCG) teve início anterior à abordagem da Gramática de Construções de Berkeley, com os trabalhos de Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006), recebendo esse nome a partir de Croft e Cruse (2004). Goldberg (1995) definiu construções como o pareamento entre forma e sentido, sendo que algum aspecto da forma ou algum aspecto do sentido não é derivável da combinação das partes que compõem a construção ou de outras construções preexistentes. A Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) é caracterizada fundamentalmente por defender que as construções podem ser de qualquer tamanho, compreendendo desde sentenças mais complexas até afixos flexivos. As construções variam, portanto, em constituição, indo do esquemático para o parcialmente esquemático até construções totalmente específicas em tamanho, em forma e em complexidade. A principal contribuição da Gramática de Construções Cognitiva para o aporte teórico da LFCU é a definição da bidirecionalidade entre forma e significado (Goldberg, 1995, 2006) e, de modo mais atual, a bidirecionalidade entre forma e função (Goldberg, 2016), defendendo que as duas instâncias possuem o mesmo estatuto e mesmo grau de importância.

Por sua vez, a Gramática de Construções Radical (RGC) foi postulada por Croft (2001), baseando-se na relação entre descrição gramatical e tipologia da língua. Nesse modelo, tanto as construções quanto as categorias são definidas especificamente na língua. A principal contribuição desse modelo para a LFCU é a noção de rede construcional, isto é, nenhuma construção é instanciada na língua de forma isolada, pois a língua é organizada hierarquicamente em redes, sendo que cada construção representa um nó específico. Ademais, a autora aponta os elementos constituintes do polo da forma (aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos) e do polo do significado (aspectos semânticos,

pragmáticos e discursivos).

O quinto modelo é a Gramática Cognitiva, termo cunhado por Croft e Cruse (2004). No contexto desse modelo, Langacker (2009) rejeita a noção de um subcomponente sintático da gramática e conceptualiza o signo a partir da ligação entre estrutura semântica e estrutura fonológica. Por essa razão, a sintaxe está ausente nesse modelo, distinguindo-se substancialmente dos modelos anteriores apresentados. Para Langacker (2009), a habilidade do falante de construir a mesma situação de formas alternativas envolve perspectiva, estratégia e direção do escaneamento mental. As principais contribuições da Gramática Cognitiva para o aporte teórico da LFCU residem na noção de que as generalizações são descritas a partir dos elementos entre os membros de uma categoria. Além disso, Langacker (1987) também adota um modelo baseado no uso, o que é necessário para a análise do léxico. Dessa forma, alguns dos pontos defendidos pelo autor também são relevantes para o aporte teórico da LFCU, tais como: i) a frequência demonstra os usos convencionalizados e sancionados na língua; ii) as categorizações por protótipos diferem das categorizações por esquemas; e iii) os esquemas e suas instanciações representam conteúdos compartilhados a partir de diferentes níveis de especificidade.

Ademais, existem mais dois outros modelos, os quais são a Gramática de Construção Fluida (FCG) e a Gramática de Construção Incorporada (ECG). Além de sua natureza formal, essas duas abordagens também compartilham o fato de serem voltadas especificamente para a implementação computacional. Em relação à Gramática de Construção Fluida, Luc Steels (2011) chama a atenção para o fato de que o FCG é um formalismo que permite aos pesquisadores da Gramática de Construções formularem suas descobertas de maneira precisa e testarem as implicações de suas teorias para análise, produção e aprendizado de linguagem. Por sua vez, Bergen e Chang (2005) apontam que a questão motriz do modelo da Gramática de Construção Incorporada é como a linguagem é usada em contextos reais de situações físicas e sociais.

A Gramática de Construção Fluida (FCG) é um formalismo gramatical de construção computacional de código aberto que permite aos linguistas computacionais escrever formalmente o inventário de construções lexicais e gramaticais. Esse modelo mostra que a gramática da construção não precisa ficar apenas no nível verbal, trazendo uma série de vantagens em comparação com as

usadas tradicionalmente na linguística computacional, do ponto de vista da eficiência, porque as construções podem estender-se a todos os níveis de análise linguística, do ponto de vista da robustez, porque as construções podem ser aplicadas com flexibilidade e, do ponto de vista da linguagem de modelagem, como um sistema aberto e adaptativo (Hoffman; Trousdale, 2011).

Por fim, a Gramática de Construção Incorporada (ECG) é uma tentativa de modelar computacionalmente os mecanismos cognitivos e neurais subjacentes comportamento linguístico humano. Um dos principais princípios do ECG é que a simulação mental desempenha um papel crucial no processamento linguagem (Hoffman; Trousdale, 2011). Bergen e Chang (2005) examinam esse papel da simulação mental no processamento e descrevem como a linguagem pode ser vista como uma interface para a simulação.

Em seguida, apresentamos um quadro de Pinheiro e Alonso (2018), que representa o compilado desses modelos.

Quadro 1- Panorama teórico da Gramática de Construções atualmente
(Pinheiro; Alonso, 2018, p. 21-22)

	Incorpora processos associados à cognição geral?	Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?
Berkeley Construction Grammar (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)	Não	Não
Sign-Based Construction Grammar (BOAS; SAG, 2012)	Não	Não
Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; a sair)	Sim	Sim
Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987; 1991)	Sim	Sim
Radical Construction Grammar (CROFT, 2001)	Sim	Sim
Fluid Construction Grammar (STEELS, 2011)	Sim	Sim
Embodied Construction Grammar (BERGEN; CHANG, 2005)	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21-22).

A partir da análise do quadro acima, podemos afirmar que a Gramática de Construções está dividida em duas grandes áreas, atualmente. De um lado, temos modelos que se baseiam no uso (*usage-based*) e apoiam-se em uma abordagem funcional-cognitiva. Do outro lado, temos modelos que se baseiam na

competência (*competence-based*). Portanto, a *Berkeley Construction Grammar* e a *Sign-Based Construction Grammar* consideram apenas a competência, desconsiderando o uso linguístico. Logo, a gramática do falante depende apenas do *input* a que ele é exposto. Com base no quadro, os demais modelos da Gramática de Construções admitem que a gramática da língua é resultante do uso e das experiências linguísticas dos falantes.

A LFCU tem se fundamentado principalmente nos modelos de Gramática de Construções representados pela Gramática de Construções Cognitiva (*Cognitive Construction Grammar*), desenvolvido por Goldberg (1995, 2006, 2016), e pela Gramática de Construções Radical (*Radical Construction Grammar*), desenvolvida por Croft (2001). Esses modelos adotam o enfoque baseado no uso da língua e defendem que as estruturas linguísticas não são inatas, mas derivam de processos cognitivos gerais.

Por conseguinte, ao assumir os pressupostos da Gramática de Construções, defende-se que o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções, em que a construção é a unidade básica da língua (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995, 2006). Assim como outros sistemas cognitivos, a língua é organizada por uma rede de nós que são ligados por elos, e algumas das associações que se estabelecem entre esses nós tomam a forma de hierarquias de herança (Langacker, 1987).

Na subseção a seguir, apresentamos, portanto, os pressupostos do modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), abordagem que orienta este trabalho.

2.2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA

Nesta subseção, apresentamos pontualmente o modelo proposto por Traugott e Trousdale, publicado na obra *Constructionalization and Constructional Changes*, em 2013. Nessa publicação, os autores assumem um enfoque construcional para a mudança linguística, servindo como grande contribuição para os estudos desenvolvidos no âmbito da LFCU. Assim, destacamos as principais contribuições desse modelo para a mudança linguística, a qual não foi focalizada nos modelos construcionistas citados na subseção anterior. Em seguida, tratamos das

propriedades da mudança linguística, na subseção 2.2.1, e dos mecanismos de mudança, na subseção 2.2.2.

Traugott e Trousdale (2013), com base na Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Croft e Cruise, 2004), assumem o termo construção, definido como o pareamento entre forma e significado (Goldberg, 1995) e convencionalizado na língua, de modo que os aspectos formais e os aspectos funcionais são indissociáveis e bidirecionais, não havendo uma hierarquização entre eles. A partir disso, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017) elencam três principais contribuições desse modelo para o estudo da mudança linguística, as quais são: (i) modelo que focaliza o estudo da mudança linguística, considerando que a língua está organizada hierarquicamente em redes taxonômicas; (ii) modelo que trata da mudança linguística a partir de duas dimensões distintas, denominadas pelos autores como mudança construcional e construcionalização; (iii) modelo que objetiva abranger, de maneira sistemática, a mudança que ocorre tanto na gramática quanto no léxico.

Ao assumirem que as construções na língua estão organizadas, de modo hierárquico, em redes taxonômicas, Traugott e Trousdale (2013) estabelecem a distinção entre três níveis de esquematicidade, a saber: esquema, subesquema e microconstrução. O esquema corresponde ao nível mais hierárquico e esquemático da rede, compreendendo as construções mais genéricas com possibilidades diversas de preenchimento – *slot*. Já o subesquema corresponde a um conjunto de microconstruções que apresentam similaridades. Por sua vez, as microconstruções correspondem aos pareamentos forma-função que já se encontram convencionalizados e produtivos na língua, isto é, são as construções propriamente ditas, com os slots integralmente preenchidos. Na proposta desses autores, os construtos correspondem às ocorrências atestadas empiricamente, sendo caracterizados como o *locus* da mudança, mas não compõem um nível de esquematicidade, como propõe Traugott (2008a, 2008b).

Em relação às dimensões da mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) definem a mudança construcional como a mudança que ocorre na dimensão interna da construção, dado que é a mudança que afeta as características de uma construção preexistente, seja no polo da forma – de natureza fonética, morfológica e sintática – seja no polo da função – de natureza semântica, pragmática e discursiva –, não levando ao surgimento de uma nova

microconstrução. Por sua vez, a construcionalização é definida como um novo pareamento forma-significado, envolvendo a emergência de novas construções na língua. Os autores salientam que as mudanças construcionais que precedem e viabilizam a construcionalização são denominadas pré-construcionalização. Por outro lado, a construcionalização pode ser seguida de mudanças construcionais, e essas mudanças posteriores denominam-se pós-construcionalização.

No que concerne à terceira contribuição, Traugott e Trousdale (2013) defendem que a construcionalização opera tanto no léxico quanto na gramática. A abordagem construcional da mudança assume a perspectiva não modular da língua. Dessa forma, os diferentes níveis de análise – fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso – devem ser analisados de forma integrada. Portanto, há uma relação de continuidade entre gramática e léxico.

Nesse sentido, os autores propõem os termos *construcionalização lexical* e *construcionalização gramatical*, em que a diferença residiria na gradualidade do desenvolvimento de construções gramaticais e de construções lexicais. Enquanto a construcionalização lexical envolveria a emergência instantânea de construções lexicais, a construcionalização gramatical envolveria a emergência gradual de construções gramaticais. Diante disso, a rede construcional de {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a} na língua portuguesa, representa uma construcionalização gramatical, uma vez que construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, consistem no desenvolvimento de pareamentos forma-função que possuem primordialmente função gramatical e procedural.

É importante ressaltar que o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013), o qual fundamenta este trabalho, foi, inicialmente, desenvolvido para o estudo da mudança linguística diacrônica. No entanto, Rosário e Lopes (2017), assim como Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019), assumem que é possível justificar instanciações na língua no tempo presente com base nesse modelo. Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p.186), com base na proposta de Rosário e Lopes (2017), assumem que a dinamicidade de uma língua pode ser atestada mesmo na sincronia, “com ênfase na analogização – mecanismo que, juntamente com neoanálise e a frequência de uso (Traugott, 2011a; Traugott; Trousdale, 2013), promovem a construcionalização gramatical” (Dall’orto; Cunha Lacerda, 2019, p.186).

Na subseção seguinte, explicitamos as propriedades da mudança

propostas por Traugott e Trousdale (2013) no âmbito da abordagem construcional da mudança.

2.2.1 PROPRIEDADES DA MUDANÇA

Traugott e Trousdale (2013) se dedicam a sistematizar um modelo focalizado na mudança linguística, para dar conta de descrever a mudança que ocorre tanto no léxico quanto na gramática. Os autores propõem três propriedades que atuam na mudança concomitantemente: a composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade.

A composicionalidade está relacionada à ideia de transparência em relação à forma e sentido de uma construção (Traugott; Trousdale, 2013). Ademais, essa propriedade é comumente pensada em termos semânticos – o significado das partes e do todo – e em termos sintáticos – expressões bem formadas e mais complexas são geradas com base em expressões menores. Portanto, quanto mais difícil é para o falante reconhecer o significado das partes separadamente de uma construção, menos composicional ela é. Logo, podemos dizer que essa construção é mais vinculada em termos semântico-sintáticos.

E, nesse caso, quanto menos composicional, maior é chance de formação de *chunking* – definido por Bybee (2003, 2007, 2011) e também por Traugott e Trousdale (2013) como uma unidade de processamento resultante do processo de mudança. Ademais, Bybee (2010) afirma que o *chunking* é um processo que é ativado por meio da frequência de uso de unidades que são usadas em conjunto. Desse processo, resulta a formação de relações sequenciais cada vez mais fixas. Tal relação torna-se mais forte conforme a alta frequência com que essa sequência de unidades é empregada dentro da cadeia sintagmática. Portanto, em consequência à alta frequência de uso das unidades em conjunto, há uma rotinização e forma-se, então, uma relação sequencial. Desse modo, essa sequência de unidades é concebida como uma única unidade na cognição, funcionando de maneira independente. E a unidade complexa que se forma a partir do processo de *chunking* é denominada *chunk* (Bybee, 2010).

A propriedade da esquematicidade constitui “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração” (Traugott; Trousdale, 2013, p.

13, tradução nossa)¹⁰. Segundo os autores, um esquema refere-se a uma generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não. Essa propriedade está relacionada à noção de rede construcional, pois os esquemas são abstrações de conjuntos de construções similares que se relacionam entre si em forma de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas. Dessa forma, a mudança linguística de uma construção não ocorre de modo isolado, mas interligada com os outros elementos da rede à qual pertence.

A esquematicidade opera com a distinção entre os níveis de abstração, uma vez que os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, a partir dos quais as redes construcionais se estabelecem na língua. Assim, a esquematicidade está relacionada à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas (Cunha Lacerda, 2018).

Por fim, a propriedade da produtividade está intimamente relacionada à noção de frequência – a frequência *token* e a frequência *type* –, nos termos de Bybee (2003, 2011). De um lado, temos a frequência *token* que compreende os construtos reais compilados a partir dos *corpora*, ou seja, o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto. Do outro lado, temos a frequência *type*, que revela a instância individual, representando os construtos que são aferidos, ou seja, o número de diferentes tipos que um padrão particular possui. Por conseguinte, quanto mais produtiva é uma construção, mais ampla poderá se tornar, sendo empregada em novos contextos comunicativos.

A produtividade de uma construção, portanto, está diretamente relacionada à propriedade da esquematicidade, dado que o aumento ou diminuição da frequência de uso de determinado padrão construcional influencia o grau de extensibilidade do esquema ou dos subesquemas envolvidos no processo (Traugott; Trousdale, 2013). Dessa forma, a frequência de uso de uma construção constitui um mecanismo de mudança na interação comunicativa, essencial para a incorporação de novas construções na língua, assim como os mecanismos da neoanálise e da analogização. Traugott (2011a, 2011b) destaca que a repetição está relacionada à produção do falante, enquanto a neoanálise e

¹⁰ Cf.: “[...] a property of categorization which crucially involves abstraction”.

a analogização¹¹ dependem da interpretação do ouvinte.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), essas propriedades estão interligadas e podem ser verificadas nos processos de mudança linguística de natureza gramatical ou de natureza lexical. A seguir, apresentamos uma representação dessa relação:

Quadro 2 - Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de Traugott e Trousdale, 2013, p. 193, tradução nossa)

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical		
	Construcionalização lexical	Construcionalização gramatical
Esquematicidade	Ampliação do esquema: aumento de esquematicidade Redução do esquema: diminuição de esquematicidade	Aumento de esquematicidade
Produtividade	Ampliação do esquema: aumento de produtividade Redução do esquema: diminuição de produtividade	Aumento de produtividade
Composicionalidade	Redução de composicionalidade	Redução de composicionalidade

Fonte: Traugott e Trousdale (2013).

Com base na análise do quadro acima, na construcionalização lexical, as propriedades da esquematicidade e da produtividade aumentam ou diminuem conforme a extensibilidade do esquema. Contudo, na construcionalização gramatical, há um aumento de produtividade e de esquematicidade. Em ambos os tipos de construcionalização, há a redução da propriedade da composicionalidade.

Nesse contexto, Traugott e Trousdale (2013) levantam o questionamento

¹¹ Os conceitos de neoanálise e analogização serão definidos e discutidos na próxima seção.

sobre como essas propriedades atuam na mudança linguística, ou seja, como ocorrem as mudanças na língua. Como solução para essa questão, os autores propõem o estudo dos mecanismos da mudança linguística, os quais serão brevemente discutidos na seção seguinte.

A seguir, explicitamos os mecanismos da mudança propostos no âmbito da abordagem construcional da mudança.

2.2.2 MECANISMOS DA MUDANÇA

Traugott e Trousdale (2013, p. 35) apontam a necessidade de diferenciarmos os mecanismos de mudança das motivações para a mudança, para estudar como os falantes de uma língua reúnem representações mentais de uma expressão ao longo do tempo. As motivações explicam a razão pela qual as mudanças acontecem. As motivações podem ser várias, tal como motivações cognitivas, como, por exemplo, pensamento analógico, aquisição, comunicação. Por outro lado, os mecanismos de mudança dizem respeito a como essas mudanças acontecem e são processadas durante o uso da língua pelos falantes que buscam ser cada vez mais expressivos. Dito isso, os autores apresentam a neanálise e a analogização como mecanismos da mudança.

A analogia é um processo comum aos seres mamíferos, ou seja, o processamento analógico não é exclusivo do ser humano. Portanto, é pertinente que façamos uma diferenciação entre pensamento analógico e analogização (Traugott, 2011a). A analogia diz respeito a um processo cognitivo (Fischer, 2011), podendo ser pensada como uma motivação para a instanciação de novas construções na língua, conforme Traugott e Trousdale (2013). No entanto, não é todo pensamento analógico que desencadearia uma mudança. Logo, nem sempre resultará em uma inovação linguística compartilhada pelos falantes de uma dada comunidade.

Por outro lado, a analogização configura-se como sendo o próprio mecanismo da mudança linguística (Traugott, 2011a; Traugott; Trousdale, 2013), responsável pelo modo como um novo pareamento forma-função surge na língua. Nesse sentido, o pensamento analógico é acionado para a interpretação das novas construções por meio da associação com características formais e funcionais de uma rede construcional preexistente. A analogização envolve o

alinhamento de novas construções, tomando como base aspectos da forma e da função de um padrão construcional fixo na língua. Assim, o mecanismo da analogização implica reconfiguração das dimensões internas da construção (Traugott; Trousdale, 2013).

Toda analogização envolve uma neoanálise (Traugott; Trousdale, 2013), uma vez que a neoanálise é mecanismo da mudança que incide nas propriedades internas da construção – aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e/ou discursivos. Mas, pode haver neoanálise sem a ocorrência de analogização. Dessa forma, os autores sinalizam que a neoanálise seria o mecanismo de mudança primário.

Traugott e Trousdale (2013) adotam o termo neoanálise em detrimento do termo reanálise, perspectiva que também seguimos no tratamento do objeto deste trabalho. O termo reanálise diz respeito à reinterpretação de formas e/ou funções em contextos específicos no momento da interação. Langacker (1977) define esse termo como sendo a mudança que ocorre na estrutura de uma expressão ou classe de expressões, não envolvendo modificação imediata na sua superfície. Conforme os autores, o termo reanálise é problemático, dado que não ocorre uma reinterpretação de uma construção que ainda não foi internalizada, mas sim uma nova interpretação.

A neoanálise manifesta a capacidade humana de criar símbolos para o uso imediato, pois o processo de neoanálise implica criação de uma nova representação na mente do falante. Esse processo, segundo Traugott e Trousdale (2013), ocorre por meio de micropassos em uma mudança construcional. Por conseguinte, esse mecanismo corresponde a uma nova interpretação de um padrão construcional já internalizado com uma nova combinação de uma forma e uma função.

No eixo paradigmático, a analogização se processa via metaforização para a emergência de uma nova construção, sendo considerada um mecanismo para a mudança linguística. Para Traugott e Dasher (2002), a metaforização constitui um processo que opera entre domínios distintos, conceptualizados como domínio fonte e domínio alvo por relações de diferenças e semelhanças. A relação entre esses domínios se dá por meio da projeção de um domínio conceptual mais abstrato em um domínio conceptual mais concreto, permitindo que o falante faça uma nova análise – neoanálise – de uma experiência mais concreta como uma

experiência mais abstrata.

No eixo sintagmático, temos a metonimização, que atua como processo cognitivo na mudança linguística, por meio do qual inferências sugeridas são semantizadas, por um processo de associação e contiguidade (Traugott; Dasher, 2002). Portanto, a metonimização opera no mesmo domínio conceptual e baseia-se em processos de inferência sugerida. Essas inferências decorrem da conceptualização de relações da parte pelo todo, ou seja, o falante seleciona um em vez do outro para não violar a máxima da quantidade, dizendo somente o necessário.

De acordo com a Teoria da Inferência Sugerida, proposta por Traugott e Dasher (2002), novos sentidos passam a existir na língua instantaneamente e espalham-se de forma gradual dentro de uma comunidade de fala. No entanto, a expressão de um novo sentido é instantânea no nível individual. O novo uso passa a ser generalizado em contextos diversos e, caso obtenha valor social e destaque na sociedade, ganhará força pragmática. Assim, a inferência sugerida ocorre quando o falante ativa implicaturas conversacionais para o surgimento de um pareamento entre uma nova forma e uma nova função e chama a atenção do ouvinte para interpretar e neoanalisar esse novo construto de forma particular (Traugott; Dasher, 2005). Logo, são a necessidade comunicativa e o propósito comunicativo do falante que motivam a inferência sugerida.

Nessa perspectiva, o falante busca ser cada vez mais expressivo devido às suas necessidades comunicativas. Nesse contexto, a comunicação é uma ação intersubjetiva, na qual o locutor considera a face do outro (Goffman, 1967) para se proteger ou ameaçar ou também proteger a face do interlocutor. Desse modo, a intersubjetividade refere-se à relação entre locutor e interlocutor no discurso, em que o locutor seleciona enunciados cada vez mais expressivos para tentar chamar a atenção de seu interlocutor.

2.3 (INTER)SUBJETIVIDADE E O POSICIONAMENTO AVALIATIVO DO FALANTE

Para uma maior compreensão da noção de intersubjetividade presente no uso de construções com o sufixo *-inho/a*, representando o diminutivo na língua portuguesa, é necessário explicitarmos o conceito de proteção de face que será

aplicado à análise dos dados. Para tal, nos pautamos em Goffman (1967), o qual defende que a interpretação realizada pelo interlocutor acerca das ações do locutor, e vice-versa, depende da perspectiva.

Diante disso, o autor aponta a existência de dois pontos de vista para o locutor, os quais são: i) um defensivo, em que o locutor tenta proteger a sua face; e ii) um protetivo, em que o locutor tenta proteger a face do outro (Goffman, 1967). Portanto, as nossas falas e ações não dependem somente de nós mesmos, mas também, da perspectiva do outro, da forma como outro as enxerga. Nesse sentido, Goffman (1967, p.5, tradução nossa¹²) define o termo face como:

[...] um valor social positivo que uma pessoa efetivamente clama para si a partir de como os outros compreendem sua conduta durante um contato específico. A face é uma imagem do *eu* delineada conforme atributos sociais aprovados [...].

Assim como ocorre a proteção à face, também é possível haver ameaça à face, ainda que de forma inconsciente, uma vez que, como vimos, a nossa fala não depende apenas de nós, mas da intersubjetividade em relação ao outro, de sua interpretação. Goffman (1967) afirma que é possível o locutor se encontrar em diversas situações de ameaça à face, uma vez que tanto ele próprio quanto o(s) seu(s) interlocutor(es) podem ameaçar a própria face ou a do outro.

Em relação à intersubjetividade, Traugott e Dasher (2005) afirmam que tal motivação se processa via metonimização, em que o falante busca instanciar enunciados em que ele possa indexar o seu posicionamento, instanciando novos padrões construcionais, com novas formas e novas funções (Traugott; Dasher, 2005).

No que concerne à (inter)subjetividade, Traugott (1995 *apud* Cuyckens *et al.*, 2010) assume que essa motivação decorre da subjetividade do falante e da sua preocupação com a relação interacional com o interlocutor. A (inter)subjetividade é marcada pela díade falante-ouvinte, em que os sujeitos se posicionam durante a interação comunicativa, se identificando como “eu” e identificando o outro como “você”. Com base nisso, Traugott e Dasher (2005) diferenciam a subjetividade da (inter)subjetividade. Por um lado, a subjetividade faz com que o locutor se imponha

¹² Cf.: “The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes [...]” (Goffman, 1967, p.5).

no discurso e exprima seu ponto de vista, marcando, portanto, o posicionamento pessoal. Em contrapartida, a ancoragem intersubjetiva diz respeito à codificação linguística da preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor, indexando um posicionamento interpessoal. Nesse sentido, o surgimento de novas construções se estabelece mediante um *continuum* crescente de (inter)subjetividade (Traugott, 2010), em que um pareamento forma-função passaria, com o decorrer do tempo, de sentidos [+ subjetivos] – crenças e atitudes do falante – para sentidos [+ intersubjetivos] – preocupação do falante com a imagem do outro.

No âmbito do conceito de intersubjetividade, é relevante discutir também a noção de avaliação (White, 2003). No que concerne ao posicionamento avaliativo do falante, a teoria *Appraisal* tem servido como base para o estudo da avaliação. De acordo com Martin (2003), White (2003) e Page (2003), a teoria *Appraisal* está preocupada com os recursos linguísticos pelos quais os textos e falantes expressam, negociam e naturalizam posições particulares intersubjetivas e, em última análise, ideológicas.

Assim, esta teoria tem como objeto de estudo o posicionamento ou a expressão de atitudes, emoções e julgamentos de valor, constituindo uma nova perspectiva para a análise da avaliação e de seus subsistemas. Dessa forma, conforme os autores, a avaliação está relacionada a significados que mostram o envolvimento do falante com as suas proposições.

A teoria *Appraisal* divide a avaliação em três subsistemas, a saber: o engajamento, a gradação e a atitude (White, 2003). O engajamento diz respeito à voz do locutor ou autor em relação às diversas proposições veiculadas por um texto, significados pelos quais os falantes reconhecem ou ignoram a diversidade de pontos de vista colocados em risco por seus enunciados e negociam um espaço interpessoal para suas próprias posições dentro dessa diversidade. No que se refere à gradação, corresponde aos valores pelos quais os falantes graduam – aumentam ou diminuem – o impacto interpessoal, a força ou o volume de seus enunciados, e pelos quais graduam – desfocam ou aguçam – o foco de suas categorizações semânticas. Por fim, a atitude está ligada aos valores pelos quais os falantes fazem julgamentos e associam respostas emocionais e afetivas a participantes e processos.

Para White (2003), o subsistema da atitude inclui aqueles significados pelos quais os textos e falantes atribuem um valor intersubjetivo ou avaliação aos

participantes e processos por referência a respostas emocionais ou a sistemas de valores culturalmente determinados. O autor divide esse subsistema em três categorias: o afeto, a apreciação e o julgamento. A avaliação por afeto é definida como a caracterização de fenômenos tendo como referência a emoção e os sentimentos do falante; a avaliação por apreciação diz respeito à avaliação de entidades ou processos tendo por referência princípios estéticos e outros sistemas de valor social; a avaliação por julgamento, por sua vez, refere-se à avaliação do comportamento humano com relação às normas sociais.

Conforme já apontamos, segundo Traugott (2010), as novas construções que surgem na língua se estabelecem por meio de um *continuum* crescente de (inter)subjetividade, conforme demonstramos ocorrer com as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, tendo como base as noções de avaliação (White, 2003) e de proteção e ameaça à face (Goffman, 1967).

2.4 CONCLUSÃO

Nesta seção, vimos brevemente alguns dos princípios basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso, aporte teórico adotado na análise do objeto deste trabalho. Dessa forma, assumimos que a língua é organizada hierarquicamente por extensas redes (Croft, 2001), em que a construção é a unidade básica da língua (Goldberg, 1995, 2006, 2016). Nesse contexto, propomos, no nível esquemático mais basilar, cinco microconstruções.

Nesse sentido, na seção 2.1, apresentamos, de forma sucinta, os pressupostos fundamentais da LFCU. Em seguida, descrevemos os principais modelos de abordagens construcionais que contribuíram para o surgimento da abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Assim, na seção 2.2, discutimos que a abordagem construcional da mudança pode ser vista como inovadora, uma vez que focaliza a mudança linguística sob uma perspectiva construcional. Portanto, ao assumirmos que as renovações da língua são provenientes do uso, defendemos que as construções se configuram como pareamentos entre forma e função (Goldberg, 2016), assim como Traugott e Trousdale (2013) propõem.

Logo em seguida, abordamos as propriedades da composicionalidade, da esquematicidade e da produtividade, que operam na mudança linguística, levando ao surgimento de novas construções na língua. Essas propriedades atuam conjuntamente e são fundamentais para a organização das construções em redes taxonômicas. Além disso, tratamos dos mecanismos da mudança que visam a explicar como as mudanças linguísticas ocorrem, os quais são: analogização e neanálise. O primeiro está ligado à comparação mental e inconsciente que o falante faz durante o processo de formação de um novo pareamento forma-função, ou seja, é uma comparação que faz surgir uma nova construção no eixo paradigmático, e o segundo está ligado a uma nova significação de construções já existentes na língua até a instanciamento de uma nova construção. Além disso, vimos que as mudanças linguísticas decorrem da necessidade comunicativa dos falantes, que buscam ser cada vez mais expressivos e intersubjetivos. Então, os falantes acionam esses mecanismos para interpretar a função de uma nova construção.

Na seção 2.3, discorreremos a respeito do conceito de (inter)subjetividade, o qual se relaciona com os conceitos de avaliação (White, 2003) e proteção e ameaça à face (Goffman, 1997), que foram aplicados na seção de análise deste trabalho.

Nesse sentido, assumindo que o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, tem sido amplamente utilizado em contextos avaliativos, de modo que o falante expresse o seu posicionamento, podemos elencar algumas questões fundamentais da abordagem construcional da mudança para a análise das construções com o diminutivo, a saber: i) as construções são as unidades básicas da língua e estão hierarquicamente organizadas em redes taxonômicas; ii) as mudanças linguísticas ocorrem em micropassos ao longo do tempo por meio de mecanismos de mudança e, quando há um novo pareamento forma-função, há a emergência de um novo nó na rede; iii) as construções avaliativas com o diminutivo analisadas neste trabalho configuram novos pares de forma-função; e iv) as construções avaliativas com o diminutivo apresentam características (inter)subjetivas no que diz respeito à sua função e ao seu contexto de uso.

Por conseguinte, com base no aporte teórico discutido nesta seção, analisamos como as construções instanciadas com o diminutivo – representado pelo sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, a um adjetivo ou a um advérbio –, configuram padrões construcionais distintos e individuais na língua, os quais, na sincronia atual, se organizam em rede.

3 O DIMINUTIVO EM DISCUSSÃO

Nesta seção, temos por objetivo referenciar os principais trabalhos que se dedicam ao estudo do diminutivo na língua portuguesa, apontando suas contribuições e lacunas e ressaltando, principalmente, a relevância da presente pesquisa ao propor uma análise do sufixo *-inho/a* com base na abordagem construcional da mudança.

Na seção 3.1, realizamos uma revisão a respeito do grau na língua portuguesa, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, com base no trabalho de Silva (2014). Mais adiante, na seção 3.2, apresentamos, brevemente, uma revisão bibliográfica do percurso histórico-gramatical do diminutivo no português brasileiro (Santana, 2017) no que tange ao seu tratamento nas gramáticas (Oliveira, 1536; Barros, 1540; Barbosa, 1822; Cegalla, 1981; Cunha; Cintra, 1985; Rocha Lima, 1992; Bechara, 2009). Posteriormente, descrevemos os estudos sobre o processo formativo dos diminutivos na língua portuguesa (Zanotto, 1986; Frota, 1985; Lee, 1995, 1999; Gonçalves, 2005). Em seguida, na seção 3.3, realizamos uma breve revisão bibliográfica de trabalhos já realizados no âmbito da língua em uso acerca do diminutivo (Alves, 2006; Pereira, 2020). Por fim, na seção 3.4, sistematizamos nossas considerações a respeito dos conceitos discutidos nesta seção e da revisão bibliográfica realizada.

3.1 O GRAU NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REVISÃO GERAL

Nesta seção, realizamos uma revisão do trabalho de Silva (2014) acerca do grau sob a perspectiva da LFCU. Sendo assim, destacamos as suas contribuições referentes à análise do grau a partir de uma abordagem holística do fenômeno.

Silva (2014) propõe, em sua obra “O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso”, examinar o grau de maneira mais holística. Segundo o autor, o grau é um conceito mais genérico que envolve noções de escalaridade e comparação semânticas, compreendendo também a relação com categorias tais como dimensão, intensificação, quantidade, hierarquia, avaliação e afetividade. Ademais, diferentemente de outros estudos que realizam uma descrição semântico-estrutural do grau, como é feito nas gramáticas tradicionais, Silva (2014) considera o

polo da função – fatores semânticos, cognitivos, discursivos e sociopragmáticos implicados nos diferentes usos – e o polo da forma – aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e textuais.

Assim como descrevemos na seção 1 desta dissertação, a LFCU tem como premissa basilar que a gramática da língua é motivada por fatores linguísticos, cognitivos e sociocomunicativos, os quais permitem explicar aspectos externos e internos ao sistema. É dentro desse contexto teórico que Silva (2014) defende que o grau não está invariavelmente vinculado ao estudo de categorias lexicais, desprivilegiando-o como categoria gramatical. Portanto, o autor alarga o seu escopo e ressalta a abrangência dessa categoria, tanto do ponto de vista semântico como também do ponto de vista das estratégias discursivas mais usadas nos processos intercomunicativos, das mais simples até as mais formais.

No que diz respeito à discussão acerca de o grau configurar ou não um processo de flexão ou de derivação, Silva (2014) limita-se a afirmar que, do ponto de vista morfológico, o grau é um caso de derivação, haja vista este

[...] não ser obrigatório; não ser paradigmático, isto é, não segue um padrão previsível; não ter relevância sintática, ou seja, não influencia a concordância; ser formal e funcionalmente multifacetado, o que significa que pode ser expresso por recursos linguísticos diversos e exibe um variado leque de propriedades semântico-discursivas (Silva, 2014, p. 31).

Sendo assim, Silva (2014) orienta o seu estudo quanto ao grau em articulação entre língua, discurso, cognição e interação, considerando os diferentes níveis linguísticos que envolvem tal fenômeno, e não apenas a dimensão da morfologia.

No que tange aos aspectos funcionais do grau, o autor, em consonância com o aporte teórico da LFCU, destaca aspectos referentes à sua natureza semântico-cognitiva, como tipologia, escalaridade, base comparativa e projeções metafóricas/metonímicas, e à sua natureza discursivo-pragmática, como informatividade, perspectivização e progressão discursiva (Silva, 2014). Ademais, Silva (2014) salienta que todos esses domínios são compreendidos como entrelaçados e interdependentes, logo, não é possível traçar limites claros entre um e outro no que diz respeito ao uso do grau.

Em relação à tipologia semântica, o autor divide o grau em seis macrocategorias, as quais ele denomina como: dimensiva, quantitativa, intensiva, hierárquica, avaliativa e afetiva. No entanto, Silva (2014) pondera que, em alguns contextos, tais macrocategorias podem aparecer superpostas ou, ainda, com diferenciação pouco definida.

A primeira macrocategoria proposta pelo autor refere-se ao grau dimensivo, definido como “escalamento em nível aumentado ou diminuído do tamanho/extensão físico(a), estatura, proporção ou volume de uma dada entidade (ser ou coisa)” (Silva, 2014, p. 40). Portanto, esse tipo de grau está intimamente ligado à descrição do mundo físico.

A segunda macrocategoria que o autor apresenta é a do grau intensivo, também denominada intensificação. Conforme Silva (2014, p. 41), a intensificação

[...] tem a ver com o incremento semântico aplicado a um determinado conteúdo para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação de intensidade, caracterizada pelo reforço escalar de direção para mais ou para menos, atribuída a uma dada noção, em geral, de natureza mais abstrata (Silva, 2014, p. 41).

A terceira macrocategoria descrita pelo autor é a do grau quantitativo, que está vinculada “especificamente à quantificação indefinida de referentes contáveis/mensuráveis para mais ou para menos” (Silva, 2014, p. 41). A quarta macrocategoria é a do grau hierárquico ou posicional, que é definido por Silva (2014, p. 42) como sendo “denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou de um estado de coisas considerado(a) como possuidor(a) de status/condição superior ou inferior em uma escala de valores”. Já a quinta macrocategoria classificada pelo autor é a do grau avaliativo, em que “o locutor exprime algum julgamento positivo (para mais) ou negativo (para menos) em relação a alguém/algo, revelando nisso considerável valorização ou depreciação” (Silva, 2014, p. 42-43). Por fim, a última macrocategoria da qual o autor trata é a do grau afetivo. Segundo ele, “esse tipo de grau é, na verdade, um pseudograu, uma vez que nenhum conteúdo é de fato graduado. Trata-se antes de uma forma de o locutor demonstrar atitude gentil/carinhosa em relação a quem se dirige ou ao que se refere” (Silva, 2014, p. 43).

Em seguida, Silva (2014) discute acerca da escalaridade, uma vez que esta está intimamente relacionada à concepção de grau. Isso significa dizer que o grau está associado a tudo o que pode ser escalonado em diferentes níveis, o que inclui eventos, conteúdos referenciais e situações que são conceptualizados em termos escalares. Dessa forma, como mencionado anteriormente, a dimensão, a intensificação, a quantificação, a hierarquia, a avaliação e a afetividade são categorias que podem ser graduadas ou escalonadas.

Como vimos, Silva (2014) defende que o grau deve ser desvinculado das categorias linguísticas com as quais se articula. Logo, o autor afirma que o que se gradua é, na verdade, a noção que está por trás da classe lexical que a codifica, mas não nega a relação existente entre o que se quer graduar e a classe lexical que tal noção se vincula. É nesse contexto que o autor destaca que há casos em que não são as entidades referenciais substantivas que serão graduados, e sim os atributos que aparecem substantivados, como, por exemplo, em “[...] aí a situação é muito comédia ... (*Corpus D&G/RJ apud Silva, 2014, p. 50*). Assim, o substantivo “comédia” equivale mais ou menos a engraçado ou hilariante.

Outro ponto discutido por Silva (2014) é a base comparativa do grau. De acordo com o autor, na atribuição de grau parte de um ponto de referência, que pode ser uma noção neutra, normal ou já graduada. Segundo Silva (2014, p. 52), “o conceito de grau fundamenta-se no confronto em relação a uma base referencial (noção comparativa) via determinados critérios de julgamento”. Portanto, o grau sempre é estabelecido a partir de uma comparação de noções entendidas como sendo semelhantes ou distintas, mesmo que essa comparação não apareça verbalmente.

Em vista disso, o autor abandona a distinção clássica entre comparativo e superlativo e adota os conceitos de comparação explícita – quando o comparante é expresso linguisticamente, como em “[...] cada máscara era mais horrível do que a outra...” (*Corpus D&G/Natal, p. 339 apud Silva, 2014, p. 53*) – e comparação implícita – quando o comparante é inferido mediante o contexto, como em “[...] a sala é o maior e o mais ventilado cômodo da casa...” (*Corpus D&G/Natal, p. 81 apud Silva, 2014, p. 53*).

Silva (2014), posteriormente, trata das projeções metafóricas e/ou metonímicas em noções graduais. Segundo o autor, o falante conceptualiza o grau de forma mais abstrata e subjetiva no uso da língua a partir da sua experiência

concreta com os ambientes físico, afetivo e sociocultural. A esse respeito, Silva (2014, p. 56) considera o seguinte:

[...] muitos conceitos graduais têm sua origem na percepção sensório-motora resultante de nossas experiências com o mundo físico e sociocultural [...]. Explicando: os recursos lexicais e tantas outras estratégias morfológicas e/ou sintáticas de acréscimo estrutural, o alongamento silábico, a ênfase sonora e demais manifestações acústicas representam, na verdade, uma tentativa de reflexo simbólico dos conceitos básicos de quantidade, tamanho/dimensão, peso/força, localização e estados/sensações biofísicos(as) ou psicoafetivos(as) e também daqueles derivados de algo reputado como possuidor de um certo grau de valor/desvalor, oriundos da relação corporal do indivíduo com o espaço, seres, objetos, eventos e/ou situações com que está/esteve em contato (Silva, 2014, p. 56).

Posto isto, Silva (2014) explica como determinadas formas graduadoras emergem diretamente desses processos de conceptualização básica, a metáfora e a metonímia.

O autor inicia com a projeção metafórica do conceito de quantidade. O esquema cognitivo desse conceito pode ser expresso por meio da expressão INTENSIDADE É QUANTIDADE, em que a noção do domínio mais concreto, da quantidade, é mapeada no domínio mais abstrato, da intensidade. Silva (2014) traz como exemplo o excerto “[...] e entra muita gente também... e numa dessa... numa dessas cevas de entra e sai... entrou uma garota muito bonita...” (*Corpus D&G/Natal*, p. 105 apud Silva, 2014, p. 57), em que o pronome indefinido adjetivo “muita” se relaciona à quantidade de “gente”, enquanto o advérbio “muito” relaciona-se à noção de intensificação do adjetivo “bonita”. Para o autor, tal exemplo nos permite constatar o mapeamento metafórico do domínio mais concreto, da quantidade numérica, no domínio mais abstrato, no domínio da intensificação. E esse mapeamento metafórico parece ser a projeção fundante no que tange à atribuição de grau, por ser a mais frequente.

A segunda projeção metafórica relacionada à noção de grau é a de tamanho/dimensão. Em relação ao mapeamento metafórico entre tamanho/dimensão e intensidade, Silva (2014) levanta a hipótese de que, possivelmente, exista uma operação metonímica entre quantidade e tamanho, uma vez que o tamanho de uma determinada entidade depende da sua quantidade de massa material. Desse modo, como Silva (2014) destaca, é comum a estreita

relação entre quantidade e dimensão. Por exemplo, “Gastar um dinheirão com telefonia local só tem graça quando não é na sua empresa. Lig Local da Intelig Telecom...” (*Veja*, 18 maio 2005, p. 95 *apud* Silva, 2014, p. 60), em que o sufixo “-ão”, na palavra “dinheirão”, indica uma quantidade exagerada de dinheiro, que é conceptualizada em termos de tamanho aumentativo (Silva, 2014).

De acordo com Silva (2014), pode-se admitir que MAIS É MAIOR e MENOS É MENOR, surgindo, assim, o esquema básico mais geral QUANTIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO. Então, quando se afirma que algo é grande ou pequeno, largo ou estreito, alto ou baixo, espesso ou fino, pressupõe-se por trás se encontra a noção quantitativa, configurando, portanto, uma projeção metonímica. E essa relação metonímica entre quantidade e tamanho/dimensão origina o esquema conceptual metafórico INTENSIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO, mantendo o vínculo entre quantidade e intensidade, de forma implícita. Por meio do uso dos afixos, é possível observar a transposição do conceito de tamanho/dimensão para o domínio da intensificação, como ocorre, por exemplo, em “[...] ela [a cidade de Espírito Santo/RN] se localiza próximo a Goianinha... nessa região Oeste... é uma cidadezinha pequenininha... poucos habitantes...” (*Corpus D&G/Natal*, p. 80 *apud* Silva, 2014, p. 61). Nesse exemplo, no substantivo “cidadezinha”, o sufixo “-inha” designa o tamanho pequeno da cidade, indicando, portanto, uma noção mais concreta. Já no adjetivo “pequeninha”, o mesmo sufixo “-inha” funciona como elemento de ênfase mais intensiva, dado que o termo “cidade” já se encontra com gradação para menos (Silva, 2014).

Outra projeção metafórica abordada por Silva (2014) é a noção de peso/força. O autor destaca que, da mesma forma que associamos a quantidade de massa material de uma entidade ao seu tamanho, também estabelecemos igual relação de contiguidade entre a dimensão física de uma determinada entidade e o seu peso ou a sua força, para mais ou para menos. Tal relação, de acordo com Silva (2014), pode ser representada pelo esquema cognitivo INTENSIDADE É PESO/FORÇA, como, por exemplo, em “[...] a top gaúcha [Ana Hickmann] tira proveito do auge e investe pesado para transformar seu nome numa grife de luxo” (Angeli, A. Cláudia, jun. 2004, p. 144 *apud* Silva, 2014, p. 68). Nesse caso, a expressão “investir pesado” pode ser interpretada como “fazer um investimento” em uma quantidade considerável, no que se refere a valores financeiros. Dessa forma, como a quantidade relaciona-se, metonimicamente, a peso e, metaforicamente à

intensidade, isso nos permite deduzir que esta também pode ser associada à noção de peso (Silva, 2014). Seguindo essa lógica, Silva (2014) conclui que a formulação do conceito de intensidade é resultante da cadeia associativa de natureza metonímica, que poderia ser esquematizada como quantidade – tamanho – peso.

A quarta projeção apresentada por Silva (2014) está relacionada ao conceito de localização (vertical ou horizontal). O autor enfatiza que esse conceito não se restringe somente à posição superior/inferior ou além/aquém de determinada entidade, mas também abrange o fato este estar situado em um ponto considerado máximo ou além de um limite admitido como sendo “normal”. É por esta razão que Silva (2014) defende que o esquema conceptual INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO associa-se aos esquemas cognitivo-perceptuais mais básicos do recipiente – metáfora do *container* nos termos de Lakoff e Johnson (1999) – e da quantidade mensurável. Assim sendo, a intensificação, segundo Silva (2014), pode ser expressa por palavras ou expressões como “alto”, “elevado”, “profundo” – verticalmente –, e “avançado”, “extremo”, “pra lá de” – horizontalmente etc..

No enunciado “Apesar do eleitorado feminino ser infinitamente maior, nenhuma mulher assumirá no próximo ano uma cadeira na Câmara. O que é profundamente lamentável” (Saboya, C. de. *Diário de Natal*, 9 out. 2004, p. 3 *apud* Silva, 2014, p. 69), os termos “infinitamente”, atribuído ao adjetivo dimensional “maior”, e “profundamente”, atribuído ao adjetivo “lamentável”, indexam noção intensiva. O advérbio “infinitamente” sugere a interpretação de que algo se estende, de forma horizontal, a um ponto cuja distância não pode ser mensurada. Já o advérbio “profundamente” pode ser interpretado a partir de uma noção de posição vertical em um ponto extremamente baixo/fundo e distante da superfície (Silva, 2014).

Por fim, a quinta projeção metafórica é oriunda de experiências biofísicas e psicoafetivas. Conforme Silva (2014), as experiências biofísicas são experiências biológicocorporais, tais como calor, surdez, arrepio, vertigem, tontura, dor, cansaço, doença, morte etc.. Já as experiências psicoafetivas são de caráter emocional, como medo, temor, paixão e outros. Por esta razão, encontra-se a noção de intensidade sendo expressa por palavras como “extenuante”, “sufocante”, “ensurdecedor”, “ofuscante”, “doentio”, “estonteante”, “acalorado”, “ardente”, “vertiginoso” e outras (Silva, 2014. p. 73). Por exemplo, “[...] tá certo que... só um pouquinho de ciúme... vai... não aquele ciúme doentio...” (*Corpus D&G/Natal*, p. 353 *apud* Silva, 2014, p.

73). Nesse exemplo, o adjetivo “doentio” exprime conceptualização metafórica de intensidade atribuída a ciúme. De acordo com o autor, é possível inferir que a palavra “doentio” se apresenta aqui como o resultado de uma extrema intensidade do ciúme. Nesse caso, também ocorre um processo metonímico, em razão da relação de contiguidade entre algo considerado prejudicial e a consequente capacidade de causar reação de pavor. Assim, o resultado de tal metonímia gera a função metafórica intensiva. A esse respeito, Silva (2014, p. 75) conclui que

[...] o mapeamento metafórico em termos dessas experiências biofísicas, refletido na expressão intensificadora, provavelmente deriva da associação metonímica mais básica entre a conceitualização intensiva do evento/da situação referido(a), atuante como causativo de forte impacto, e seu resultado de proporções altamente sensíveis. Este, num processo de reinterpretação e de reorganização semântico-sintática, acaba por assimilar o valor intensivo, descartando o(s) marcador(es) característico(s) dessa função, o que culmina num desses tipos de construção conceitual de intensidade (Silva, 2014, p. 75).

Portanto, a respeito das projeções metafóricas e metonímicas propostas por Silva (2014) envolvendo a intensificação, o autor demonstra que o falante conceptualiza a intensificação por meio de um processo metafórico, baseado nas suas experiências sensório-motoras e culturais. Assim, o autor também comprova que a formulação da metáfora intensiva parte de um domínio mais concreto, o qual está subjacente a um processamento cognitivo metonímico, isto é, há uma relação de causa-efeito ou de contiguidade entre os esquemas cognitivos mais básicos e a noção de intensidade.

Com respeito à perspectivização, Silva (2014) afirma que esta se refere ao modo como o grau é conceptualizado pelo falante, ou seja, refere-se ao ponto de vista que ele adota sobre os fatos e a maneira como se pretende apresentá-lo ao interlocutor. Portanto, a atribuição de grau reflete a perspectiva adotada em relação à maneira como se conceptualiza e enfoca um dado evento ou entidade. O autor, então, propõe uma caracterização mais refinada a respeito da perspectivização envolvendo a noção de grau, analisando, para tanto, o aspecto, a escalaridade, o escopo/a incidência, a explicitude/a estratégia de significação e a ancoragem.

Quanto ao aspecto, o grau pode ser focalizado como pontual – o grau atribuído é exposto como dado e definido – ou processual – o grau apresentado ainda está em andamento ou com certa duração. Com respeito à escalaridade, o grau

pode ser perspectivizado como polarizado ou escalonado. Quanto à escalaridade polarizada, o grau é conceptualizado como estando em um dos extremos da escala. Por sua vez, na escalaridade escalonada, o grau situa-se em ponto indefinido da escala. Quanto à explicitude, o grau pode ser focalizado de forma direta, quando o conceito graduado está exposto diretamente na superfície do texto, ou de forma indireta, quando o conteúdo graduado não está verbalmente explicitado. Em relação ao escopo, o grau pode ser localizado – o conteúdo graduado incide sobre um dado referente de modo mais específico e individualizado. Em termos de ancoragem, o grau pode ser focalizado sob o viés objetivo, quando estiver calcado na experiência com o mundo físico; sob o viés subjetivo, quando é expresso um ponto de vista particular do falante, sinalizando o modo como ele deseja comunicar dado conteúdo; ou ainda sob o viés intersubjetivo, quando vinculado à esfera interacional, em que os parceiros da comunicação estão envolvidos (Silva, 2014).

Acerca da informatividade e da progressão discursiva, Silva (2014) destaca que o grau contribui para a cadeia informativa do texto, bem como auxilia na coerência temática e na coesão. Desse modo, o autor afirma que a gradação de um referente ou evento pode ser crucial para a construção de uma rede de sentidos no processamento discursivo.

Na parte final, Silva (2014) descreve os aspectos formais do grau: nos planos fonético, morfológico, lexical, sintático e textual.

No plano fonético, conforme o autor, o grau se estabelece pela utilização de recursos sonoros, por meio do alongamento da sílaba, do reforço silábico e da fala silabada, que também atribui maior reforço e tonicidade a uma dada construção linguística.

Segundo Silva (2014), no plano morfológico, ocorre por meio da afixação (prefixal e/ou sufixal) que marca a noção de grau. No aspecto lexical, o grau se manifesta no próprio lexema, ou seja, o item lexical em si já indica uma gradação. Em relação ao plano sintático, o grau se revela por meio de certas estruturas sintagmáticas ou construções oracionais específicas, como “super mal”, “o mais longe que pude”. No âmbito textual, a noção de gradação ocorre de maneira distribuída em um determinado segmento textual, sendo assim, marcada de forma indireta e implícita. O autor apresenta duas formas: a reiteração, em que o grau é demonstrado por meio da repetição enfática da mesma ideia ao longo de uma sequência do texto; e a gradação discursiva, que ocorre ao longo – de uma porção –

do texto, de forma crescente – gradação aumentativa – ou decrescente – gradação diminutiva.

Outrossim, Silva (2014) chama a atenção para casos em que diferentes planos de expressão se sobrepõem, isto é, a sobreposição de formas diversificadas de codificar o grau que pertencem a planos linguísticos distintos. De acordo com Silva (2014), esse procedimento confere à expressão gradativa maior destaque de conteúdo e maior relevância discursiva. Por exemplo, isso ocorre com situações como “vai ser um verdadeiro terror” (lexical e fonético), “muito cedinho” (morfológico e sintático) e “muuuito bem” (fonético e sintático).

O trabalho de Silva (2014) nos fornece valiosas contribuições no que diz respeito ao estudo do grau. Diferentemente dos outros trabalhos referenciados – Oliveira, 1536; Barros, 1540; Barbosa, 1822; Cegalla, 1981; Cunha; Cintra, 1985; Rocha Lima, 1992; Bechara, 2009 –, este autor, pautado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, nos conduz a um olhar mais amplo e mais holístico sobre o grau, de forma a contemplar não apenas seus aspectos formais, mas também suas particularidades funcionais. Nesse sentido, a atribuição do grau é compreendida por Silva (2014) como algo além de uma forma linguística e uma atividade semântica, pois o grau é também um fenômeno cognitivo e discursivo-pragmático baseado nas experiências humanas no mundo físico e sociocultural.

No entanto, o trabalho de Silva (2014) também apresenta limitações em relação ao que realmente é graduado. Como vimos, Silva (2014) contribui com seu estudo ao defender que há casos em que a gradação não recairá sobre a entidade referencial, mas sobre os atributos dessa entidade. No entanto, como demonstraremos na seção 5, a gradação pode não estar no referente e nem em seus atributos, mas o que pode estar em gradação é o posicionamento do falante, ou seja, o que será escalonado é o grau de (inter)subjetividade do falante, levando a um alto grau de comprometimento com o que é dito. Portanto, o grau afetivo não pode ser considerado como pseudograu, como afirma o autor. Segundo Silva (2014), o grau afetivo não possui nenhum conteúdo que, de fato, esteja sendo graduado. Porém, com base nos dados desta pesquisa, quando se trata de uma avaliação afetiva, a gradação recai sobre o posicionamento do falante, que apresenta um grau maior de (inter)subjetividade em uma escala do [+ concreto] ao [+ abstrato].

As lacunas por nós apontadas no trabalho de Silva (2014) se devem, possivelmente, à delimitação do objeto pelo autor, uma vez que, por tratar de forma genérica tanto a intensificação quanto o grau, ele deixa de explorar algumas particularidades acerca desses conceitos. Desse modo, na seção seguinte, tratamos de estudos específicos sobre construções com o diminutivo na língua portuguesa, mediante diferentes abordagens linguísticas.

3.2 O DIMINUTIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REVISÃO GERAL

Na presente seção, traçamos, de modo breve, um percurso histórico-gramatical até a contemporaneidade. Em seguida, a partir da revisão da literatura, apresentamos algumas discussões acerca da formação do diminutivo na língua portuguesa, com o sufixo *-inho/a*.

Para a realização deste trabalho, é relevante o estudo das primeiras gramáticas do português até as mais contemporâneas, a fim de descrever os aspectos linguísticos e a expansão semântica do diminutivo. Nesse sentido, Santana (2017) afirma que, entre os séculos XVI e XVII, as gramáticas descreviam o emprego dos diminutivos como principal mecanismo de formação de palavras, oferecendo uma descrição mais no nível sintático e fonológico, sem muitas informações sobre a forma e o funcionamento dos diminutivos apresentados, como veremos a seguir.

Oliveira (1536) entendia que os diminutivos faziam parte do que ele denominava de dições tiradas – palavras derivadas – em oposição à dições primeiras – palavras primitivas –. Ademais, na *Gramática da Língua Portuguesa*, Barros (1540) conceitua o diminutivo como uma noção de pequenez, sem mencionar diretamente as formas a partir das quais se apresenta na língua. O autor apenas as exemplifica, como

[...] aquele que tem alguma diminuição do nome principal de onde se derivou como: de homem, homenzinho; de mulher, mulherzinha; de moço, mocinho; de criança, criancinha. E outros muitos que se formam e acabam em diferentes terminações, mais por vontade do povo que por regra de boa Gramática¹³ (Barros, 1540, p.304).

¹³ Barros (1540), quando se refere a uma boa gramática, faz referência a uma gramática prescritiva.

Além desses gramáticos, Barbosa (1822), em sua *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, por sua vez, faz menção às formas a partir das quais o diminutivo aparece, *-inho* e *-zinho*, afirmando que os diminutivos se referem à modificação das palavras primitivas. Essa modificação pode ocorrer de duas formas: quando a palavra termina com vogal ou consoante, ela recebe [x-inho] ou [x-inha]; quando a palavra termina em ditongo, ela recebe [x-zinho] ou [x-zinha]. Portanto, o autor não defende a existência de apenas uma forma do diminutivo, uma vez que considera a variação entre os sufixos diminutivos que ocorre com as palavras terminadas em consoante, como, por exemplo, *mulherinha* e *mulherzinha*. O gramático também menciona que há uma gradação de tamanho entre as formas diminutivas, em que é atribuído a *-zinho* um grau dimensional menor que *-inho*, ainda que sutilmente menor, como, por exemplo, *mulherinha* seria menor do que *mulherzinha*.

Conforme Soares Barbosa (1822), as palavras primitivas terminadas em vogal ou consoante são mais propensas a diminuir com a base finalizando em [x-inho] ou [x-inha], como *filhinha*, *mulherinha*, enquanto as terminadas em ditongo tendem a diminuir sendo acrescidas de [x-zinho] ou [x-zinha], como, por exemplo, *leãozinho* e *pãozinho*, em que a presença de “z” é um recurso para evitar o hiato. O autor também destaca que os diminutivos alteram a determinação dos primitivos para diminuir o sentido das palavras.

Ao longo dos séculos, Santana (2017) demonstra que a abordagem das gramáticas normativas passou a incorporar o nível semântico nas discussões sobre o diminutivo, juntamente com o nível morfossintático. Desse modo, outros sentidos para o diminutivo foram aparecendo nas gramáticas normativas, tais como: carinho, afeto, compaixão, desprezo, escárnio, ridicularização.

Posto isso, observam-se os primeiros registros do diminutivo para além de indicar tamanho, atribuindo, também, características afetivas positivas ou negativas. Como é possível observar em Cegalla (1981), na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, que “o grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres”, portanto, “o grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído” (Cegalla, 1981, p.94). Entretanto, o gramático já aponta que alguns diminutivos, além de apresentar ideia diminutiva, possuem acentuada tonalidade negativa, como *saberete*, *gentinha*,

povinho, papelucho, governicho, ou acentuada tonalidade positiva, *como filhinho, paizinho, pezito*.

Esse novo tratamento dado ao diminutivo é mais significativo na passagem entre o século XIX e XX, quando, de fato, as gramáticas começam a contemplar descrições sobre o funcionamento e a forma dos diminutivos da língua portuguesa (Santana, 2017). As gramáticas normativas começam a incluir outras ideias relacionadas aos diminutivos, como afeição, compaixão, intensidade, quantidade, entre outras (Cunha; Cintra, 1985; Rocha Lima, 1992; Bechara, 2009).

Na gramática de Cunha e Cintra (1985), os autores, assim como nas gramáticas latinas, partem de uma longa lista dos principais sufixos diminutivos, tais como *-acho*, de *riacho*, *-ebre*, de *casebre*, *-zinho*, de *cãozinho*, etc., e afirmam que os formativos *-inho* e *-zinho* podem ser combinar-se a nomes, advérbios e outras palavras invariáveis, como, por exemplo, *devagarzinho, adeusinho e agorinha*. Os gramáticos também ressaltam que os sufixos *-inho* e *-zinho* não alteram o gênero da palavra derivante. E, seguindo esse novo tratamento, esta gramática não reduz o significado do diminutivo à noção de pequenez, mas indica que o diminutivo também pode estar vinculado a um valor afetivo.

No entanto, é importante ressaltar que essa descrição que considera a expansão semântica do diminutivo nas gramáticas normativas e manuais é gradual. Santana (2017) identificou os seguintes sentidos: (i) tamanho pequeno: *bandejinha* – bandeja pequena –, *livrinho* – livro pequeno –; (ii) aproximação afetiva positiva: *travesseirinho* – travesseiro agradável –, *cartinha* – carta carinhosa –; (iii) depreciação: *berçozinho* – berço de baixa qualidade –, *gentinha* – grupo de pessoas sem valores morais –; (iv) intensidade: *branquinha* – muito branca –, *gordinho* – muito gordo –; (v) duração, *chorinho* – choro de curta duração –, *febrinha* – febre de curta duração –; (vi) quantidade: *aguinha* – pouca água – e *bigodezinho* – bigode com poucos pelos.

Por fim, destacamos a gramática de Bechara (2009), que acrescenta, na descrição do diminutivo, aspectos prosódicos no processo de derivação do diminutivo. Segundo o gramático, “fora a ideia de tamanho, as formas diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base” (Bechara, 2009), mas são acompanhadas por uma entoação especial de euforia, de crítica, de admiração, de lamentação, configurando o diminutivo afetivo.

Bechara (2009) defende que a dimensão afetiva pode ter sentido depreciativo no grau diminutivo, exemplificando com *padreco*, *politicalho*, *livreco* e *coisinha*, com uma interpretação pejorativa, ou pode estabelecer ideia de carinho e afeto, como nas palavras *queridinha*, *mãezinha* e *paizinho*.

A partir deste percurso histórico-gramatical, verifica-se que, conforme a gramática normativa, o diminutivo é, convencionalmente, o processo gramatical que diz respeito aos nomes derivados, por meio de sufixos, que expressam a noção de dimensão pequena em relação às suas palavras primitivas (Oliveira, 1536; Barbosa, 1822; Barros, 1540).

No entanto, na passagem entre o século XIX e XX, as gramáticas começaram a atribuir outros sentidos ao processo de derivação nos diminutivos, e não somente a ideia de pequenez, mas também ideias associadas à emotividade (Cunha; Cintra, 1985; Bechara, 2009, dentre outros), diminuindo situações de forma apreciativa ou depreciativa. Logo, ainda que os estudos do diminutivo nas gramáticas estejam atrelados, essencialmente, ao nível morfológico, percebemos a interação de outros níveis linguísticos.

Após descrever esse percurso do estudo do diminutivo na gramática normativa, discutiremos a formação do diminutivo na língua portuguesa por meio da revisão da literatura. Os temas mais frequentes nas discussões sobre o diminutivo estão relacionados à inclusão de *-inho* e *-zinho* por meio dos processos flexionais ou derivacionais.

Quanto a esse tema, os autores das gramáticas normativas concordam que o grau deva ser tratado como flexão de nomes – adjetivos e substantivos –, tornando-os equivalentes em gênero e número. Conforme Cunha (1979), “os substantivos podem variar em número, gênero e grau” e “como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em número, gênero e grau” (Cunha, 1979, p. 254).

Por outra perspectiva, Zanotto (1986 *apud* Barbosa, 2012) considera que o aspecto semântico é relevante para a distinção entre flexão e derivação. Para o autor, em regra, a derivação resulta em alterações de sentido mais profundas do que a flexão, pois é um processo de formar novas palavras, utilizando prefixos e sufixos, dentro das possibilidades que a língua oferece, enquanto a flexão estabelece relações fechadas, devendo obedecer à concordância entre os termos da sentença, não permitindo a criação de novas palavras. Por exemplo, a diferença entre as palavras *anda* e *andava* é apenas temporal; e entre *pedra* e *pedras*, a diferença está

na quantidade; mas a diferença entre *pedreiro* e *pedreira* é muito maior, pois está criando uma nova palavra, portanto, um novo sentido.

Nesse sentido, Frota (1985, p. 13) sustenta que os sufixos de grau – aumentativo e diminutivo – “apenas acentuam ou minimizam a carga semântica da base, tenha ela valor pejorativo ou não”, se aproximando do paradigma da derivação. Também nessa lógica, Ezarani (1989) propõe que há uma escala entre as palavras do menor grau ao maior grau, sendo o grau de quantidade intensiva ou dimensiva, com significado positivo ou negativo. Dessa forma, a autora sustenta que o grau se encontra num *continuum* quantitativo de dimensão e de intensificação.

Lee (1995, 1999), em sua proposta, no âmbito da Fonologia Lexical, considera dois níveis lexicais na formação de palavras, alfa – nível derivacional – e beta – nível flexional –, partindo do princípio de que o processo de formação do diminutivo, seja com a forma *-inho* seja com a forma *-zinho*, ocorre no nível beta, o que levaria à inferência de que ambos são sufixos do nível da palavra. O autor conclui que a formação do diminutivo se diferencia dos processos derivacionais e dos compostos lexicais – que acontecem no nível alfa –, uma vez que a formação do diminutivo acontece no nível beta, no qual se aplica a formação flexional.

Ademais, Gonçalves (2005) considera que “a flexão tem sido definida como processo morfológico regular, aplicável em larga escala e sem qualquer possibilidade de mudança na categoria lexical das bases”; em contrapartida, “a derivação vem sendo descrita como processo idiossincrático, caracterizado pelo potencial de mudar classes e por grandes restrições de aplicabilidade.” (Gonçalves, 2005, p.7). Nesse sentido, o autor defende que esses fenômenos são bem conhecidos, mas os critérios que os distinguem não são bem formulados.

Assim, Gonçalves (2005) apresenta uma proposta gradualista de Bybee (1985), em que as classes de categorias morfológicas, flexionais e derivacionais, sejam definidas prototipicamente. Segundo o autor, “há afixos mais centrais e outros mais periféricos no interior de cada uma dessas classes morfológicas” (Gonçalves, 2005, p. 92). Em relação a esse tema, Bybee (1985) defende que a flexão e derivação sejam os polos opostos de uma mesma classe de processos morfológicos, logo, um afixo seria mais ou menos flexional ou mais ou menos derivacional.

Nesse sentido, observa-se que a proposta dos protótipos é uma possível solução para o tratamento dado à formação dos diminutivos na língua portuguesa. No entanto, Neto (2012) levanta alguns questionamentos acerca da demarcação entre flexão e derivação. O autor ressalta que a Gramática Tradicional (GT) cunhou a distinção entre esses processos com base no modelo morfológico “palavra-e-paradigma”¹⁴, em que a “flexão é interna ao paradigma e a derivação é externa” (Neto, 2012, p. 310). E os critérios demarcatórios que os distinguem permanecem os mesmos até as gramáticas atuais (Neto, 2012).

Neto (2012) aponta que, na proposta dos protótipos de Bybee (1985), a flexão e a derivação ainda continuam existindo a priori, nos termos da GT. Apesar disso, a classificação prototípica¹⁵ pressupõe que não existam classes claramente definidas, nem propriedades necessárias e suficientes capazes de defini-las.

Isto posto, neste trabalho defende-se que a formação morfológica do diminutivo, com o sufixo *-inho/a*, pode ser classificada como um processo mais derivacional, uma vez que não se trata de um fenômeno obrigatório, não influenciando a concordância e podendo ser expresso por diferentes recursos linguísticos com diversas propriedades semântico-discursivas, como veremos na descrição do pareamentos forma-função das construções identificadas e analisadas na seção 5.

Por conseguinte, é possível perceber que os estudos acerca desse tema restringem a análise aos níveis morfológico, sintático e semântico, em que o sufixo *-inho*, por processo de derivação ou flexão, combina-se a um nome, expandindo semanticamente a palavra-base, na dimensão de tamanho ou de afetividade. Assim, diferentemente desses trabalhos, que investigam a palavra em si mesma, esta pesquisa, em sua análise, leva em consideração o contexto em que a palavra está sendo inserida e a necessidade de o falante de ser cada vez mais expressivo.

Para tanto, entendemos que a construção é a unidade mais básica da língua (Goldberg, 1995, 2006, 2016), a qual é composta pelo polo da forma – propriedades

¹⁴ O modelo morfológico “palavra-e-paradigma” consiste em conceber a palavra como unidade atômica de análise, isto é, não há elementos menores que ela, a qual se associa a conjuntos de formas alternativas – paradigma – de uma mesma ideia, apresentando “acréscimos” secundários a essa ideia (Neto, 2012).

¹⁵ Neto (2012, p. 316) salienta que a “classificação prototípica propõe que os conceitos são construídos ao redor de alguns poucos elementos de classificação inegável – os protótipos – e que outros elementos vão sendo incorporados ao conceito porque apresentam alguma semelhança com o protótipo”.

sintáticas, morfológicas e fonológicas – e pelo polo da função – propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (Croft, 2001). Nessa perspectiva, não assumimos que a forma do diminutivo seja *-inho* ou *-zinho* apenas, mas que ela envolve, na verdade, os recursos linguísticos em torno do nome, adjetivo ou advérbio, combinado com o sufixo *-inho*. E, para cada forma que o diminutivo aparece, haveria uma nova função, que é distinta das demais. Logo, objetivamos descrever de que maneira as construções com o diminutivo, representado por *-inho/a*, se instanciam na língua.

3.3 O DIMINUTIVO SOB O ENFOQUE DA LÍNGUA EM USO

Na presente seção, revisitamos brevemente alguns estudos que se baseiam na língua em uso, apontando suas contribuições e destacando paridades e possíveis lacunas em relação ao presente estudo no que diz respeito à instanciação e à convencionalização de construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, na língua portuguesa.

Como mencionado na seção anterior, o diminutivo normalmente é definido, nas gramáticas, em termos de grau nominal, em que o significado básico é o tamanho menor que o original. Mas algumas gramáticas comentam outras noções associadas ao diminutivo, como noções afetivas, pejorativas, apreciativas etc., mas também elencam outros possíveis sentidos secundários. Portanto, uma das lacunas detectadas nas propostas teóricas é o tratamento limitado do significado e das funções exercidas pelo diminutivo.

Contudo, alguns trabalhos se destacam por considerarem, no tratamento do diminutivo, aspectos semânticos e pragmáticos de forma mais explícita. Basílio (2004) reconhece que o diminutivo atua tanto na esfera semântica quanto na pragmática. Apesar de a autora não partir de exemplos do diminutivo em uso real da língua, conclui que há quatro funções distintas atribuídas ao diminutivo: i) função de diminuição concreta de tamanho; ii) função de diminuição avaliativa; iii) função denotativa; e iv) função expressiva. Com base nessa descrição, temos, de um lado, a dimensão semântica do diminutivo, manifestando-se nos casos de diminuição concreta de tamanho e na função denotativa – formação de palavras novas, como *cafezinho* e *salgadinho*. Por outro lado, nos casos em que o diminutivo manifesta

funções expressivas e funções de diminuição avaliativa, apresenta-se uma dimensão pragmática. Desse modo, diferentemente dos estudos realizados nas gramáticas tradicionais, Basílio (2004) reconhece a relevância da dimensão pragmática para a descrição do diminutivo e contribui para o entendimento da interface entre as dimensões semântico-pragmática na análise. No entanto, apesar de não se restringir a um estudo morfológico do diminutivo, a autora não seleciona exemplos da língua em uso. Dessa forma, a seguir discutiremos os trabalhos de Alves (2006) e Pereira (2020), os quais consideram a língua em uso.

O trabalho de Alves (2006) também evidencia a inclusão da pragmática como um nível importante para o estudo do diminutivo. A autora aponta que o valor semântico de operador de intensificação é uma propriedade inerente ao diminutivo e que o sufixo *-inho* aceita como bases apenas nomes e adjetivos, como, por exemplo, *casa/casinha* e *peixe/peixinho*. No nível pragmático, as formas diminutivas expressam a subjetividade dos falantes em uma situação comunicativa, ou seja, “se referem a como objetos e qualidades são vistos e avaliados pelo falante, sendo frequentemente pautadas em valores sociais e culturais” (Alves, 2006, p. 698), como em *tudo/tudinho* e *tchau/tchauzinho*. Ao contrário da primeira classificação, essas propriedades são atribuídas e não são inerentes, não possuindo restrição de base. O diminutivo, nesses casos, serviria como estratégia comunicativa no nível interpessoal.

Com base nas proposições de Basílio (2004) e Alves (2006), podemos destacar que há dois tipos de formações do diminutivo no plano semântico: i) quando o diminutivo é usado para denotar a redução de dimensões da palavra-base – um substantivo ou um adjetivo –, com noções semânticas mais concretas e objetivas, em que essa redução atua sobre a propriedade de intensidade inerente ao conceito da palavra-base; ii) quando a função do diminutivo é de formar palavras novas cujo referente é diferente da palavra-base. Além disso, Basílio (2004) afirma que uma mesma palavra no diminutivo pode, a depender do contexto, adquirir um valor apreciativo ou depreciativo, ampliando a análise para plano pragmático.

Como contribuição, o trabalho Alves (2006) apresenta um estudo mais amplo acerca da função do diminutivo, levando em consideração o nível pragmático em conjunto com o nível semântico. De modo mais abrangente, Alves (2006) atribui três funções ao diminutivo: de dimensão, de avaliação e de intensidade.

Ademais, assim como a presente pesquisa, os autores apontam a importância do contexto para delimitar a função que é atribuída pelo diminutivo. No entanto, esses trabalhos não desenvolvem uma descrição da forma do diminutivo, considerando que as diferentes funções possuem uma mesma forma, isto é, a forma do diminutivo seria apenas a combinação de bases e sufixos a partir de regras internas da língua, sem levar em conta processos de natureza cognitiva, como a analogização ou a extensão, como propõem Traugott e Trousdale (2013).

Outro autor que também se dedicou ao estudo do diminutivo, com o sufixo *-inho*, trazendo importantes contribuições, é Pereira (2020). Sua pesquisa tem como objetivo investigar as acepções do sufixo *-inho* em bases substantivas na língua portuguesa a partir de uma perspectiva da língua em uso. O autor enfatiza que o sentido do sufixo diminutivo não é apenas dimensional, mas também avaliativo, exprimindo uma ideia subjetiva positiva ou negativa. Ademais, tal como Basílio (2004), defende que os elementos contextuais são altamente relevantes para compreender o sentido que o sufixo esteja desempenhando. Portanto, ambos os autores acreditam que uma mesma palavra no diminutivo pode possuir sentidos diferentes quando muda o contexto.

Em relação às contribuições, Pereira (2020) aponta que, no âmbito da língua em uso, o pesquisador não tem como olhar somente os dados que são mais comuns, gerais e estáveis. Além disso, assinala que a acepção dimensional de tamanho seria o sentido mais frequente por ser um domínio básico (Langacker, 1991). Nesse sentido, o autor parte do pressuposto de que os usos linguísticos que fazemos têm origem nas nossas experiências corpóreas (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]). Sendo assim, Pereira (2020, p. 54) afirma que

[...] da noção dimensional, constituem-se as demais extensões de sentidos. Dessa maneira, a noção de “tamanho pequeno” tanto pode proporcionar uma ideia afetiva como em “filhinho” e “paizinho” ou, a depender do contexto de uso, acepções depreciativas como nas palavras “professorzinho” e “empreguinho”. Assim, esses números puderam tornar mais evidente a tendência de que linguagem parte do domínio físico para o abstrato e não o contrário (Basílio, 2010).

Apesar de muito contribuir para o presente trabalho, a pesquisa desenvolvida por Pereira (2020) considera apenas os substantivos como possibilidade de palavra-base para a formação do diminutivo, enquanto, nesta pesquisa, consideramos como possibilidade de preenchimento do *slot* da forma mais genérica *X-inho* nomes,

adjetivos e advérbios, a fim de contemplar uma amostra mais ampla da língua. Outra lacuna nesse trabalho é quanto à interpretação dupla ou única que o autor faz do diminutivo. Em sua pesquisa, Pereira (2020) afirma que, dependendo do contexto, o diminutivo pode possuir dupla interpretação. Nesta pesquisa, discordamos dessa possibilidade de dupla interpretação, uma vez a construção é a unidade básica da língua (Goldberg, 1995, 2006, 2016). Nesse sentido, considerando que a prosódia compõe o pólo da forma de uma construção, acreditamos que, de acordo com a entoação do falante, podemos definir a função. Por isso, que os dados foram coletados de *corpus* representativo da modalidade oral para melhor delimitar o pareamento forma-função (Goldberg, 2016) das construções com o diminutivo.

É nesse contexto que propomos, neste trabalho, uma análise de cunho funcionalista, pautada na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), uma vez que essa abordagem possibilita uma investigação da instanciação e da convencionalização de construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, para além de parâmetros somente formais ou somente funcionais, conferindo ao componente estrutural a mesma relevância conferida ao componente funcional.

3.4 CONCLUSÕES

Os estudos revisados nesta seção contribuem significativamente para o trabalho realizado nesta dissertação, mas, ao mesmo tempo, apresentam limitações quando se pretende desenvolver uma pesquisa fundamentada nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso. São exatamente essas contribuições e lacunas que justificam a nossa proposta de investigar a instanciação e a convencionalização das construções com diminutivo.

Os sufixos diminutivos, conforme apresentado, têm sido objeto de estudo das mais variadas abordagens linguísticas. Por ser um objeto amplamente investigado, há diversas conclusões a respeito dos sentidos que os sufixos possuem e da maneira como são manifestados na palavra.

Ao consultar as gramáticas e os manuais da língua portuguesa de tradição normativa, percebe-se que eles, no geral, se preocupam em oferecer listas exaustivas de sufixos diminutivos, não apresentando explicações detalhadas sobre

os aspectos semânticos e pragmáticos e muito menos sobre a produtividade do diminutivo, especialmente com o sufixo *-inho/a*.

As gramáticas normativas da língua portuguesa (Cegalla, 1981; Cunha; Cintra, 1985; Bechara, 2009) apresentam definições reducionistas em relação à complexidade do sufixo diminutivo. Essa categoria modifica a palavra-base e pode acrescentar uma variedade de noções além da diminuição, como afetividade e atenuação, e essas formações são muito produtivas na língua portuguesa.

Além disso, tanto as gramáticas normativas quanto os trabalhos que versam sobre a formação dos sufixos diminutivos *-inho* ou *-zinho* (Zanotto, 1986; Frota 1985; Lee, 1995, 1999) analisam apenas com base na palavra em si mesma, sem mencionar o contexto de uso.

Nesse sentido, ressaltamos a importância do contexto – assim como Alves (2006), Silva (2014) e Pereira (2020) – para uma compreensão mais detida do sufixo diminutivo, já que o método de análise utilizado pelos gramáticos – que se concentra exclusivamente em palavras fora de contexto – pode ser inapropriado. Por exemplo, Bechara (2009) menciona o termo *queridinha* para exemplificar uma expressão afetiva. No entanto, em um contexto hipotético, a palavra mencionada não só pode possuir um significado positivo, mas também pode ser interpretada como sarcasmo ou ironia. Portanto, o estudo da palavra fora de seu enunciado de uso não pode explicar a multiplicidade de sentidos que o sufixo pode ter em diferentes situações de uso.

Os trabalhos de Alves (2006), Silva (2014) e Pereira (2020), por sua vez, reconhecem a importância do contexto de uso e ajudam a entender como as dimensões semântica e pragmática se relacionam na análise. Em resumo, acreditamos que essas propostas são mais adequadas para estudar o fenômeno do grau em língua portuguesa, pois levam em consideração aspectos significativos que não são abordados de forma estruturada pelas gramáticas tradicionais disponíveis em contexto brasileiro.

Por conseguinte, entendemos que a presente pesquisa avança em relação aos trabalhos referenciados nesta seção nos seguintes aspectos: (i) adota a bidirecionalidade função < > forma (Rosário; Oliveira, 2016), isto é, a forma e a função possuem o mesmo grau de importância, não havendo qualquer tipo de hierarquização entre os conceitos no tratamento do diminutivo; (ii) assume a descrição dos padrões construcionais analisados, no nível microconstrucional e

também em níveis mais hierárquicos – subesquema e esquema –, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, discutimos os procedimentos metodológicos adotados na realização deste trabalho. Para tanto, na seção 4.1, descrevemos o *corpus* sincrônico constituído para a análise das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. Em seguida, na seção 4.2, tratamos do método de pesquisa empregado na análise dos dados, realizado por meio do equacionamento entre os métodos quantitativo – cálculo da frequência de uso – e qualitativo, nos termos de Cunha Lacerda (2016). Na seção 4.3, discutimos as principais contribuições do *software* Praat, utilizado para uma análise prosódica dos dados. Na seção 4.4, apontamos os procedimentos adotados na análise da seção 5 desta dissertação.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

A seção de análise desta dissertação foi desenvolvida a partir de uma perspectiva sincrônica, com base na constituição de um *corpus* representativo da modalidade oral da língua, composto por um total de 6 horas e 29 minutos de vídeos retirados da plataforma online YouTube, os quais datam do período compreendido entre 2020 e 2023, totalizando 524 ocorrências coletadas e analisadas. Os vídeos foram selecionados de maneira randômica quanto aos temas, aos falantes e às regiões do país, a fim de garantir maior variabilidade e representatividade.

Considerando que os objetivos mais específicos desta pesquisa são a identificação e descrição dos pareamentos forma-função das construções com o diminutivo, representados pelo sufixo *-inho/a*, é viável e produtiva uma análise sincrônica dos dados, uma vez que os padrões construcionais estão em constante transformação na língua, possibilitando a coleta de construções mais atuais na língua.

Vale ressaltar também que a escolha por um *corpus* representativo da modalidade oral parte da possibilidade de descrever os padrões construcionais considerando elementos prosódicos, os quais envolvem aspectos fonéticos e fonológicos. A prosódia é essencial na comunicação oral entre os falantes, pois permite modificar o significado das palavras conforme o contexto, solucionar

ambiguidades semânticas e demonstrar o estado emocional do falante (Fónagy, 2003).

Além disso, a descrição dos pareamentos forma-função foi realizada com base nos pressupostos assumidos por Traugott e Trousdale (2013), que consideram que a construcionalização gramatical é resultante de uma sucessão de micropassos, sendo, portanto, gradual. Por essa razão, a constituição do *corpus* buscou abranger diferentes sincronias atuais¹⁶ para atestar a gradualidade do processo. Logo, não descrevemos a trajetória da mudança linguística de nomes, adjetivos e advérbios vinculados ao sufixo *-inho/a* ao longo do tempo – perspectiva diacrônica –, mas consideramos o uso desses padrões construcionais relacionados a inovações em diferentes contextos (Neves, 1997), o que é possível por meio de uma perspectiva sincrônica.

Dessa forma, os vídeos do YouTube serviram de base para a compilação de excertos em que ocorrem as construções com o sufixo *-inho/a* na língua cotidiana em variados contextos, em que a linguagem pode ser considerada natural e, em grande parte, menos monitorada. Nos vídeos selecionados para a constituição do *corpus*, os falantes interagem de forma espontânea e com interlocutores reais, que são os falantes presentes no ato da interação, ou com interlocutores virtuais, que é o público que assiste ao vídeo por meio da plataforma *online*. Em cada um desses casos, a língua é utilizada com propósitos comunicativos específicos. Em vista disso, é importante destacar que a investigação de dados orais possibilita analisar aspectos formais da construção que não são possíveis no texto escrito, como a prosódia. Em relação ao conteúdo dos vídeos que compõem o *corpus* desta pesquisa, os temas são variados, tais como tutoriais de maquiagem, *podcasts* e *vlogs*. Em suma, apesar de buscarmos maior representatividade linguística ao construirmos um *corpus* composto por transcrições de vídeos compreendidos entre os anos de 2020 e 2023, temos ciência de que os fragmentos selecionados constituem apenas um recorte parcial da língua, e não sua totalidade.

Na seção a seguir, apresentamos, em termos gerais, os métodos quantitativo e qualitativo e discutimos como o equacionamento desses métodos – configurando o método misto – pode contribuir no âmbito da abordagem construcional da mudança.

¹⁶ Neste trabalho, compreende-se o *corpus* sincrônico atual como um conjunto de dados provenientes de diferentes anos.

4.2 O PAPEL DO MÉTODO MISTO NO ÂMBITO DA LFCU

Levando em consideração que os objetivos deste trabalho são (i) identificar e descrever os diferentes pareamentos forma-função das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a* e (ii) e propor a categorização desses padrões a partir dos níveis hierárquicos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – microconstrução, subesquema e esquema –, associando a análise qualitativa dos dados ao levantamento de frequência de uso, o método misto tem muito a contribuir para a análise mais detalhada dos dados, uma vez que se trata de uma metodologia que auxilia na compreensão da regularidade de inovações que emergem na língua no âmbito da abordagem construcional (Cunha Lacerda, 2016).

A análise qualitativa dos dados está relacionada à perspectiva do pesquisador sobre o objeto (Bryman, 1998). Portanto, a metodologia qualitativa possibilita uma descrição detalhada do objeto analisado com base no contexto em que é instanciado. Dessa forma, Cunha Lacerda (2016), baseada nos pressupostos das ciências sociais de Bryman (1998), aponta que o pesquisador deve se ater a: i) descrever detalhadamente o objeto investigado; ii) compreender o contexto em que esse objeto ocorre; e iii) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não *a priori*.

Por outro lado, a análise quantitativa refere-se à quantificação dos dados analisados, com o objetivo de levantar dados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação (Diehl, 2004). Logo, de acordo com Richardson (1989), o método quantitativo se caracteriza pelo emprego de cálculos estatísticos, do mais simples até o mais complexo.

Em vista disso, o método misto de análise é composto pela combinação de elementos do método qualitativo e elementos do método quantitativo, a fim de ampliar e aprofundar o conhecimento do objeto pesquisado (Johnson, *et al.*, 2007). De modo mais específico, nas análises linguísticas, Schiffrin (1987) também defende o equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa, dado que a aplicação do método misto permite ao pesquisador dispor de um número elevado de ocorrências e, assim, realizar uma análise mais apurada do objeto investigado e do contexto em que ele se instancia.

A análise quantitativa, inclusive, se tornou um importante recurso nos estudos da mudança linguística. Em Traugott (2011a), observamos que a frequência de uso

assume um estatuto bastante específico. Para a autora, a repetição resultando em frequência constitui um mecanismo de mudança linguística, juntamente com os mecanismos da reanálise e da analogia (Traugott; Trousdale, 2013). Em consonância, Bybee (2003) também destaca a relevância da frequência de uso, pois a repetição, que é derivada da produção do locutor, seria um dos elementos propulsores para a implementação do processo de mudança.

Nesse sentido, Cunha Lacerda (2016, p. 89) aponta que, no âmbito dos estudos da mudança linguística, caberia a uma análise qualitativa dos dados, principalmente, as seguintes funções: “i) caracterizar o pareamento entre forma e função no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e ii) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua”.

Ademais, Cunha Lacerda (2016, p.89) defende que uma análise de natureza quantitativa – levantamento da frequência de uso – se tornaria fundamental se o objetivo da pesquisa for

[...] comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; [...] compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático – com maior número de slots – é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; [...] verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua (Cunha Lacerda, 2016, p.89).

Porquanto, nesta dissertação, adotamos uma metodologia que equaciona os métodos qualitativo e quantitativo para uma análise mais ampla, uma vez que associa o olhar do pesquisador e a verificação numérica dos dados. Diante disso, assumimos que a proposta do método misto está em consonância com as proposições teóricas adotadas neste trabalho.

4.3 O PAPEL DO PRAAT EM UMA ANÁLISE DE CUNHO FUNCIONALISTA

O Praat é uma ferramenta criada desenvolvida para a análise linguística da fala por meio da acústica, a qual foi criada pelos linguistas Paul Boersma e David

Weenink, da Universidade de Amsterdã, na Holanda. Esse *software* é um importante recurso na análise de áudios, uma vez que garante um alto grau de controle sobre os aspectos fonológicos dos dados analisados. Tais aspectos exercem papéis fundamentais na interação, conforme a intenção dos falantes.

Esse programa se destaca em relação aos demais programas pela diversidade e eficiência dos recursos disponíveis, os quais foram projetados especificamente para a análise da fala. O programa contém os recursos de gravação de áudio, de geração e desenho de representações gráficas e de medições diversas. Ademais, é válido ressaltar que esse *software* utilizado para a análise dos dados é um programa totalmente gratuito.

Com relação aos contextos em que ocorrem as construções com o sufixo – *inho/a* – principalmente, em contextos de avaliação –, a prosódia faz-se necessária para a análise dessas construções. Dessa forma, utilizamos o *software* Praat como ferramenta para a compreensão da própria construção, mais especificamente, de sua parte formal no que tange à sua dimensão fonética.

A prosódia da fala tem alcançado cada vez mais relevância nas pesquisas linguísticas de cunho funcionalista, pois marca a expressividade que os falantes imprimem na fala. Considerando que o surgimento de novas construções na língua parte da necessidade de o falante de ser cada vez mais expressivo – mais intersubjetivo (Goffman, 1967) –, a prosódia é um importante elemento para a descrição dessas construções, uma vez que abarca aspectos fonológicos e fonéticos.

Nesse sentido, Rilliard *et al.* (2012 *apud* Penha, 2015) apontam que as modificações prosódicas no discurso afetam a curva do *pitch*¹⁷ e o ritmo do discurso, logo, os movimentos prosódicos na fala podem afetar a compreensibilidade ou percepção da mensagem por parte do outro. É nesse viés que esta pesquisa, por meio do Praat, procura analisar a prosódia e compreender de que maneira ela atua na intenção subjacente ao enunciado.

Vale ressaltar que a própria definição de construção sustenta a importância da análise prosódica, como a definição de Croft (2001), que defende que os aspectos formais de uma construção estão relacionados diretamente aos aspectos

¹⁷ O *pitch* é uma propriedade acústica do som da fala que nos faz perceber a altura do som, ou seja, é a propriedade que faz o ouvinte perceber quão baixo ou alto é um som (Barbosa; Madureira, 2015).

da sua função, por um elo simbólico de associação. Segundo o modelo de construção proposto por esse autor, a forma da construção está ligada à fonologia, à morfologia e à sintaxe, enquanto a semântica, a pragmática e o discursivo referem-se à função. Dessa forma, a prosódia – traço suprasegmental da fonética – também compõe a estrutura da construção.

Entre os vários elementos que constituem a prosódia, realizamos um recorte e nos apoiamos na teoria métrica autossegmental (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 1996; 2008; Lucente, 2014; Frota *et al.*, 2015) para a análise dos dados. Na perspectiva dessa teoria, a entoação apresenta uma organização fonológica própria, e a frequência fundamental (F0) é interpretada como uma sequência de eventos fonológicos discretos – acentos de *pitch* e tons de fronteira –, os quais podem ser caracterizados segundo sua forma e direção.

O modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008) tem o objetivo de caracterizar as melodias prosódicas possíveis, por meio da análise de uma dada língua, tomando como base a realização concreta da curva em valores de F0 fornecidos por programas computacionais. Tais contornos são descritos como uma sequência de tons alocados em pontos específicos na cadeia segmental, de apenas dois tipos, os quais são os tons altos – H (High) – ou os tons baixos – L (Low). E também são utilizados na descrição dois tipos de eventos: acentos tonais e tons de fronteira. Os acentos tonais são associados à sílaba tônica, marcados com um asterisco (*), e se distinguem em dois tipos: (a) simples, quando formado por apenas um tom; ou (b) complexas ou bitonais, quando formadas por dois tons (ex: H*+L). Os tons de fronteira podem estar associados a fronteiras de constituintes, e não de sílabas propriamente ditas. São indicados pelo símbolo % em sua adjacência, podendo ser alto (H%) ou baixo (L%). Sendo assim, a partir desse modelo é possível verificar a curvatura do *pitch* e atestar quando são produzidos tons mais altos ou tons mais baixos, permitindo agrupar as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, em dois subesquemas: um subesquema em que há maior variação entre os tons mais baixos e mais altos e um outro subesquema em que há pouca variação entre os tons de *pitch*.

Entendemos que, nos casos analisados, a verificação do contorno do *pitch* aponta para a maneira como as construções estão organizadas cognitivamente em uma rede e, conseqüentemente, materializadas na produção oral. Com isso, a altura

do *pitch* nas construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, interfere na descrição do pareamento forma-função da construção, logo, é um traço prosódico que distingue as microconstruções como sendo pertencentes ao subesquema 1 ou ao subesquema 2, como descrito na seção 5.

Portanto, a investigação do traço prosódico nas construções com o sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio, em variados contextos, mostra-se altamente relevante, como mostramos na seção 5 deste trabalho.

4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta seção, objetivamos descrever os procedimentos de análise adotados neste trabalho. Para tal, discutimos desde a escolha do objeto de estudo até a metodologia empregada na análise de construções com o sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio.

A escolha do objeto de análise para esta pesquisa deve-se à alta produtividade de construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. A motivação para essa escolha não é a busca por estudar o tipo de derivação que ocorre para formar palavras no diminutivo, mas a percepção de que essas construções não assinalam apenas o grau dimensional e nem somente emotividade de conotação positiva ou negativa.

As construções com o sufixo *-inho/a* têm como função prototípica indicar uma dimensão menor, mas também podendo sinalizar que algo é melhor ou pior do que aquilo que é considerado como padrão. Dessa forma, essas construções também expressam o posicionamento avaliativo do falante, logo, podem apresentar as percepções do falante dentro de um determinado contexto.

Os sufixos diminutivos têm sido objeto de estudo das mais variadas abordagens linguísticas. Por esta razão, encontramos diferentes conclusões a respeito dos sentidos que os afixos possuem. Então, apesar de haver diversos trabalhos que tratam do sufixo *-inho/a* como diminutivo no âmbito dos estudos linguísticos – conforme será discutido na seção 3 desta dissertação –, existe uma lacuna nos estudos desses sufixos sob o viés funcionalista e construcional, principalmente em relação à mudança linguística sob um ponto de vista sincrônico.

Assim, conforme já mencionado, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender como as construções constituídas pelo sufixo *-inho/a*, vinculado a um

nome, adjetivo ou advérbio, se instanciam e se convencionalizam em variados contextos, no *corpus* analisado, com base nos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso e da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013). Dessa forma, buscamos mapear e descrever os diferentes padrões construcionais, com base em características formais e funcionais compartilhadas entre as construções identificadas.

A fim de cumprir esse objetivo, a análise proposta neste trabalho teve como ponto de partida a constituição de um *corpus* oral com duração de 6 horas e 29 minutos, composto por dados representativos da modalidade oral, retirados de quatro perfis de celebridades e subcelebridades brasileiras na rede social YouTube, os quais são representados por quatro amostras pertencentes aos anos de 2020, 2021, 2022, e 2023. Em seguida, partimos para o levantamento de ocorrências constituídas por construções com o sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio. A partir do *corpus* constituído, foram levantadas 524 ocorrências, tendo sido todas usadas na análise deste trabalho. Para o levantamento desses dados, primeiro assistimos aos vídeos selecionados de quatro canais do YouTube, os quais são: PodDelas; QUEM PODE, POD; Fabi Santana e NiinaSecreats. Esses canais foram selecionados por possuírem vídeos datados entre 2020 e 2023, por possuírem público em âmbito nacional e por abordarem assuntos distintos uns dos outros. Após assistir aos vídeos, foram transcritos os excertos em que ocorriam as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. Por fim, realizamos pequenos recortes dos áudios dos vídeos selecionados de cada excerto transcrito para submeter ao programa Praat, e, assim, analisar os aspectos formais e funcionais de cada construto.

Após a identificação dos padrões construcionais no *corpus*, seguimos, então, para a organização dos padrões construcionais no nível microconstrucional e para a análise. Para isso, classificamos as ocorrências de acordo com as características formais e funcionais em comum. A partir da descrição dessas ocorrências, chegamos aos padrões construcionais das microconstruções. Ademais, na seção 5, dedicado à análise, juntamente à descrição dessas ocorrências, apresentamos três exemplos do *corpus* com suas respectivas análises.

É importante ressaltar que todas as ocorrências foram submetidas à análise acústica por meio do *software* Praat, a fim de averiguar o contorno do *pitch* dos enunciados em que as construções com o diminutivo estão em proeminência ou

não. Entende-se que esse traço prosódico traz consigo evidências que auxiliarão na categorização das ocorrências dentro dos subesquemas que serão identificados no *corpus*.

Com a investigação dos dados coletados, dois subesquemas podem ser identificados e categorizados a partir de um esquema mais geral. Tomando o contorno do *pitch* como relevante para a análise realizada nesta pesquisa, os subesquemas foram organizados, de forma horizontal, indo das microconstruções com menor variação no contorno do *pitch* às microconstruções com maiores variações no contorno do *pitch*, isto é, das menos subjetivas às mais intersubjetivas.

A seguir demonstraremos, brevemente, duas ocorrências, a fim de explicar como será aplicada a análise do *software* Praat na descrição das ocorrências. Em um primeiro momento, apresentamos os trechos de fala, uma breve contextualização e a análise e, logo após, a diferenciação entre as microconstruções analisadas a partir de capturas de telas do programa Praat. Vejamos os exemplos a seguir¹⁸:

(4) Niina: Eu gosto muito desses iluminadores aqui. São bem potentes e \$5,79. Bem baratinho. Gosto bastante dessa base aqui. Custa 6,79. Bem baratinha também. Ela é mara, só é um pouco fedida. Mas, tudo bem. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)¹⁹

(5) Fabi: Fala: “A gente já pegou a estrada, mas teve que dar uma paradinha, porque eu queria mamar”. Paramos no posto, porque eu queria tetezinho. É... Ela tá se vendo. Ela fica se vendo. Ooooi. Aí, ela acabou de tomar um tetezinho. Aí, agora tá toda sorridente pra gente. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)²⁰

A ocorrência (4) foi extraída de um vídeo de *vlog* realizado pela blogueira Niina Secrets contando sobre os produtos de maquiagem que podemos encontrar nas farmácias americanas por um preço mais baixo. No trecho analisado, o elemento *-inho*, vinculado ao adjetivo “barato”, atua com uma função intensificar o quão barato é o iluminador que a falante está mostrando para os seus interlocutores.

¹⁸ Neste trabalho, a análise se dá pontualmente sobre uma ocorrência por vez, dado que cada ocorrência é representativa de um padrão microconstrucional.

¹⁹ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 17 min e 49 s.

²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/aE9qALNpAD4>. Acesso em 12 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 25 min e 16 s.

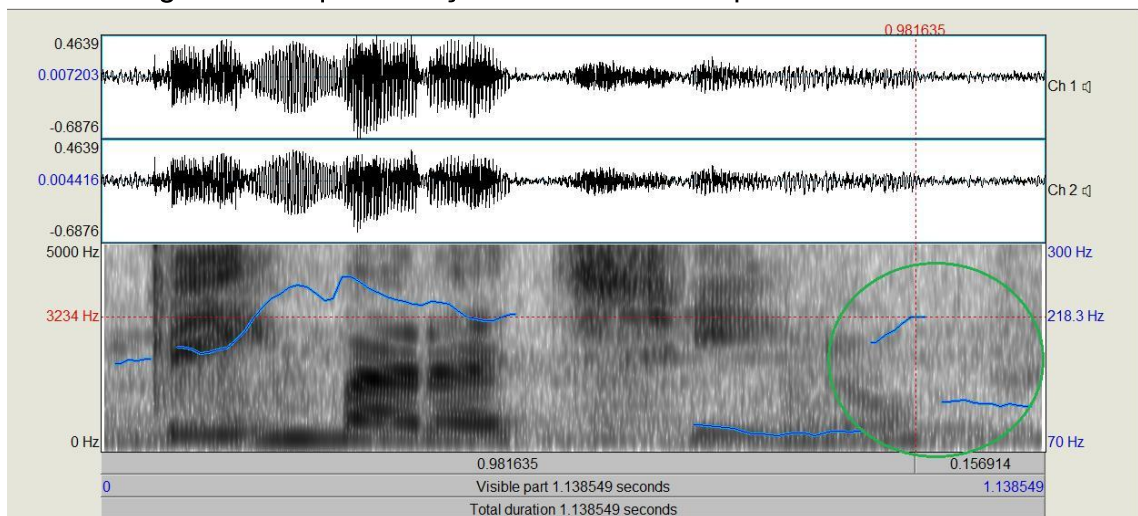
Em uma escala dimensional, o falante reforça a noção intensiva para menos de “barato”, portanto, não bastando dizer que o produto de maquiagem é barato, já que este possui um preço menor que o habitual.

Já o excerto em (5) origina-se de um vídeo em que Fabi Santana, também blogueira, faz um vlog sobre o mesversário de sua filha, as compras feitas na *Shein* e o aniversário de seu sobrinho. Nesse caso, o falante não quer diminuir o tamanho de um objeto, mas quer estabelecer o seu posicionamento avaliativo. Sendo assim, o sufixo *-inho*, vinculado ao nome *tetê*, expressa uma avaliação positiva, baseada no estado emocional, psicológico e afetivo da falante.

Com o intuito de demonstrar a característica prosódica distintiva entre as microconstruções, apresentaremos, a seguir, duas telas do programa Praat referentes às ocorrências apresentadas acima, pertencentes à microconstrução 1 e à microconstrução 5, respectivamente. Em (4), o *pitch range* é menor, ou seja, o contorno do *pitch* não sofre muitas alterações, seguindo a melodia padrão do falante. Por outro lado, em (5), o *pitch range* é representado por um alto valor em Hz, demonstrando que o contorno do *pitch* apresenta grande alteração. As telas que retratam as ocorrências apresentam um círculo verde indicando o local onde o sufixo *-inho/a* ocorre com um nome, adjetivo ou advérbio.

Vejamos, a seguir, uma amostra da tela da ocorrência (4), pertencente ao subesquema 1:

Figura 2 - Representação da ocorrência 4 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No caso acima apresentado, podemos observar, na região nuclear, que o final do contorno do *pitch* apresenta um declínio – representado por L%, pela anotação AM – e altura similar ao início do contorno, ou seja, há pouca interferência ao longo do contorno, uma vez que o *pitch range* dessa ocorrência varia entre 88.89 Hz e 262.9 Hz, resultando na diferença de 206.1 Hz. Nesse sentido, o sufixo *-inho* se combina com adjetivo *barato*, indexando a função dimensional intensiva. Conforme já mencionado, usaremos a notação AM para descrever o contorno do *pitch*; sendo assim, a descrição entoacional desse sintagma nominal é representada, no Quadro 2, da seguinte forma:

Quadro 3 - Descrição entoacional da ocorrência 4 pela notação AM

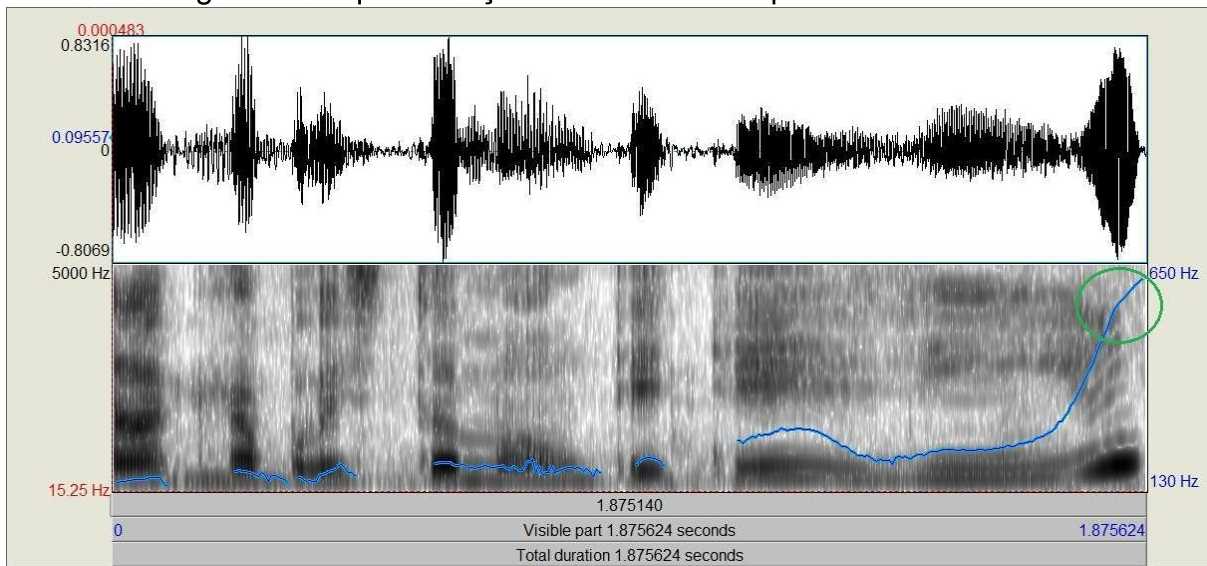
Ocorrência 4 – Descrição entoacional
<p>Bem baratinho.</p> <p>H H H*L%</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Dessa forma, temos que o núcleo – *baratinho* – desse sintagma entoacional inicia-se com tom alto na sílaba [ba], representado por (H). Em seguida, apresenta uma leve subida na sílaba [ti], representado por (H*), e, no tom de fronteira, apresenta uma descida na sílaba [nho], representado por (L%).

Em contrapartida, na ocorrência (5), pertencente ao subesquema 2, é possível perceber que o *pitch range* é muito alto. Abaixo, a tela do *software* Praat salienta esse intervalo.

Figura 3 - Representação da ocorrência 5 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No caso apresentado, observamos um pico muito alto no final do contorno do *pitch*, indicando que há uma alteração significativa no contorno. O valor de pitch mais alto é 650 Hz – representado por H%, pela notação AM –, em que ocorre o sufixo *-inho* combinado ao nome *teté*, indexando a função de avaliação afetiva. Nesse sentido, o *pitch range* é de 520.3 Hz, apresentando-se como significativamente alto. Conforme a notação AM, a descrição entoacional desse sintagma é representada da seguinte forma:

Quadro 4 - Descrição entoacional da ocorrência 5 pela notação AM

Ocorrência 5 – Descrição entoacional
Ela acabou de tomar um tetezinho L H* H%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Dessa forma, temos que o núcleo desse sintagma entoacional inicia-se com tom baixo. Em seguida, apresenta uma subida (primeiro pico) na primeira sílaba acentuada [te] e no tom de fronteira apresenta uma subida (segundo pico) com tom consideravelmente mais alto do que a primeira subida na sílaba [nho], representada pela seta para cima.

A partir das evidências acima, entendemos que o contorno do *pitch* se faz relevante na categorização das ocorrências em microconstruções distintas. Portanto, é importante reforçar a relevância da análise acústica na instanciação das construções investigadas, uma vez que o traço suprasegmental do *pitch* atua diretamente nos padrões construcionais identificados. Por meio dessa análise verificamos que as construções pertencentes ao subesquema 1 apresentam baixa variação do contorno do *pitch* quando comparadas às construções do subesquema 2, conforme mostrado e discutido na seção 5 deste trabalho.

5 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados realizada para esta pesquisa referente às construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, tal como *videozinho*, *bonitinho* e *pouquinho*. Conforme discutido na seção 2, adotamos como referencial teórico os pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo mais específico, nos baseamos nos pressupostos teóricos da abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Com base nessa abordagem, nossos objetivos são: (i) descrever os padrões das construções do diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, e (ii) propor uma rede construcional que relacione as construções analisadas de maneira hierárquica.

A fim de cumprir os objetivos propostos, adotamos o método misto de análise, conforme descrito na seção 4 deste trabalho. Nesse sentido, coadunamos a análise quantitativa, por meio do levantamento da frequência de uso, com a análise qualitativa das ocorrências, pautada no olhar analítico da pesquisadora, com base nas categorias de análise elencadas, como no aspecto prosódico relevante para o posicionamento do falante – *pitch* (curva entoacinal do enunciado) –, a partir da utilização do *software* Praat.

Nesse sentido, a descrição dos padrões construcionais nesta seção será organizada da seguinte maneira: a) descrevemos o polo da função e o polo da forma de cada padrão microconstrucional; b) apresentamos a transcrição da fala do excerto analisado e contextualizamos a situação comunicativa da qual faz parte; c) tratamos, de modo pontual, das categorias analíticas fundamentais para a descrição e a análise do padrão construcional em questão; d) realizamos uma análise do traço prosódico da construção, apresentando uma tela do programa Praat e sua posterior descrição.

Em relação à análise acústica por meio do programa Praat, pontuamos que é imprescindível apresentar capturas das telas referentes às ocorrências investigadas a fim de ilustrar a característica prosódica distintiva mais relevante entre os subesquemas: alta variação da curvatura do *pitch* ou baixa variação da curvatura do *pitch*.

A baixa variação da curvatura do *pitch* do enunciado em que ocorre o diminutivo pode ser averiguada no subesquema 1, em que a produção do diminutivo pelo falante mostra-se com pico pouco elevado em relação ao seu entorno. Nesse caso, a partir das ilustrações, é possível observar um círculo verde que delimita exatamente onde ocorre o diminutivo na curvatura do *pitch*. Por outro lado, na imagem que representa o subesquema 2, em que há alta variação da curvatura do *pitch*, verifica-se um pico altamente elevado do *pitch* onde ocorre o diminutivo em relação ao seu entorno.

Como mencionado na seção 2, conforme o aporte teórico da LFCU, novas construções surgem a partir de esquemas mais abstratos, os quais ocupam a posição mais hierárquica na rede de construções. Com isso, esses esquemas possuem atributos mais gerais, comuns aos pareamentos forma-função mais específicos. Além disso, eles funcionam como exemplares para novas instanciações e podem ser (re)organizados através da convencionalização de novos padrões microconstrucionais.

5.1 ESQUEMA

Como discutido na seção 2, a rede construcional é composta por construções de níveis esquemáticos hierarquicamente distintos, os quais são: esquema, subesquema e microconstrução, conforme Traugott e Trousdale (2013). Em relação às construções mais gerais e esquemáticas, os autores defendem que os esquemas linguísticos correspondem ao conjunto de estruturas abstratas, semanticamente gerais, admitindo uma variedade de formas de preenchimento. Assim, o esquema constitui a representação virtual mais alta da rede construcional, abrangendo os elementos comuns de todos os subesquemas. Portanto, todas as microconstruções subjazem a eles (Traugott; Trousdale, 2013).

É nesse contexto que assumimos, portanto, de forma mais genérica, que o esquema mais abstrato subjacente às construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, em contextos de dimensão e de posicionamento do falante, pode ser simbolicamente representado da seguinte forma: [S²¹ + *-inho/a*^{prosódia}]. No que se refere ao outro componente do pareamento, a função, é possível observar a

²¹ S = sintagma (nominal, adjetival ou preposicional).

explicitação de uma extensão dimensional do referente ou do evento ou um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa, conforme ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 5 - Representação do pareamento forma-função do esquema

ESQUEMA	
Forma	Forma: [S ²² + -inho/a ^{prosódia}]
Função	Promover o escalonamento em diferentes níveis de abstração.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No que se refere à rede das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, o esquema mais genérico e abstrato apresenta elementos tanto em sua forma quanto em sua função.

Conforme ilustrado no quadro acima, o esquema mais abstrato da rede de construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, apresenta como forma comum a seguinte representação simbólica: [S + -inho/a^{prosódia}], em que as construções que integram este nível hierárquico mais abstrato formam-se a partir de um sintagma (nominal, adjetival ou preposicional) vinculado ao sufixo *-inho/a*, apresentando prosódia específica.

No que se refere aos aspectos funcionais – outro componente do pareamento –, o esquema revela a noção de escalonamento em variados níveis de abstração, a qual não está contida necessariamente no elemento ao qual o sufixo *-inho/a* se combina. No caso das construções analisadas no *corpus*, é possível perceber que o falante faz uso do diminutivo para promover o escalonamento na extensão dimensional de um referente ou evento, no plano físico ou no plano abstrato. Também é possível perceber o escalonamento do posicionamento do falante acerca da proposição por meio da modalização epistêmica asseverativa ou avaliativa, a partir do seu comprometimento com o que é dito, ocorrendo em contextos mais

²² S = sintagma (nominal, adjetival ou preposicional).

(inter)subjetivos. Assim, observamos uma escalaridade no grau de engajamento do falante em relação ao interlocutor. Logo, a noção de escalonamento presente no esquema [S + -inho/a^{prosódia}] não está propriamente no elemento que se combina ao sufixo *-inho/a*, mas no entorno do padrão construcional.

Em um nível menos hierárquico de abstração, encontram-se os dois subesquemas aos quais se vinculam os padrões microconstrucionais identificados. Os dois subesquemas categorizados se distribuem quantitativamente da seguinte maneira:

Tabela 1 - Frequência dos subesquemas no *corpus*

Subesquemas	Total de ocorrências
Subesquema 1	261
Subesquema 2	263
Total	524

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Conforme indicado na tabela acima, o esquema da rede de construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a* apresenta, no total, 2 subesquemas, sendo 4 padrões microconstrucionais pertencentes ao subesquema 1, e 2 padrões microconstrucionais pertencentes ao subesquema 2.

Na seção subsequente, tratamos, de modo mais detalhado, das particularidades de cada subesquema, delineando quais são os padrões microconstrucionais subjacentes e exemplificando ocorrências retiradas do *corpus* investigado.

5.2 SUBESQUEMAS

De forma mais abrangente, o esquema apresenta a noção de escalonamento em diferentes níveis de abstração, promovendo uma escala desde uma extensão

dimensional até um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa, em que essa escalaridade incide sobre o grau de engajamento do falante, e sua forma é codificada por um nome, adjetivo ou advérbio vinculado ao sufixo *-inho/a* com prosódia específica. Em um nível menor de abstração, encontram-se, organizados por nós, os dois subesquemas, que agrupam microconstruções de acordo com características em comum. Vejamos, de maneira mais sistemática, no quadro a seguir, a descrição dos pareamentos forma-função de cada subesquema:

Quadro 6 - Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas da rede

Subesquemas		
Subesquema 1	Forma	Forma: [SN/SADJ*+ inho/a ^{prosódia}] *Precisa ser um sintagma nominal ou adjetival dimensionável.
	Função	Promover uma extensão dimensional.
Subesquema 2	Forma	Forma: [SN/SADJ/S ^{PREP*} + inho/a ^{prosódia}] *Precisa ser um sintagma nominal, adjetival ou preposicional não dimensionável.
	Função	Promover um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O escalonamento em diferentes níveis de abstração, tanto no plano físico quanto no plano abstrato, configura um traço comum aos subesquemas. Além disso, no que se refere à forma da construção, a presença do sufixo *-inho/a* vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio os torna comuns. Por outro lado, de maneira mais específica, alguns elementos os diferem, distinguindo-os em dois subesquemas.

Dessa forma, é possível observar, com base nos dados do *corpus* analisado, que, no subesquema 1, a noção de escalonamento está ligada a uma escala dimensional, em que a noção de escalaridade está presente no elemento que se combina ao sufixo *-inho/a*, uma vez que o elemento recrutado para formar a construção precisar ser necessariamente dimensionável. Ademais, as construções pertencentes a esse subesquema ocorrem em contextos menos intersubjetivos se comparados às construções do subesquema 2, uma vez que possuem menor grau de expressividade e comprometem menos o locutor.

Por outro lado, a noção de escalonamento presente nas construções pertencentes ao subesquema 2 está relacionada à escalaridade em relação ao grau de engajamento. A função do diminutivo de estabelecer o posicionamento do falante também é demonstrada na forma da construção, uma vez que o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* não apresenta a propriedade de dimensão. Sendo assim, a escalaridade presente nesse subesquema recai sobre o grau de engajamento modalizador ou afetivo do falante. Dessa forma, essas construções ocorrem em contexto mais (inter)subjetivos, em que o falante deixa mais evidentes as suas crenças e atitudes acerca do que diz (Traugott; Dasher, 2004).

A partir da análise dos dados, verificou-se que, assim como há um aumento gradual de (inter)subjetividade no nível dos subesquemas, constatou-se também esse *continuum* nas microconstruções. Portanto, os padrões microconstrucionais estão organizados em rede, desde o nível mais hierárquico até o menos hierárquico, demonstrando o aumento de (inter)subjetividade entre as microconstruções.

Mais adiante, como iremos demonstrar na análise das ocorrências representativas dos padrões microconstrucionais, à medida que a ameaça à face do locutor/interlocutor (Goffman, 1967) aumenta, maior é o nível de (inter)subjetividade e expressividade da microconstrução. Portanto, construções que marcam o posicionamento do falante geralmente causam mais ameaça à face e, conseqüentemente, são mais intersubjetivas e expressivas do que aquelas que marcam a dimensão em algum nível. Assim, o aumento do grau de

(inter)subjetividade implica o aumento do escalonamento do posicionamento do falante, o qual se compromete ainda mais com o que é dito, aumentando possivelmente o grau de ameaça em relação à face do locutor ou do interlocutor.

Nesse sentido a prosódia colabora na identificação da forma do diminutivo selecionada pelo falante, uma vez que, quanto maior a variação do contorno entoacional – alta diferença entre os valores máximo e mínimo de *pitch* –, o falante chama mais a atenção do outro, que, com sua face ameaçada, se sente incentivado a tentar protegê-la.

Além disso, demonstraremos que há um *continuum* crescente de (inter)subjetividade com as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo -*inho/a*, com base na noção do grau (Silva, 2014)²³, como visto na seção 3. Segundo Silva (2014), o grau é o conceito mais genérico que compreende escalaridade e comparação semânticas e também a relação com categorias bem como dimensão, intensificação, quantidade, hierarquia, avaliação e afetividade. Por meio da análise dos dados, é evidente que o grau também configura um parâmetro para a ordenação das microconstruções. Portanto, por exemplo, a utilização do diminutivo para a modalização e para a avaliação torna a construção mais expressiva e intersubjetiva.

Em suma, conforme mencionado na introdução desta seção, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), o subesquema é um nível hierarquicamente inferior ao esquema, apresentando-se como uma maneira genérica e abstrata de agrupar microconstruções com base em suas semelhanças. Sendo assim, nas seções a seguir, iremos descrever, de forma mais detalhada, as características específicas de cada subesquema e suas respectivas microconstruções, exemplificando-as com ocorrências retiradas do *corpus* analisado.

5.2.1 SUBESQUEMA 1

Nesta subseção, descrevemos o subesquema 1, que constitui a rede construcional com o diminutivo, representado pelo sufixo -*inho/a*, e os pareamentos forma-função relacionados às microconstruções vinculadas a ele. Vamos observar, no quadro abaixo, as características que compõem o subesquema 1.

Quadro 7 - Representação do pareamento forma- função do subesquema 1

²³ Estamos referenciando os estudos de Silva a partir de sua obra de 2014, na qual o autor trata de diferentes tipos de grau.

SUBESQUEMA 1	
Forma	<p>Forma: [SN/SADJ*+ inho/a^{prosódia}]</p> <p>Precisa ser um sintagma nominal ou adjetival dimensionável.</p> <p>Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>.</p>
Função	Promover uma extensão dimensional.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O subesquema 1 representa a função de promover uma extensão dimensional, tanto no plano físico quanto no plano abstrato. Então, quando o falante tem a intenção de dimensionar no plano da função, o mesmo recruta no plano da forma um elemento dimensionável para combinar-se ao sufixo *-inho/a*. Nesse sentido, agrupamos, no subesquema 1, as microconstruções 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4, que apresentam como característica comum promover um escalonamento no nível dimensional. Na microconstrução 1.1, o diminutivo funciona, de forma prototípica, como sufixo de grau para promover uma diminuição do referente no plano físico. Já na microconstrução 1.2, o diminutivo é utilizado para diminuir o referente em relação à quantidade. Por sua vez, na microconstrução 1.3, o diminutivo desempenha a função de promover uma atenuação da extensão temporal de um evento. Em outras palavras, o diminutivo é empregado, dentro de uma escala, para estabelecer a duração temporal mínima de um evento. Por fim, na microconstrução 1.4, o diminutivo tem a função de promover uma intensificação de uma propriedade do referente ou do evento, ou seja, dentro de uma escala, determinada propriedade é elevada ao seu grau máximo. Em relação à forma de tais construções, o sintagma nominal ou adjetival recrutado necessariamente é dimensionável.

Nos dados analisados para o subesquema 1, é possível perceber que 261 ocorrências apresentam essas particularidades. Encontramos, no *corpus* de investigação deste trabalho, 96 ocorrências em que o diminutivo atua como sufixo prototípico de grau de diminuição – dimensivo físico –, 26 que atuam como dimensivo quantitativo, 16 que atuam como dimensivo de atenuação temporal e 123 que atuam como dimensivo intensivo. Ainda, no que se refere à frequência de

dados, as microconstruções com o diminutivo mostram-se mais produtivas em contextos mais intersubjetivos, conforme observado na tabela a seguir:

Tabela 2 - Frequência das microconstruções do subesquema 1

Frequência das microconstruções do subesquema 1	
Microconstrução 1.1 – Dimensivo físico	96
Microconstrução 1.2 – Dimensivo quantitativo	26
Microconstrução 1.3 – Dimensivo de atenuação temporal	16
Microconstrução 1.4 – Dimensivo intensivo	123
Total	261

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No que se refere à configuração dos pareamentos forma-função, temos o seguinte:

Quadro 8 - Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 1

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 1		PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Microconstrução 1.1 – Dimensivo físico	Forma	[SN ^{concreto dimensionável} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i> .
	Função	Promover uma diminuição do referente no plano físico.
Microconstrução 1.2 – Dimensivo quantitativo	Forma	[elemento quantificador/pronome indefinido + SN ^{dimensionável} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>
	Função	Promover uma diminuição do referente no que se refere à quantidade.
Microconstrução 1.3 – Dimensivo de atenuação temporal	Forma	[V + SN ^{dimensionável} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>
	Função	Promover uma atenuação da extensão temporal de um evento.
Microconstrução 1.4 – Dimensivo intensivo	Forma	[(elemento intensificador) + SN ^{dimensionável} /SADJ ^{dimensionável} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i> .
	Função	Promover uma intensificação de uma propriedade do referente ou do evento.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A seguir, analisamos, de forma detalhada e exemplificada, cada um dos padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 1.

5.2.1.1 Microconstrução 1.1 – Dimensivo físico

O primeiro padrão microconstrucional — *dimensivo físico* — se caracteriza como o terceiro mais frequente no *corpus* analisado, com um total de 96 ocorrências. Tal padrão representa o uso mais prototípico da construção de redução de dimensão física do referente. Dessa forma, tem como característica principal o escalonamento dimensional em relação à extensão física do referente, sendo assim, o locutor faz uso desta microconstrução para indicar a diminuição do tamanho físico do referente. No quadro 8 a seguir, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução:

Quadro 9 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.1

Microconstrução 1.1 – Dimensivo físico	
Forma	<p>Forma: [SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}]</p> <p>Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>.</p>
Função	Promover uma diminuição do referente no plano físico.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Esta microconstrução apresenta a forma [SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}], em que há uma restrição de valência em relação a seu escopo, que só pode ser um sintagma nominal dimensionável, passível de ser diminuído no plano físico, combinado ao sufixo *-inho/a*. Essa combinação entre sintagmas nominais dimensionáveis, no plano físico, com o sufixo *-inho/a* revela uma relação de valência lexical (Langacker, 1988). De acordo com Langacker (1988), essa relação é estabelecida quando as propriedades de um elemento — neste caso, um sintagma nominal com propriedade escalar — se combinam às propriedades do elemento com o qual ele co-ocorre — neste caso, o sufixo *-inho/a*.

Já a função deste padrão microconstrucional caracteriza-se por apresentar o referente na forma diminuída em relação ao normal ou ao que é esperado, estando ligada ao escalonamento dimensional em relação ao tamanho ou extensão física de um determinado referente. Assim, verificou-se que esse é o padrão [- intersubjetivo] em relação aos demais padrões que foram identificados no *corpus*, considerando os pressupostos assumidos por Traugott e Dasher (2002). Portanto, ainda que haja subjetividade, em uma escala de comparação com as demais microconstruções identificadas no *corpus*, é possível perceber que o falante deixa menos explícito seu posicionamento e baseia-se na sua experiência com o mundo físico e material. Vê-se, portanto, que este padrão microconstrucional ocorre em contextos que envolvem evidência factual.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1 com o número de ocorrências e sua frequência em relação ao *corpus*. Vejamos:

Tabela 3 - Número de ocorrências da microconstrução 1 no *corpus*

Dimensivo físico	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
96 / 524	18,32% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como é possível observar na tabela 3, no total de 524 ocorrências, encontramos 96 ocorrências pertencentes ao padrão microconstrucional *dimensivo físico* que gerou o percentual de 18,32% em relação ao total do número de dados.

A seguir, descreveremos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1:

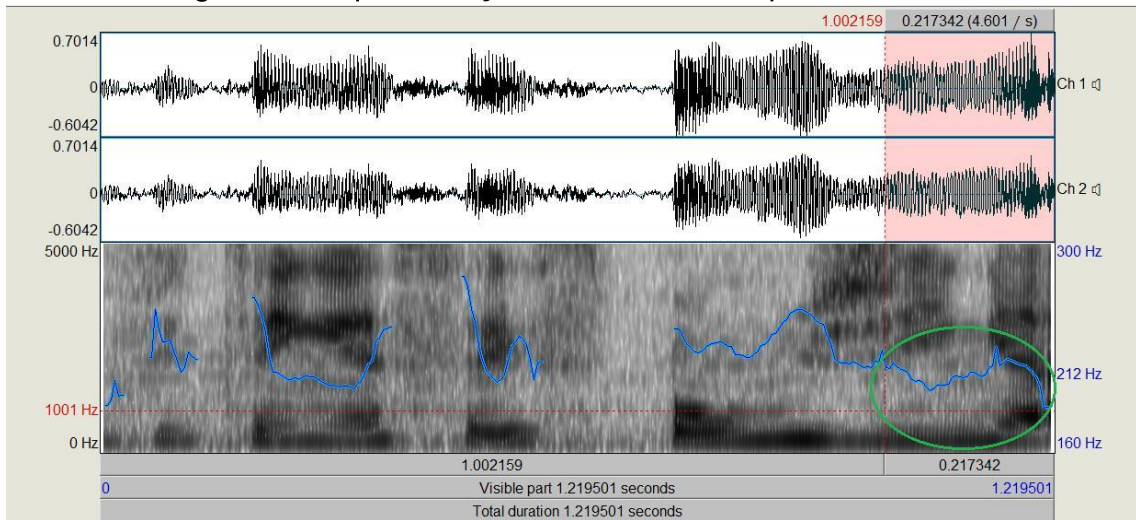
(6) Niina: Esse aqui é novo também. É o ... revlon cushion lip tint. Custa \$9,99. Tem essa esponjinha. É bem legal. Tem uma textura bem

interessante, assim. Gostei bastante dele. (*Corpus* oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)²⁴

A ocorrência (6) provém de um vlog gravado pela YouTuber, relatando sobre diferentes produtos de maquiagens que é possível encontrar nas farmácias americanas. No excerto, a locutora Niina está elencando os produtos que ela encontra nas prateleiras, descrevendo as suas características e mostrando o seu preço. A falante, ao decrever o produto de maquiagem conhecido como *revlon cushion lip tint*, tem como objetivo marcar a pequenez da esponja que compõe o produto. A fim de ressaltar a dimensão pequena do referente, a locutora utiliza o sufixo *-inho* vinculado ao nome *esponja*, indicando que o tamanho físico da *esponja* é menor do que o tamanho esperado de uma esponja de maquiagem. Sendo assim, a ancoragem dessa ocorrência é [-intersubjetiva]. Além disso, é possível observar todos os elementos da forma, uma vez que o sintagma nominal – *essa esponjinha* – é dimensionável e está vinculado ao sufixo *-inha*. Por meio da análise prosódica da fala, é possível inferir que, nesse caso, o elemento que se combina ao sufixo *-inha* tem a função de dimensionar o tamanho físico do referente, pois apresenta uma baixa extensão da variação do contorno do *pitch*, conforme demonstrado na figura a seguir.

²⁴ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 20 min e 28 s.

Figura 4 - Representação da ocorrência 6 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na figura acima, a porção do contorno circulada pelo círculo verde refere-se à produção da ocorrência *esponjinha*, a qual foi produzida em 0,21 segundos como indicado pelo número escrito em preto abaixo do círculo verde. Assim, a curta duração de tempo da produção dessa ocorrência é um traço que a caracteriza como pertencente ao subesquema 1. Na análise dos valores de *pitch* desse contorno, temos que o *pitch* máximo, em Hertz, é de 262.4 Hz e valor do *pitch* mínimo é de 189.3 Hz, resultando em um *pitch* range de 73.1 Hz, demonstrando que há pouca interferência ao longo do contorno entoacional de tons muito altos ou tons muito baixos. Dessa forma, verifica-se a baixa extensão da variação do *pitch*. A fim de corroborar esta análise, apresentamos a descrição entoacional desse sintagma nominal no quadro a seguir.

Quadro 10 - Descrição entoacional da ocorrência 6 pela notação AM

Ocorrência 6 – Descrição entoacional		
E tem essa esponjinha		
H*L	H	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O contorno entoacional descrito no quadro 10 é: H*L+H+L%. Nesse sentido, o contorno do pitch se inicia com uma tonalidade alta na sílaba tônica [e],

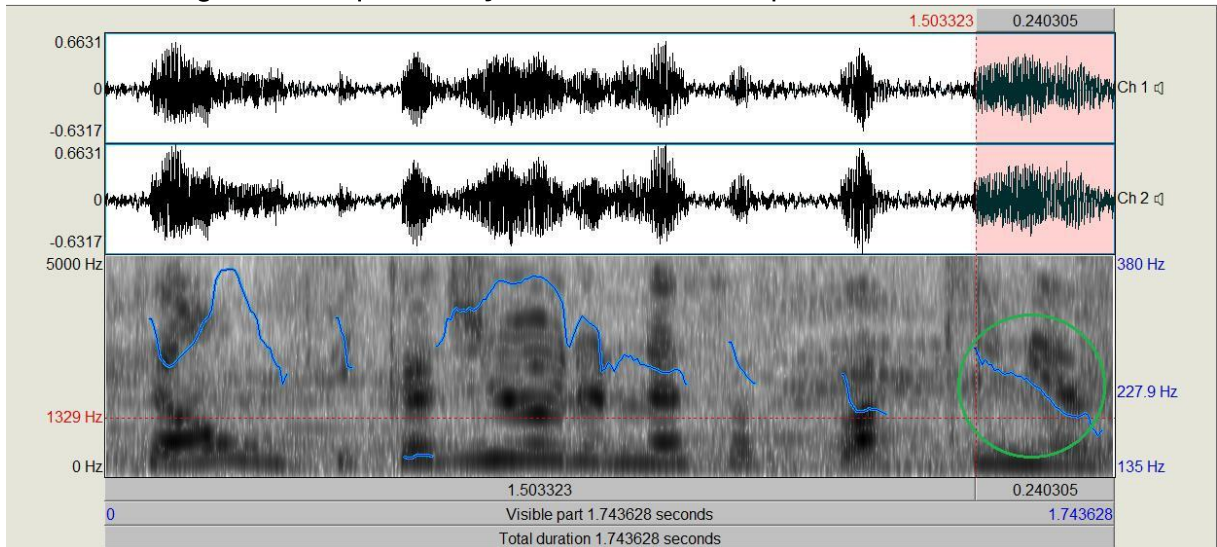
representado por (H*), precedido de uma mudança descendente para uma tonalidade baixa. Em seguida, o contorno apresenta uma leve subida na sílaba [es], terminando com uma tonalidade baixa na sílaba [inha]. Como também veremos nos exemplos a seguir, as construções pertencentes ao subesquema 1 sempre apresentam baixa tonalidade na produção do sufixo *-inho/a*, demonstrando que não estão em proeminência quando utilizado com uma função dimensiva.

(7) Nina: Algumas farmácias variam um pouquinho de preço, mas não muito. Mas, sempre tem promoção. Então, fica de olho nessas plaquinhas aqui oh! Por exemplo, com o cartão aqui do Walgreens, você compra um e ganha, e o outro sai com 50% de desconto. Então, sempre tem essas promoções. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)²⁵

Em (7), a locutora, Nina, está na farmácia Walgreens, nos Estados Unidos, e, nesta cena, ela destaca para os interlocutores dicas de como aproveitar promoções no momento das compras na farmácia indicada. Neste exemplo, todos os elementos formais estão presentes: o sintagma nominal – *nessas plaquinhas* – é dimensionável e está combinado ao sufixo *-inhas*. A função de diminuir o nome – *placa* – em relação ao tamanho esperado também se destaca, uma vez que a locutora aponta para uma placa dimensionalmente pequena no plano físico. No que se refere aos traços prosódicos, é possível perceber que, no caso em questão, há uma baixa extensão da variação do *pitch* no entorno da ocorrência com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inha*. Vejamos a seguir a tela que ilustra essa ocorrência:

²⁵ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 1 min e 46 s.

Figura 5 - Representação da ocorrência 7 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A figura acima é a ilustração de uma ocorrência da microconstrução 1.1, em que o diminutivo, representando pelo sufixo *-inha*, estabelece um escalonamento no plano físico. A porção destacada de vermelho refere-se à produção de *plaquinhas*, a qual é representada por um declínio no contorno do *pitch*. Observa-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 364.2 Hz e valor do *pitch* mínimo é de 156.08 Hz, resultando em um *pitch* range de 208.12 Hz, demonstrando que há pouca interferência ao longo do contorno entoacional. Além disso, o número referente à porção destacada de vermelho representa o tempo em segundos da duração da produção do elemento que se combina com o sufixo *-inha*, totalizando 0,24 segundos. Então, a baixa variação do *pitch* e a curta duração de tempo da produção dessa ocorrência a caracteriza como pertencente ao subesquema 1. A fim de corroborar esta análise, no quadro 11, apresentamos a descrição entoacional desse sintagma nominal.

Quadro 11 - Descrição entoacional da ocorrência 7 pela notação AM

Ocorrência 7 – Descrição entoacional			
[Fica de olho] [nessas plaquinhas]			
L	H*	L	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

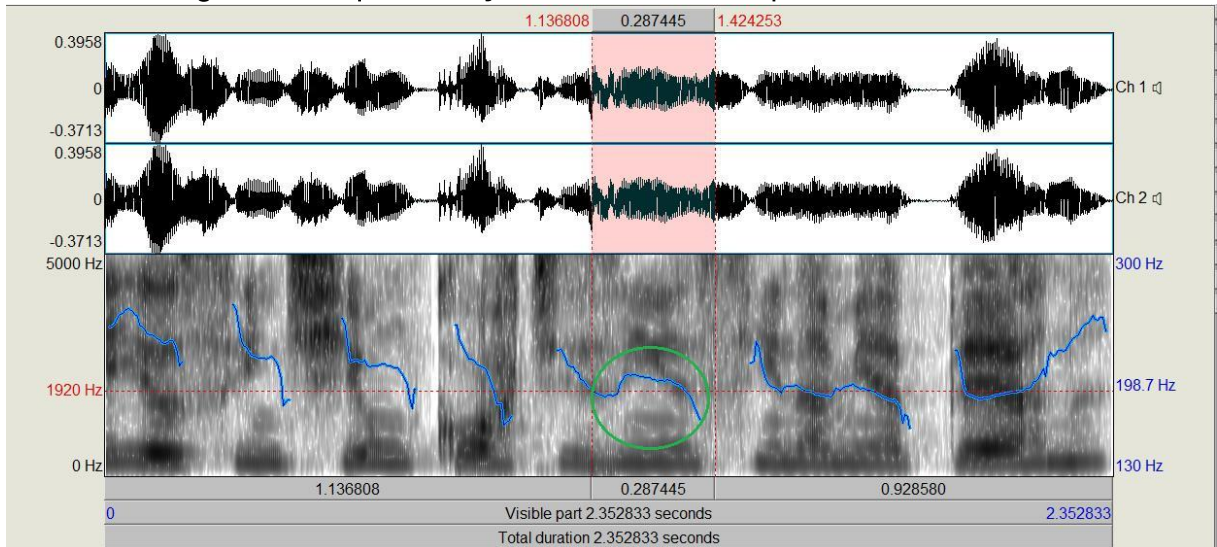
Nesse caso, ocorrem dois eventos tonais, demarcados pelo uso do colchete. Neste trabalho, nos importa analisar o segundo evento tonal – *nessas plaquinhas* –, o qual é representado por (L L%), demonstrando que há um declínio do contorno do *pitch*, em que o tom de fronteira apresenta uma descida com um tom mais baixo na sílaba [nhas].

(8) Chloé: E daí eu entrei, peguei uma ... uma onda boa e voltei, sentei e senti um cortezinho assim na minha perna. Aí eu vi que era a minha prancha que tinha me cortado. Aí eu virei, a minha prancha tava quebrada. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)²⁶

A ocorrência (8) foi retirada de um vídeo em que Chloé é a entrevistada no *podcast* conhecido como *PodDelas*. Nesse trecho, a entrevistadora, Bruna, perguntou a Chloé qual foi um dos acidentes mais graves que já sofreu em competições de surf. Em resposta, Chloé relata o momento em que sofreu um corte na perna em razão da prancha quebrada. Nesse caso, também é possível observar todos os elementos da forma da microconstrução *dimensiva física*: o sintagma nominal dimensionável — *um cortezinho* — vinculado ao sufixo *-inho*. Nessa ocorrência, o nome — *corte* — é reduzido à menor escala possível quando combinado ao sufixo *-inho*. Com isso, a locutora destaca que sofreu um corte pequeno na perna, ou seja, a função atribuída ao diminutivo é a de ressaltar o tamanho diminuto do corte na perna da locutora. No que se refere ao contorno do *pitch*, verifica-se baixa extensão na variação do *pitch*. Vejamos a seguir:

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3lv43o6U?feature=share>. Acesso em 8 de jul. de 2023. Minutagem do dado: 58 min e 45 s.

Figura 6 - Representação da ocorrência 8 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A imagem acima ilustra a análise acústica da ocorrência em (8), em que o sufixo *-inho* vinculado ao nome *corte* atua com a função prototípica. A porção destacada em vermelho indica a produção de *cortezinho*, a qual também é representada por um declínio no contorno do *pitch*. A partir da análise da prosódia, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 261.8 Hz e valor do *pitch* mínimo é de 207.8 Hz, resultando em um *pitch* range de 94.7 Hz, comprovando que não há interferência significativa ao longo do contorno. Portanto, a figura 7 atesta que a falante – Chloé – não produz tons altamente elevados durante a produção desse contorno entoacional. Além disso, a duração da produção do elemento que se combina com o sufixo *-inha* totaliza 0,28 segundos, como demonstrado na parte destacada em vermelho. Logo, nesse caso apresentado, o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho*, atua com uma função dimensiva. A seguir, apresentamos o quadro 12 com a descrição entoacional desse sintagma nominal.

Quadro 12 - Descrição entoacional da ocorrência 8 pela notação AM

Ocorrência 8 – Descrição entoacional					
[Eu senti um cortizinho] [assim na minha perna]					
H*L	L	L%	H*	L	H*L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir da leitura do quadro acima, temos que o contorno entoacional inicia-se com tons complexos (H*L), apresentado um pico na sílaba [sen]. Em seguida, apresenta uma descida na sílaba [um], representado por (L) e, no tom de fronteira, ocorre uma descida na sílaba [zi]. Dessa forma, a ocorrência *cortizinho* é pertencente ao subesquema dimensivo.

5.2.1.2 Microconstrução 1.2 – Dimensivo quantitativo

O segundo padrão microconstrucional – *dimensivo quantitativo* – é caracterizado pela função de diminuir quantitativamente o referente. Com o total de 26 ocorrências no *corpus*, este padrão é o quarto mais frequente. Ademais, essa microconstrução pode ser caracterizada como [+ intersubjetiva] do que a primeira, uma vez que o falante expressa o seu posicionamento em relação à quantidade do referente atrelado a uma avaliação subjetiva. A seguir, no quadro 13, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão:

Quadro 13 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.2

Microconstrução 1.2 – Dimensivo quantitativo	
Forma	<p>[elemento quantificador/pronome indefinido + SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}]</p> <p>Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>.</p>
Função	Promover uma diminuição do referente no que se refere à quantidade.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Conforme apresentado no quadro 13, a forma desta microconstrução é descrita como [elemento quantificador/pronome indefinido + SN + -inho/a], em que um sintagma nominal, vinculado ao sufixo *-inho/a*, é precedido de um elemento quantificador ou de um pronome indefinido. Assim como o primeiro padrão, este sintagma nominal está restrito ao plano físico. Quanto ao nome recrutado, a sua base deve ser passível de diminuição em quantidade.

No que tange à função, essa microconstrução refere-se a quando se pretende fazer referência a uma quantidade ainda menor do que o referente. O falante aparentemente avalia a quantidade do referente em termos de uma baixa quantidade, podendo especificar ou não o número exato. Dessa forma, o falante mapeia o domínio de dimensão no domínio de quantidade, em que MENOS É MENOR, representando o esquema básico mais geral QUANTIDADE É DIMENSÃO. Assim, essa avaliação é subjetiva, individual e também cultural. Em vista disso, esta microconstrução pode ser caracterizada como [+ intersubjetiva] do que a primeira, uma vez que o falante expressa o seu posicionamento em relação à quantidade do referente, expressando uma avaliação subjetiva.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1.2 com o número de ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 4 - Número de ocorrências da microconstrução 1.2 no *corpus*

Dimensivo quantitativo	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
26 / 524	4,96% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como é possível observar na tabela 4, no total de 524 ocorrências, encontramos 26 ocorrências pertencentes ao padrão microconstrucional dimensivo quantitativo, o que indica o percentual de 4,96% em relação ao total de dados.

A seguir, descreveremos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.2.

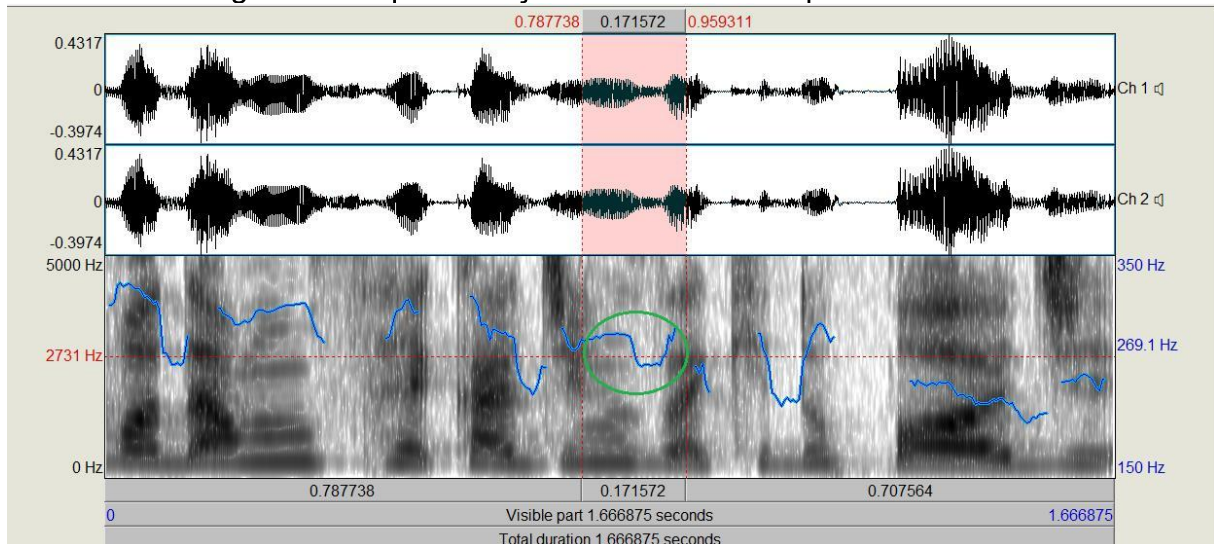
(9) Bruna: Só pra começar vou dar uns recadinhos aqui do POD: pra você se inscrever aqui no canal, em outros canais que agente tem. A gente sempre solta conteúdo. Tem o canal do, é de cortes que, assim, bomba demais. E também tem as nossas reders sociais, que é o Twitter, PodDelas Podcasts. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)²⁷

Em (9), a locutora, Bruna, está iniciando a entrevista com a surfista Chloé para o canal PodDelas. Nesse trecho, antes de apresentar a entrevistada, ela informa aos seus locutores que dará alguns recados relativos ao próprio canal. Então, a locutora já inicia o podcast interagindo com a entrevistada, mas, antes de começar a fazer as perguntas, ela realiza uma pausa e enfatiza a pequena quantidade de recados que dará antes de iniciar com a entrevista de fato. O uso do diminutivo, nesta ocorrência, é para indicar a baixa quantidade de recados que a locutora está prestes a dizer. Isso indica que a locutora está mapeando o domínio dimensão (menor) no domínio de quantidade (menos *recados*), representando o esquema mais geral QUANTIDADE É DIMENSÃO. Nesse caso, é possível perceber todos os elementos da forma: o elemento quantificador *uns* juntamente com o nome *recado*, combinado com o sufixo *-inho*, em que se observa que o nome recrutado na ocorrência é diminuído em quantidade. Outrossim, a função é a de reduzir o

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3lv43o6U?feature=share>. Acesso em 8 de jul. de 2023. Minutagem do dado: 1 min e 37 s.

referente a uma baixa quantidade, sem especificar o número exato. Dessa forma, constata-se que a locutora avalia subjetivamente que a quantidade de recados que serão ditos é de quantidade reduzida. No que se refere ao traço prosódico, não há alta variação na extensão do *pitch*. Vejamos na imagem a seguir:

Figura 7 - Representação da ocorrência 9 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A figura acima ilustra a análise acústica da ocorrência em (9), em que o sufixo *-inho* combinado ao nome *recado* desempenha a função dimensiva quantitativa. Como é possível observar na parte destacada em vermelho, a duração da produção da ocorrência *recadinhos* totalizam 0,17 segundos. Ademais, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 352.8 Hz e valor do *pitch* mínimo é de 199.2 Hz, resultando em um *pitch* range de 126.6 Hz. Sendo assim, percebe-se que não há interferência significativa ao longo do contorno, com tons muito elevados nem muito baixos. Portanto, essa ocorrência é pertencente ao subesquema 1, uma vez que é produzida com baixa extensão da variação do *pitch* e com curta duração de tempo. A seguir, apresentamos o quadro 14 com a descrição entoacional desse sintagma nominal.

Quadro 14 – Descrição entoacional da ocorrência 9 pela notação AM

Ocorrência 9 – Descrição entoacional				
[Vou dar uns recadinhos] [aqui do POD]				
H*L	H*	L%	L	H*L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base no quadro 14, temos que a descrição do contorno do *pitch* da ocorrência (9) inicia-se com tons complexos (H*L), apresentado um pico seguido de um vale na sílaba [dar]. Em seguida, há uma subida na sílaba [uns], representada por (H*), e, no tom de fronteira, tem-se uma descida na sílaba [di]. Dessa forma, a ocorrência *cortizinho* apresenta os menos valores de *pitch* do contorno entoacional, logo, é pertencente ao subesquema dimensivo.

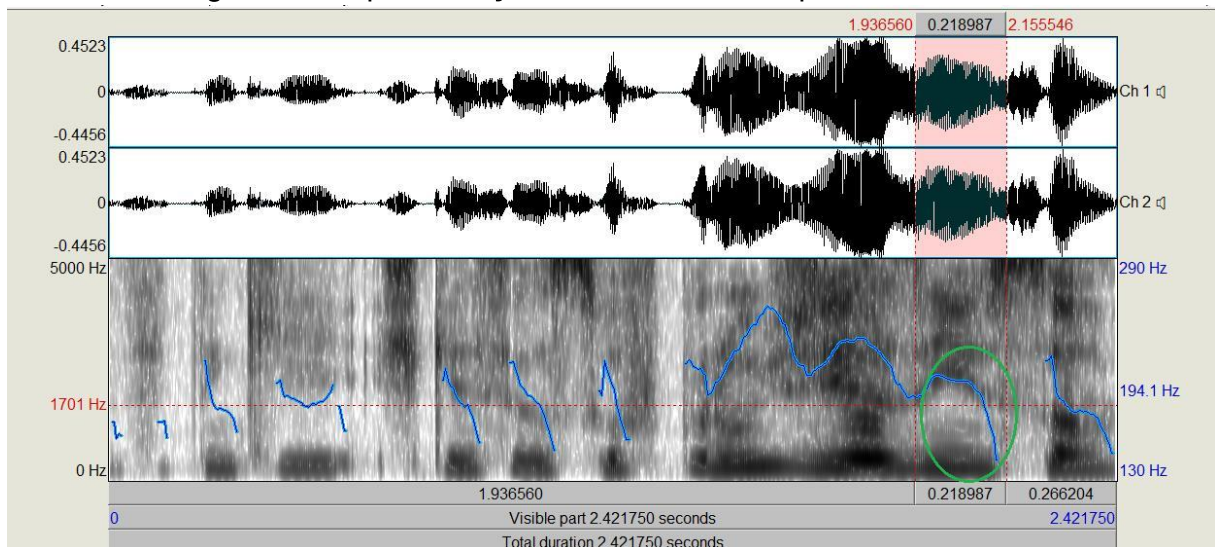
(10) Chloé: Aí nessas férias, eu num ... não é nada de surf. Que é muito difícil eu viajar pra algum lugar que não tenha onda. Então, eu penso: puts, mas eu queria ir pra esse lugar; não Chloé, você tem que esquecer o surf por uns diazinhos só. Cara me fez um bem gigante. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)²⁸

Em (10), a locutora, Chloé, está em uma entrevista com as apresentadoras Bruna e Rachel no canal PodDelas. Nesta cena, a locutora explica a importância de se afastar de qualquer atividade relacionada ao *surf* durante as férias, pois a prática desse esporte é a sua profissão. Enquanto ela explica, faz uma avaliação subjetiva de que são necessários poucos dias longe do *surf* para se sentir bem novamente. Nessa ocorrência, também é possível observar todos os elementos da forma da microconstrução descrita no quadro 13: o elemento quantificador *uns* precede o nome *dias*, vincula-se ao sufixo *-inho*. Vê-se, nesse caso, que o nome recrutado é diminuído em quantidade, isto é, a quantidade de dias é reduzida ao máximo, por meio da metáfora QUANTIDADE É DIMENSÃO. É possível perceber também que este construto está acompanhado do advérbio *só*, reforçando a diminuição quantitativa do sintagma nominal *uns diazinhos*. Além disso, o diminutivo cumpre a

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3lv43o6U?feature=share>. Acesso em 8 de jul. de 2023. Minutagem do dado: 1 h e 3 min.

função descrita no quadro 5, que é a de promover a diminuição quantitativa do referente, considerando a avaliação subjetiva do falante. Logo, verifica-se que a locutora, com base na sua subjetividade, avaliou que é necessária uma quantidade pequena de dias de férias. Em relação à análise acústica dessa ocorrência, não há alta variação na extensão do *pitch*. Essa evidência pode ser averiguada na imagem abaixo obtida por meio do programa Praat.

Figura 8 - Representação da ocorrência 10 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base na leitura da imagem acima, observa-se que o nome *dia* ao combinar-se ao sufixo *-inho* atua com a função de diminuir a quantidade de dias. Na figura acima, a parte destacada em vermelho demonstra a duração da produção da ocorrência *diazinhos* com o total de 0,21 segundos. A partir da análise prosódica dessa ocorrência, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 256.10 Hz e valor do *pitch* mínimo é de 145.11 Hz, resultando em um *pitch* range de 110.99 Hz. Portanto, não há interferência de tons mais altos nem de tons mais baixos no contorno entoacional. Logo, essa ocorrência é pertencente ao subesquema 1, uma vez que apresenta baixa extensão da variação do *pitch* e curta duração de produção em segundos. Em seguida, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (10) é demonstrada no quadro 15.

Quadro 15 - Descrição entoacional da ocorrência 10 pela notação AM

Ocorrência 10 – Descrição entoacional					
[Você tem que esquecer o surf] [por uns diazinhos só]					
L*	H*	L%	H*	H	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O quadro 15 também apresenta dois eventos tonais, mas analisaremos somente o segundo evento. Assim, o contorno entoacional representado por *por uns diazinhos só* inicia-se com pico na sílaba [uns], representado por (H*). Em seguida, observamos uma descida, em que apresenta um tom alto (H), na sílaba [di] menor que o pico anterior, seguido de um declínio na sílaba [zi] até chegar no tom mais baixo, na sílaba [nhos]. Desse modo, a ocorrência *diazinhos* é pertencente ao subesquema dimensivo.

(11) Nina: Esotu positivamente surpresa com esse corretivo. Como eu falei, ele é fininho, ele é levinho, ele é hidratante. [...] Consegui fazer a minha pele com ele e achei bem bacana. Eu tô sentindo vim cá um pouquinho abaixo dos olhos, mas é por conta do olhinho mais o corretivo hidratante. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)²⁹

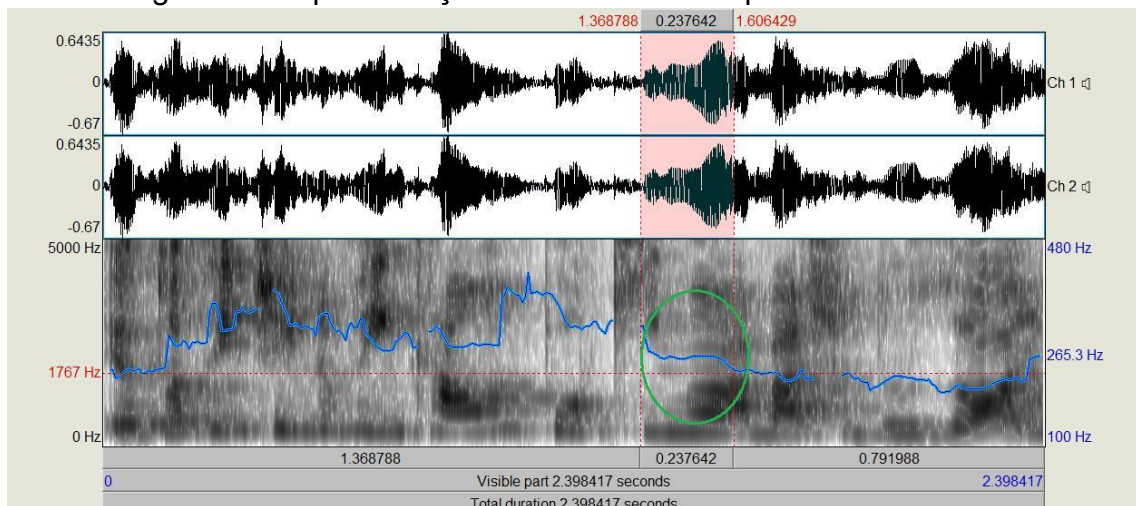
Em (11), a locutora, Nina, está gravando um vlog para relatar as suas impressões sobre um corretivo – produto de maquiagem. Nesse trecho, a locutora já testou o produto em sua pele e emite as suas opiniões sobre ele. E, ao dizer como ficou na região dos olhos, a locutora indica, com auxílio os dedos, que sentiu uma pequena quantidade de produto assentar abaixo dos olhos. Apesar de destacar que o corretivo testado deixar um pouco de produto extra abaixo dos olhos, isso não interfere na qualidade da maquiagem final. Portanto, não é o propósito da locutora intensificar a propriedade da quantidade, mas ressaltar a baixa quantidade material do produto. Esta ocorrência apresenta todos os elementos da forma descrita no quadro 13: o elemento quantificador está contido no próprio nome *pouco*, combinado

²⁹ Disponível em: <https://youtu.be/69IILCNuOiQ>. Acesso em: 21 de mai. de 2022. Minutagem: 9 min e 33 s.

ao sufixo *-inho*. Observa-se também, neste caso, que o nome recrutado na ocorrência é diminuído em quantidade, em que o falante, por meio da metáfora QUANTIDADE É DIMENSÃO FÍSICA, mapeia o domínio dimensão no domínio quantidade – MENOS É MENOR. Ademais, a função do diminutivo está igualmente em conformidade com o quadro 13, ou seja, a função é a de promover a redução do referente, uma vez que a locutora usa o diminutivo para diminuir a quantidade de produto que deixou a pele viscosa, selecionando o sufixo *-inho* para deixar explícito para o interlocutor que essa quantidade é ainda menor do que a quantidade que o advérbio *pouco* carrega. Portanto, a locutora, Nina, permite que o interlocutor formule seus próprios julgamentos acerca do corretivo testado a partir da avaliação previamente apresentada por ela.

Assim como na amostra anterior, não há interferência significativa na extensão da variação do *pitch*. Portanto, novamente, a investigação prosódica nos mostra que o emprego do sufixo *-inho*, nesse caso, não apresenta tons muito mais elevados ou muitos mais baixo durante a produção do construto *pouquinho*. A fim de ilustrar melhor essa baixa variação, apresentamos, a seguir, uma tela da análise acústica de tal ocorrência.

Figura 9 - Representação da ocorrência 11 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na figura acima, é possível observar a produção de *pouquinho* destacado em vermelho, demonstrado que o tempo de duração da ocorrência foi de 0,23 segundos. Além disso, podemos perceber que a diferença entre o *pitch* mais alto e *pitch* mais baixo não é tão elevada – *pitch* range –. Verificou-se que o *pitch* mais alto

é de 418.8 Hz, e o pitch mais baixo é de 198.2 Hz, totalizando 220.6 Hz. Desse modo, há pouca interferência na extensão do contorno do *pitch*, configurando essa ocorrência como pertencente ao subesquema 1. Em seguida, apresentamos a descrição do entorno entoacional da amostra em análise no quadro 16.

Quadro 16 - Descrição entoacional da ocorrência 11 pela notação AM

Ocorrência 11 – Descrição entoacional						
[Eu tô sentindo vim cá] [um pouquinho abaixo dos olhos]						
L	H	H	H*	H	L*	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base na leitura do quadro 16, o segundo evento tonal, onde ocorre a ocorrência *pouquinho*, inicia-se com tons baixos; em seguida, apresenta um pico; e, por fim, tem um declínio. A partir da análise acústica, percebe-se que o tom mais alto está na produção da sílaba [um]. Nesse exemplo, a ocorrência em análise não é um tom de fronteira, mas, ainda assim, é produzido com tom baixo, representando um declínio no contorno entoacional. Desse modo, o construto representado em *pouquinho* também é pertencente ao subesquema dimensivo.

5.2.1.3 Microconstrução 1.3 – Dimensivo de atenuação temporal

O terceiro padrão microconstrucional de diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, é o que classificamos como *dimensivo de atenuação temporal*³⁰, o qual apresenta um total de dezesseis ocorrências, representando o quinto padrão mais frequente no *corpus*. Esse padrão caracteriza-se por atenuar a extensão temporal de uma ação e, em sua forma, diferentemente dos demais padrões, o sintagma nominal é precedido de um verbo, como veremos mais detalhadamente a seguir na descrição da forma e da função desse padrão microconstrucional. Vejamos o quadro 16 a seguir:

³⁰ Classificação proposta, no âmbito deste trabalho, a partir da análise de dados do *corpus* constituído para esta pesquisa.

Quadro 17 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.3

Microconstrução 1.3 – Dimensivo de atenuação temporal	
Forma	<p>[V + SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}]</p> <p>Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i>.</p>
Função	Promover uma atenuação da extensão temporal de um evento.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A forma desta microconstrução é descrita como [V + SN + -inho/a], em que um sintagma nominal, vinculado ao sufixo -inho/a, é precedido de um verbo. Portanto, este padrão possui uma estrutura argumental específica, em que é exigido um sintagma nominal como complemento, indicando execução de uma ação. Entendemos que, neste padrão microconstrucional, são recrutados nomes que marcam eventos no plano temporal.

E, conforme apontado no quadro acima, a função desta microconstrução é promover uma atenuação da extensão temporal de um evento, já que o locutor empregaria este padrão para marcar a brevidade de um evento, isto é, para indicar que um evento é apresentado com a duração de tempo reduzida. A atenuação nesse padrão parte da intenção de proteção do *self* do falante (Goffman, 1997), uma vez que atenuar está relacionado a mitigar e reduzir. Logo, o falante faz uso deste padrão para reduzir certos efeitos negativos que a extensão prolongada do evento pode ter em relação ao interlocutor. Sendo assim, em uma escala de comparação com as demais microconstruções identificadas no *corpus*, este padrão microconstrucional possui uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a microconstrução anterior – dimensiva quantitativa. Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1.3 com o número de ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 5 - Número de ocorrências da microconstrução 1.3 no *corpus*

Dimensivo de atenuação temporal	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
16 / 524	3,05% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como é possível observar na tabela 5, no total de 524 ocorrências, encontramos 16 ocorrências pertencentes ao padrão microconstrucional dimensivo de atenuação temporal, o que gerou o percentual de 3,05% em relação ao total de dados.

A seguir, descrevemos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.3.

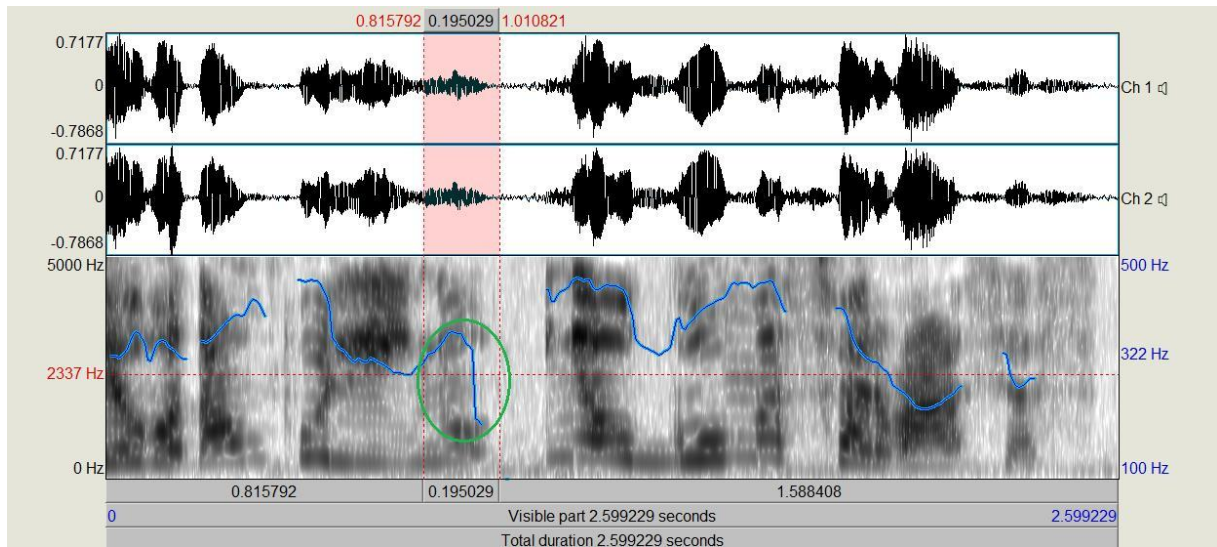
(12) Nina: Hoje eu vou levar vocês junto comigo, para conhecer as novidades e os lançamentos dos cosméticos e das maquiagens das farmácias americanas. Tô em Orlando. Acabei de chegar aqui. E vou dar um pulinho em algumas farmácias pra ver essas novidades. E mostrar pra vocês em primeira mão. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³¹

Em (12), a locutora, Nina, está na cidade de Orlando e se propõe a mostrar para os seus interlocutores os preços de produtos de cosméticos de marcas variadas em diferentes farmácias americanas. Nesse trecho, a locutora atenua a extensão temporal da sua ida às farmácias. Com relação à forma, todos os elementos estão presentes nesta ocorrência: o verbo *dar* precede o sintagma nominal *um pulinho*, indicando a ação de ir às farmácias. Além disso, a função é representada pela marcação da brevidade do evento, ou seja, a locutora mitiga os efeitos negativos que a extensão prolongada desse evento poderia gerar no interlocutor. Então, ao mesmo tempo em que a locutora quer proteger a sua face, ela leva o interlocutor a querer participar desse evento.

³¹ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 0 min e 13 s.

Além disso, como característica comum às microconstruções deste subesquema, a prosódia também desempenha papel fundamental na identificação do pareamento forma-função contido nesse construto. Nesse sentido, *dar um pulinho* também é produzido sem variação significativa dos tons que produzidos pela locutora, conforme observamos a seguir:

Figura 10 - Representação da ocorrência 12 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A figura acima ilustra a produção oral de *vou dar um pulinho em algumas farmácias*. Nesse excerto, o sufixo *-inho*, combinado ao nome deverbal *pulo*, exerce o papel de atenuar a duração da ação da locutora. Na figura acima, a parte destacada em vermelho demonstra a duração da ocorrência *pulinho* com o total de 0,19 segundos. Além disso, também é possível observar que há baixa variação na extensão do pitch, uma vez que o valor do *pitch* máximo é de 456.0 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 198.6 Hz, resultando em um *pitch* range de 257.4 Hz. Logo, essa ocorrência é pertencente ao subesquema 1, uma vez que o contorno do *pitch* não apresenta tons muito baixos nem muito altos ao longo da produção do evento tonal, e a ocorrência é produzida com curta duração de tempo. Em seguida, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (12) é demonstrada no quadro 18.

Quadro 18 - Descrição entoacional da ocorrência 12 pela notação AM

Ocorrência 12 – Descrição entoacional			
[Vou dar um pulinho] [em algumas farmácias]			
LH*	L%	H*L	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir da descrição entoacional do primeiro evento tonal, observa-se que ele se inicia com tons complexos (LH*), a sílaba [vou] é produzida por um tom baixo seguido de uma subida em um tom mais alto na sílaba [dar], e, por fim, o contorno do *pitch* apresenta um declínio, com tons mais baixos nas sílabas [li] e [nho], representados por (L%).

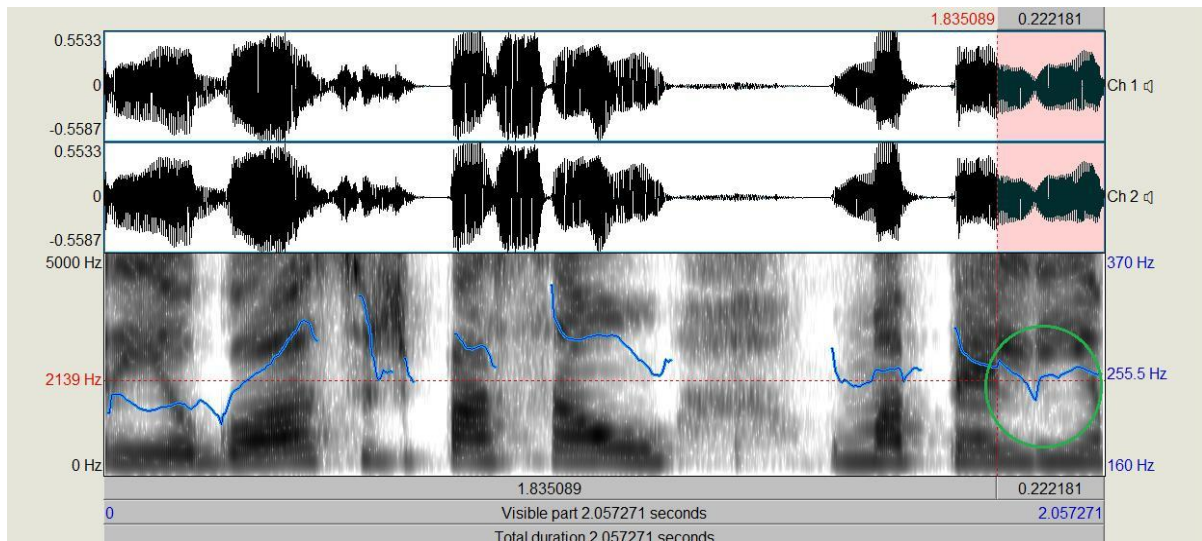
(13) Fê: Você é muito vaidosa? Eliana: Eu acho que sim. Na medida. Mas, é porque eu gosto de me apresentar bem, né. Então, a gente vive é no Instagram, nas redes sociais, de uma maneira geral, no programa. A gente tava comentando no camarim: eu gosto de passar uma pelinha, passar um glossinho pra ir ali na padaria. Sabe aquela coisa? Fê: Sei, sei ... (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³²

Em (13), a locutora, Eliana, está sendo entrevistada pelas apresentadoras Fê e Gioh no podcast denominado *Quem pode, pod*. A entrevistadora, Fê, pergunta para Eliana se ela é muito vaidosa. Ao responder, a locutora, Eliana, afirma gostar de estar sempre bem apresentável. Ao final do excerto, ela atenua a ação de passar uma maquiagem rápida na pele – *passar uma pelinha*. Neste exemplo, temos todos os elementos constituintes da forma: o verbo *passar* acompanhado do sintagma nominal como complemento – *passar uma pelinha*, indicando a execução de maquiarse – combinado ao sufixo *-inha*. Esta ocorrência também está em conformidade com a função descrita no quadro 6, em que a locutora atenua o ato de se maquiarse, ou seja, não se trata de um evento complexo ou extenso. Logo, a locutora protege a sua face (Goffman, 1997), pois, quando diz passar uma pelinha, não se refere a uma maquiagem elaborada, mas a uma maquiagem rápida e leve.

³² Disponível em: <https://youtu.be/oFJtAKxDdpY>. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 2 min e 59 s.

No que diz respeito à análise dos traços suprasegmentais, tal como a maneira como *pelinha* é produzido na fala, com pouca extensão na variação do *pitch*, verifica-se que tal ocorrência é pertencente ao subesquema dimensivo. Vejamos, a seguir, a imagem da tela retirada do programa Praat, a fim de ilustrar melhor as características formais dessa ocorrência.

Figura 11 - Representação da ocorrência 13 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como mencionado anteriormente, observa-se que o nome *pele*, ao combinar-se ao sufixo *-inha*, desempenha a função de diminuir atenuar a duração temporal da ação da locutora. Conforme a figura acima, a duração da produção da ocorrência *pelinha* é curta com base na parte demarcada de vermelho, a qual indica o total de 0,22 segundos. Ademais, a análise da tela do Praat nos permite verificar que o *pitch* máximo é de 339.53 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 208.84 Hz, resultando em um *pitch* range de 130.69 Hz. Portanto, não há interferência significativa ao longo do contorno do *pitch*. Logo, essa ocorrência é pertencente ao subesquema 1. A seguir, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (13) é demonstrada no quadro 19.

Quadro 19 – Descrição entoacional da ocorrência 13 pela notação AM

Ocorrência 13 – Descrição entoacional			
[Eu gosto de passar] [uma pelinha]			
L	H*L	H*	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No quadro acima, observamos dois eventos tonais, mas analisaremos somente o segundo evento. Dessa forma, no segundo evento tonal, o contorno do *pitch* se inicia com um tom alto, na sílaba [uma] – representado por (H*) –, e, em seguida, há um declínio com o tom de fronteira mais baixo, na sílaba [nha]. Logo, esse resultado comprova que este construto é pertencente ao subesquema dimensivo.

(14) Bruna: Você faz alguma coisa antes de entrar, assim, no mar? Tipo, você tem uma ... uma reza. Haaa não sei. Uma ... uma, algum pensamento que você sempre faz ali antes de entrar?

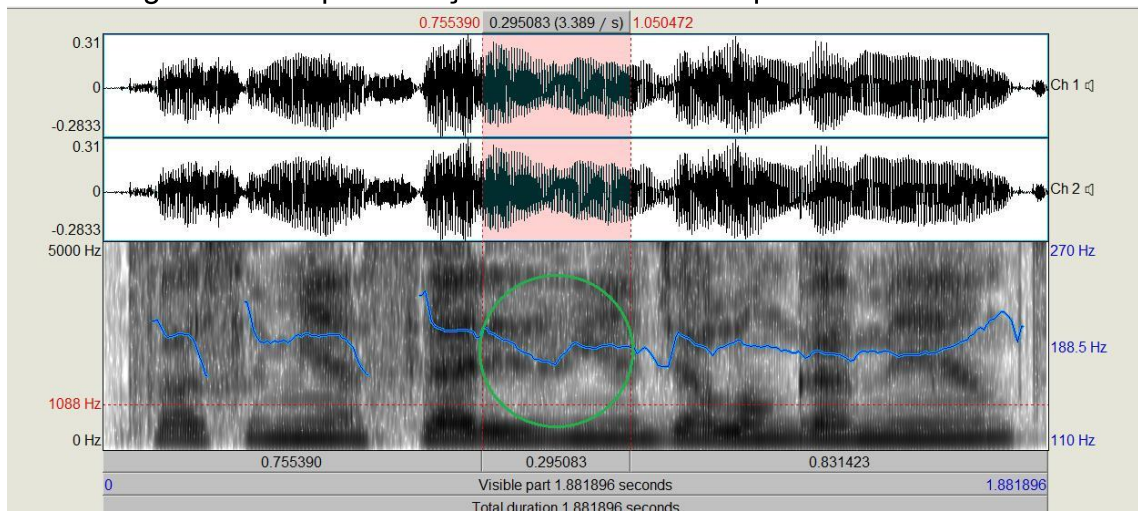
Chloé: Sim. Eu chego faço minha serizinha de alongamento, mobilidade, faço uns cinco ciclos de respiração. E a medida que vou entrando na água, voltando, vou fazendo a minha oração. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³³

Em (14), a entrevistadora, Bruna, questiona Chloé se ela tem algum tipo de rito individual antes de entrar no mar para uma competição de surf. Então, a locutora, Chloé, responde de forma afirmativa, dizendo que possui a sua própria série de alongamento, entre outras práticas. Para falar da sua série de alongamento, a locutora usa o diminutivo a fim de marcar a brevidade da sua sequência de série de alongamento. Nesta ocorrência, temos todos os elementos constituintes da forma: o verbo *faço*, seguido do sintagma nominal como complemento – *minha serizinha* –, indicando a ação de breve de se alongar antes das competições. A função de promover uma atenuação da extensão temporal de um evento pode ser claramente percebida, já que a locutora não dispõe de muito tempo ou do tempo que costuma ter para realizar uma série de alongamento. Como se trata do momento

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3lv43o6U?feature=share>. Acesso em 8 de jul. de 2023. Minutagem do dado: 1 h e 15 min e 5 s.

antes da competição, a duração do evento deve ser de tempo reduzido. Ademais, a locutora utiliza o diminutivo como estratégia de atenuação para proteger sua face (Goffman, 1997), uma vez que reduz, ao máximo, o tempo que faz uma série de alongamento, não interferindo no início do momento da competição. No que se refere à investigação da prosódia nesse caso, a seguir apresentamos uma tela do programa Praat com a análise acústica do trecho em questão.

Figura 12 - Representação da ocorrência 14 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na imagem acima, é possível perceber que o nome *série*, ao combinar-se ao sufixo *-inha*, atua com a função de atenuação temporal, portanto, é pertencente ao subesquema 1. Nesse sentido, na figura acima, a parte destacada em vermelho demonstra a duração da ocorrência representada em *serizinha* com o total de 0,29 segundos. Com base na análise feita pelo *software* Praat, o valor do *pitch* máximo é de 297.04 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 141.5 Hz, resultando em um *pitch* range de 155.54 Hz. Portanto, há pouca diferença entre os *pitch*s máximo e mínimo, demonstrando que a extensão da variação do *pitch* é baixa. Vejamos, a seguir, a descrição do entorno entoacional dessa ocorrência.

Quadro 20 - Descrição entoacional da ocorrência 14 pela notação AM

Ocorrência 14 – Descrição entoacional			
[Faço minha serizinha] [de alongamento]			
L	H*	L%	H*L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base no quadro 20, analisamos o primeiro evento tonal. Assim, o contorno entoacional representado por *Faço minha serizinha* inicia-se com um tom baixo seguido de um pico na sílaba [mi], que faz parte da palavra *minha*, representado por (H*). No tom de fronteira, há uma descida, representada como tom mais baixo na sílaba [nha].

5.2.1.4 Microconstrução 1.4 – Dimensivo intensivo

O quarto padrão microconstrucional é classificado, neste trabalho, como *dimensivo intensivo*, sendo caracterizado pela função intensiva, isto é, a função atribuída ao sufixo *-inho/a* é intensificar uma propriedade já existente no referente ou no evento. Nesse caso, por meio de processos semântico-discursivos, o sufixo *-inho/a* atribui intensidade a uma propriedade inerente a nomes ou a adjetivos de acepção mais abstrata. Com um total de 124 ocorrências no *corpus*, este padrão é o segundo mais frequente. Vejamos o quadro 1.4 a seguir, o qual representa a forma e a função deste padrão microconstrucional.

Quadro 21 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.4

Microconstrução 1.4 – Dimensivo intensivo	
Forma	[(elemento intensificador) + SN ^{dimensionável} / SADJ ^{dimensionável} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: baixa extensão da variação do <i>pitch</i> .
Função	Promover uma intensificação de uma propriedade do referente ou do evento.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Esta microconstrução apresenta a forma [(elemento intensificador) + SN / SADJ + -inho/a], em que um sintagma nominal ou um sintagma adjetival combina-se com o sufixo *-inho/a*, podendo ser precedido ou não de um elemento intensificador. Nesse padrão, o elemento recrutado para ocorrer com o diminutivo pode ser um elemento de natureza intensificadora ou o sufixo *-inho/a* pode atribuir ao elemento recrutado essa natureza.

Em relação à função, este padrão caracteriza-se por aumentar a intensidade de uma propriedade do referente ou do evento. O uso do diminutivo processa-se, então, como uma estratégia de intensificação, atuando como um fenômeno semântico-pragmático. A função intensificadora desse padrão está relacionada à necessidade do falante de exprimir uma noção intensificadora de um referente ou evento, baseando-se em suas impressões pessoais. Portanto, esta microconstrução apresenta ancoragem [+ intersubjetiva] do que as microconstruções apresentadas previamente.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1.4 com o número de ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 6 - Número de ocorrências da microconstrução 1.4 no *corpus*

Dimensivo intensivo	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
124 / 524	23,66% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

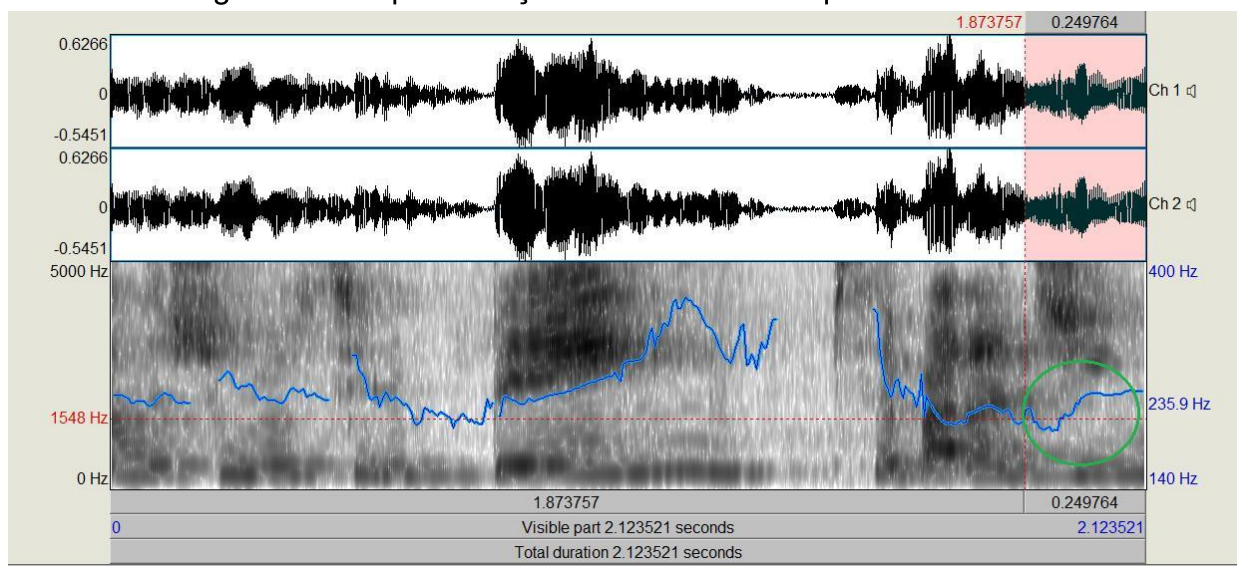
Como é possível observar na tabela 6, no total de 524 ocorrências, encontramos 124 ocorrências pertencentes ao padrão microconstrucional dimensivo intensivo, o que gerou o percentual de 23,66% em relação ao total de dados. A seguir, descrevemos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.4.

(15) Nina: E a máscara de cílios ... Estou bem surpresa com ela. Deixou o meu cílio bem separadinho, volumoso, alongado. Achei que cumpriu assim o que promete. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³⁴

Nesta ocorrência, a locutora, Nina, está gravando um vlog relatando a sua opinião sobre determinados produtos de maquiagem. Nesta cena, a locutora afirma ter gostado da máscara de cílios testada por ela e destaca o quão separados os cílios ficaram, utilizando o diminutivo como estratégia de intensificação. Com relação à forma, todos os elementos estão presentes nesta ocorrência: o elemento intensificador *bem* vem acompanhado do sintagma adjetival *separadinho*, em um contexto em que o sufixo *-inho* atribui ao adjetivo recrutado – *separado* – uma natureza intensificadora. Além disso, a função é representada pela intensificação da propriedade do referente, uma vez que a locutora tem a intenção de exprimir uma noção intensificada acerca da separação dos cílios, baseando-se em suas impressões pessoais. A seguir, apresentamos a tela do programa Praat, a fim de ilustrar os traços prosódicos dessa ocorrência.

³⁴ Disponível em: <https://youtu.be/69IILCNuOiQ>. Acesso em: 21 de mai. de 2022. Minutagem: 10 min e 54 s.

Figura 13 - Representação da ocorrência 15 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A figura acima constitui a ilustração de uma ocorrência do subesquema 1. Na imagem, a parte destacada em vermelho demonstra a duração da ocorrência *separadinho*, com o total de 0,24 segundos. A partir da análise prosódica dessa ocorrência, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 359.30 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 206.85 Hz, resultando em um *pitch* range de 152.45 Hz. Portanto, não há interferência significativa de tons mais altos nem de tons mais baixos no contorno entoacional. Logo, o evento tonal dessa ocorrência apresenta baixa extensão da variação do *pitch* e curta duração de produção em segundos. Em seguida, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (15) é demonstrada no quadro 22.

Quadro 22 - Descrição entoacional da ocorrência 15 pela notação AM

Ocorrência 15 – Descrição entoacional			
[Deixou meu cílios]	[bem separadinho]		
H*	L%	H*	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A descrição entoacional do segundo evento tonal – *bem separadinho* – inicia-se com pico na sílaba [bem], seguido de um declínio até os tons mais baixos. Logo,

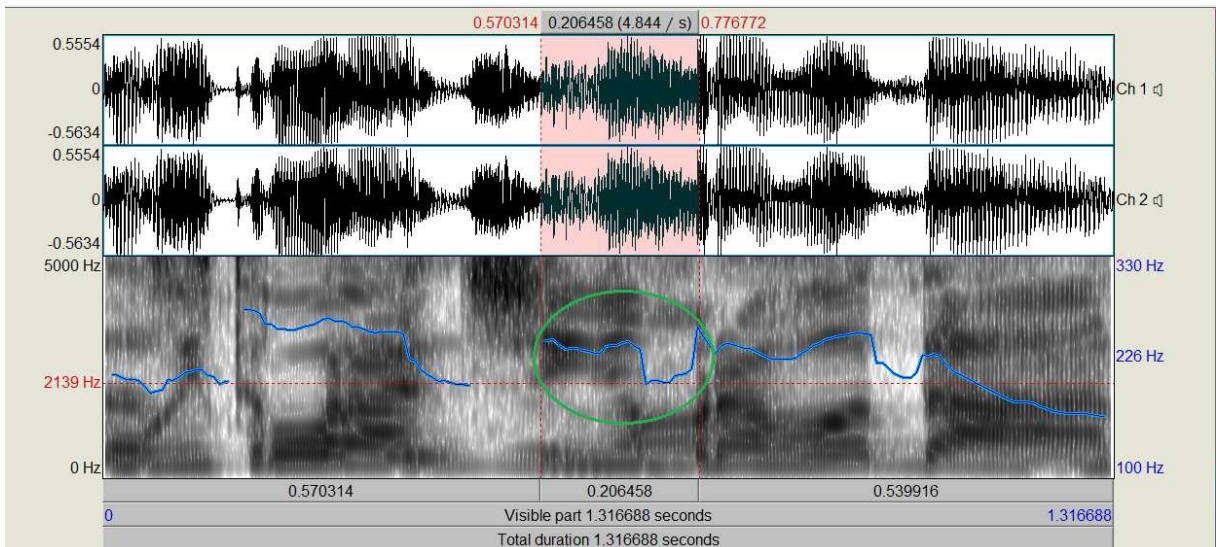
a sílaba [nho] representa o tom mais do contorno entoacional, representado por (L%).

(16) Eliana: Eu sou uma mulher muito ativa profissionalmente, e sou muito ativa como mãe, e gosto também de ser presente com o meu marido. Então, assim, a gente, realmente, dá um cento e oitenta pra dar conta das coisas. Fê: É muito **pratinho** pra rodar, né. Eliana: É muito pratinho pra rodar. É bem desafiador mesmo. E é suado. E eu sei dos meus privilégios. Agradeço a Deus por eles todos os dias, de graças a Deus ter gente que me ajude. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³⁵

Em (16), a locutora, Eliana, está relatando como concilia a vida profissional e a vida pessoal, destacando que a sua família sempre será a sua prioridade. Enquanto a entrevistada Eliana elenca as várias atividades e funções pelas quais é responsável, a locutora, Fê, comenta que é muito pratinho pra rodar. Nesse contexto, o locutor interpreta, metaforicamente, como sendo muitas responsabilidades para dar conta. Podemos perceber, nesta ocorrência, todos os elementos descritos na forma da microconstrução: o elemento intensificador *muito* antecedendo o sintagma nominal *pratinho*. Nesse sentido, sufixo *-inho* atribui ao nome recrutado – *prato* – a natureza intensificadora. Além disso, como vimos no Capítulo I, o construto *pratinho* representa um *chunk* na língua, uma vez que o uso dessas unidades em conjunto apresenta uma alta frequência, tonando-se indissociáveis uma da outra.

No que tange à função, observa-se a intenção de aumentar a intensidade de uma propriedade do referente – *pratinho*. O nome *pratinho*, nesta ocorrência, é interpretado metaforicamente como responsabilidade. Logo, a locutora faz uso do diminutivo para intensificar a quantidade de responsabilidade que a entrevistada, Eliana, possui, apresentando uma ancoragem [+ intersubjetiva]. Abaixo, apresentamos a tela do programa Praat no que se refere ao excerto em (16), *É muito pratinho pra rodar*.

³⁵ Disponível em: <https://youtu.be/oFJtAKxDdpY>. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 38 min e 20 s.

Figura 14 - Representação da ocorrência 16 pelo *software Praat*

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir da análise da tela do Praat referente ao construto representado em *pratinho*, verifica-se que essa ocorrência é pertencente ao subesquema dimensivo. A figura acima demonstra que o tempo de produção da ocorrência foi de 0,20 segundos. Ademais, com base na análise prosódica dessa, tem-se que o valor do *pitch* máximo é de 274.7 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 164.4 Hz, resultando em um *pitch* range de 110.3 Hz. Portanto, há pouca interferência de tons mais altos nem de tons mais baixos no contorno entoacional. Logo, esse evento tonal apresenta baixa extensão da variação do *pitch* e a produção da ocorrência *pratinho* possui curta duração. Para corroborar essa explicação, apresentamos, a seguir, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (16).

Quadro 23 - Descrição entoacional da ocorrência 16 pela notação AM

Ocorrência 16 – Descrição entoacional		
[É muito pratinho] [pra rodar]		
LH*	L%	H*L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Assim, como nas ocorrências pertencentes ao subesquema 1, o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* é produzido pelo falante com tom baixo. No quadro

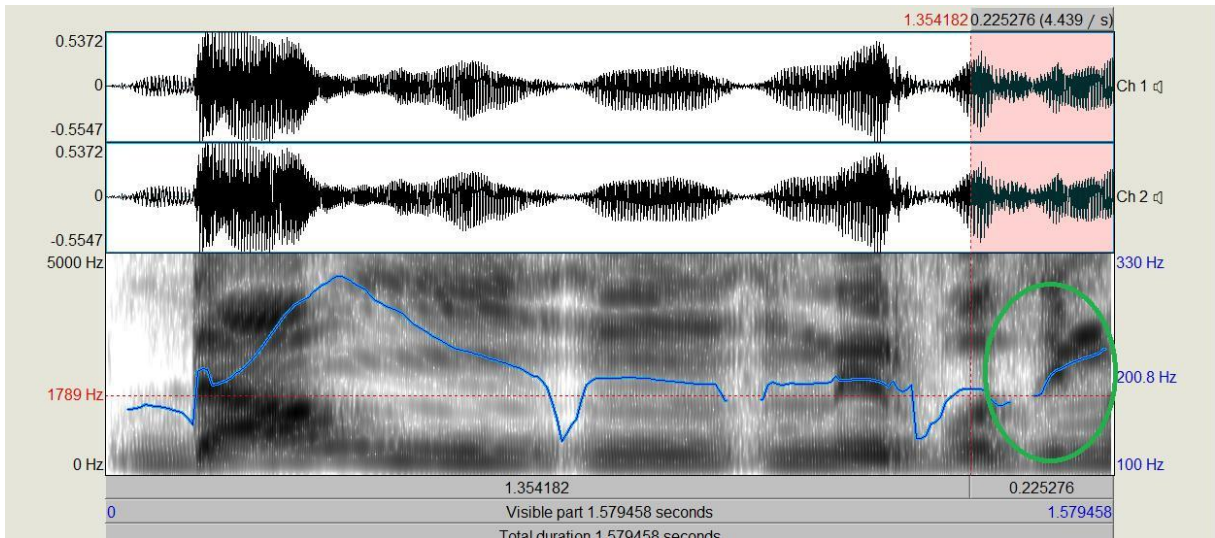
21, há dois eventos tonais, mas analisaremos somente o segundo evento. Assim, o contorno entoacional representado por *É muito pratinho pra rodar* inicia-se com tom baixo na sílaba [é] e é seguido de um pico na sílaba [mui], representado por (LH*). No final do evento tonal, observamos uma descida, em que apresenta um tom baixo (L%) até chegar no tom mais baixo, na sílaba [nho].

(17) Fê: E, nós, a pesar de ... de, da gente tá sempre te acompanhando, a gente acha que vive um pouco da sua vida. Acho que as redes sociais trazem isso, né. A gente poder viver um pouquinho da vida de cada um. Mas, mesmo assim, acho que dá um nervosinho. A gente ... agente cresceu te vendo, né. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³⁶

Em (17), a locutora, Fê, enquanto entrevista a artista Eliana, admite o nervosismo de estar entrevistando-a, ainda que a conheça há muito tempo. Ao comentar sobre seu nervosismo, a locutora menciona que as redes sociais podem trazer o benefício de manter por perto pessoas que não fazem parte de sua rotina. Para isso, a locutora usa o diminutivo para intensificar o sentimento dela de nervosismo diante do seu papel de entrevistar a Eliana, uma mulher com grande prestígio nacional. Nesta ocorrência, o elemento opcional da forma da microconstrução, o elemento quantificador não aparece, porém os demais elementos estão presentes: o sintagma nominal formado pelo adjetivo substantivado *pouco* vinculado ao sufixo *-inho*. Por sua vez, a função é a de intensificar a pequena quantidade acerca do evento, já que a locutora intensifica que a quantidade de eventos relacionados à vida das pessoas que podemos acompanhar, nas redes sociais, é muito pequena. Logo, essa estratégia de intensificação demonstra uma expansão semântico-pragmática, com ancoragem [+ intersubjetiva]. Ainda no que se refere à forma, é possível observar a baixa extensão da variação de *pitch* no contorno entoacional, conforme ilustrado na figura a seguir:

³⁶ Disponível em: <https://youtu.be/oFJtAKxDdpY>. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 8 min e 10 s.

Figura 15 - Representação da ocorrência 17 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base na leitura da imagem acima, observa-se que o nome *nervoso*, ao combinar-se ao sufixo *-inho*, atua com a função de intensificar uma propriedade do referente. Na figura acima, a parte destacada em vermelho demonstra a duração da ocorrência *nervozinho* com o total de 0,22 segundos. A partir da análise prosódica dessa ocorrência, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo é de 306.6 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 131.3 Hz, resultando em um *pitch* range de 175.3 Hz. Portanto, não há muita interferência de tons mais altos nem de tons mais baixos no contorno entoacional. Logo, essa ocorrência é pertencente ao subesquema 1, uma vez que apresenta baixa extensão da variação do *pitch* e curta duração de produção da ocorrência *nervosinho* em segundos. Em seguida, a descrição do entorno entoacional da ocorrência (17) é demonstrada no quadro 24 para atestar que a essa ocorrência é produzida com tom baixo.

Quadro 24 - Descrição entoacional da ocorrência 17 pela notação AM

Ocorrência 17 – Descrição entoacional
Dá um nervosinho. H* L L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No quadro acima, o evento tonal se inicia com um tom alto na sílaba [dá], apresentando maior proeminência. Em seguida, há um declínio na sílaba [um], sendo produzida por tom baixo e com um prolongamento na extensão do *pitch*. Por fim, a locutora permanece com tons baixos para produzir a ocorrência *nervosinho*, até chegar ao tom mais baixo, na sílaba [nho].

5.2.2 SUBESQUEMA 2

Nesta subseção, descrevermos o subesquema 2 que constitui a rede construcional do diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, e os pareamentos forma-função relacionados às microconstruções vinculadas a ele. Observemos, no quadro abaixo, as características que compõem o subesquema 2.

Quadro 25 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 2

SUBESQUEMA 2	
Forma	<p>Forma: [SN/SADJ/S^{PREP*} + inho/a^{prosódia}]</p> <p>*Precisa ser um sintagma nominal, adjetival ou preposicional não dimensionável.</p> <p>Prosódia: alta extensão da variação do <i>pitch</i>.</p>
Função	<p>Promover o escalonamento do posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O subesquema 2 refere-se ao grupo de microconstruções cuja forma constitui-se pela combinação do sufixo *-inho/a* a um sintagma nominal, adjetival ou preposicional. A partir dos dados analisados, percebe-se que o núcleo dos sintagmas recrutados – nome, adjetivo ou advérbio – não apresenta propriedade escalar. Ainda no que se refere à forma, é possível observar traços prosódicos

específicos comuns a essas construções, uma vez que é possível observar que o diminutivo é produzido com alto valor de *pitch* no contorno entoacional, apresentando alta extensão da variação do *pitch*. Portanto, a análise prosódica auxilia a investigação da definição do posicionamento asseverativo ou avaliativo realizado por essas construções, revelando maior expressividade do falante.

Em relação ao polo da função, conforme mencionado, as microconstruções pertencentes ao subesquema 2 apresentam como traços comuns à função de estabelecer o escalonamento do posicionamento asseverativo ou avaliativo do falante em relação ao interlocutor e apresentam caráter mais intersubjetivo, se comparadas às construções pertencentes ao subesquema 1. Então, quando o falante tem a intenção de estabelecer o grau do seu posicionamento, o mesmo não irá mais escalonar o eixo dimensionável, mas o eixo do engajamento.

No que diz respeito à intersubjetividade, essas construções se encontram em um contínuo, mais próximos do polo [+intersubjetivo], pois, ao utilizá-las, o falante busca se posicionar de forma mais expressiva, indicando suas crenças e atitudes (Traugott; Dasher, 2004). Dentro desse contexto, Traugott (2010) afirma que, devido à necessidade do falante de sinalizar a relevância de seu posicionamento, surgem a subjetivização – que envolve a inserção do falante no discurso ao expressar sua perspectiva ou opinião – e a intersubjetivização – que se relaciona à atenção do falante em relação ao interlocutor por ser sujeito ativo na interação –, ambas sendo sinalizadas linguisticamente. Nesse sentido, observamos o escalonamento no grau de comprometimento do falante em relação àquilo que é dito, ou seja, quanto maior o grau de engajamento do falante, maior será o grau de intersubjetividade da construção.

Na amostra analisada, verificamos 263 ocorrências representativas do subesquema 2, sendo 262 pertencentes à microconstrução 2.1 e 01 à microconstrução 2.2.

Tabela 7 - Frequência das microconstruções do subesquema 2

Frequência das microconstruções do subesquema 2	
Microconstrução 2.1 – Posicionamento asseverativo	01
Microconstrução 2.2 – Posicionamento avaliativo afetivo	262
Total	263

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, é possível verificar que as microconstruções avaliativas com o diminutivo são muito mais produtivas que as microconstruções asseverativas nesses contextos. As ocorrências direcionam-se a partir de um sentido mais pautado no posicionamento do falante e em contexto mais intersubjetivo.

A seguir, descrevemos o pareamento forma-função referente às duas microconstruções identificadas no *corpus* analisado, as quais, como assumimos, estão vinculadas ao padrão construcional que configura o subesquema 2. Observemos, no quadro abaixo, as características dos dois padrões microconstrucionais identificados:

Quadro 26 - Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 2

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 2		PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Micro 2.1 – Posicionamento modalizador asseverativo- epistêmico	Forma	Forma: [SADJ ^{não escalar} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: alta extensão da variação do <i>pitch</i> .
	Função	Promover a atribuição de veracidade a partir da realidade factual.
Micro 2.2 – Posicionamento avaliativo afetivo	Forma	[SN ^{com noção qualificativa} /SADJ ^{com noção qualificativa} / S ^{PREP} com noção qualificativa + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: alta extensão da variação do <i>pitch</i> .
	Função	Promover uma proximidade afetiva em relação ao referente a partir de uma noção de pertencimento.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A seguir, analisaremos, de forma detalhada e exemplificada, cada um dos padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 2.

5.2.2.1 Microconstrução 2.1 – Posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico

A microconstrução 2.1 refere-se às ocorrências que têm como função asseverar uma realidade expressa pelo uso do diminutivo, representado pelo sufixo -*inho/a*. O falante demarca o seu grau de engajamento, portanto, a noção de escalaridade não está presente no elemento recrutado para vincular-se ao sufixo -*inho/a*, mas está no entorno da própria construção. Assim, o locutor faz uso desta microconstrução para expressar o seu grau de posicionamento com atitude

modalizadora asseverativo-epistêmica. No quadro 27 a seguir, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução:

Quadro 27 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.1

Microconstrução 2.1 – Posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico	
Forma	Forma: [SADJ ^{não escalar} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: alta extensão da variação do <i>pitch</i> .
Função	Promover a atribuição de veracidade a partir da realidade factual.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Esta microconstrução apresenta a forma [SADJ^{não escalar} + -inho/a^{prosódia}], em que há uma restrição de valência em relação a seu escopo, em que o sintagma adjetival recrutado necessariamente não possui propriedade escalar, isto é, constitui um elemento binário que não é passível de ser escalonado combina-se ao sufixo *-inho/a*, revelando uma relação de valência lexical (Langacker, 1988).

Em relação à função, é possível perceber que, ao recrutar essa forma, sem propriedade escalar, o falante atribui a este padrão microconstrucional o escalonamento do seu posicionamento. Isso significa que a noção de escalonamento presente no esquema incide sobre o grau de posicionamento do falante. Assim, verificou-se que esse padrão é [+ intersubjetivo] em relação aos padrões do subesquema 1 que foram identificados no *corpus*, considerando os pressupostos assumidos por Traugott e Dasher (2002). Portanto, com o aumento de (inter)subjetividade, o grau de engajamento aumenta, e o falante se compromete ainda mais com o que é dito. Logo, com base em evidência factual, o falante atribui veracidade àquilo que é dito, escalonando o seu posicionamento.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 2.1 com o número de ocorrências e sua frequência em relação ao *corpus*. Vejamos:

Tabela 8 - Número de ocorrências da microconstrução 2.1 no *corpus*
Posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico

N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
1 / 524	5,24% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como é possível observar na tabela 8, no total de 524 ocorrências, encontramos 1 ocorrência pertencente ao padrão microconstrucional *modalizador asseverativo-epistêmico*, o que gerou o percentual de 5,24% em relação ao total do número de dados.

Destacamos que, embora tenha sido identificada apenas 01 ocorrência representativa deste pareamento forma-função, trata-se de um padrão microconstrucional no contexto deste trabalho. Assim, pode-se hipotetizar que, se está presente 01 única ocorrência em um *corpus* pouco extenso – que abarca apenas dois gêneros – em relação à própria língua, já há uma representação convencional na língua. Pressupõe-se, então, que, se houve representatividade – mesmo que mínima – no *corpus* parcial constituído para a presente pesquisa, isso seria um indício de que o pareamento em questão constituiria um padrão convencionalizado na língua.

A seguir, descreveremos a única ocorrência encontrada, retirada do *corpus* analisado, e apresentamos três paráfrases referentes ao dado, a fim de ratificar sua função modalizadora asseverativo-epistêmica.

(18) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinho pra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucho loko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. Prontinho! Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)³⁷

(18a) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinho pra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucho loko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. Prontinho

³⁷ Disponível em: <https://youtu.be/8m9ChCWdmGw>. Acesso em 20 de nov. de 2022. Minutagem do dado: 12 min e 3 s.

mesmo! Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)

(18b) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinho pra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucho loko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. **Prontinho de verdade!** Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)

(18c) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinho pra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucho loko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. **Prontinho** realmente! Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)

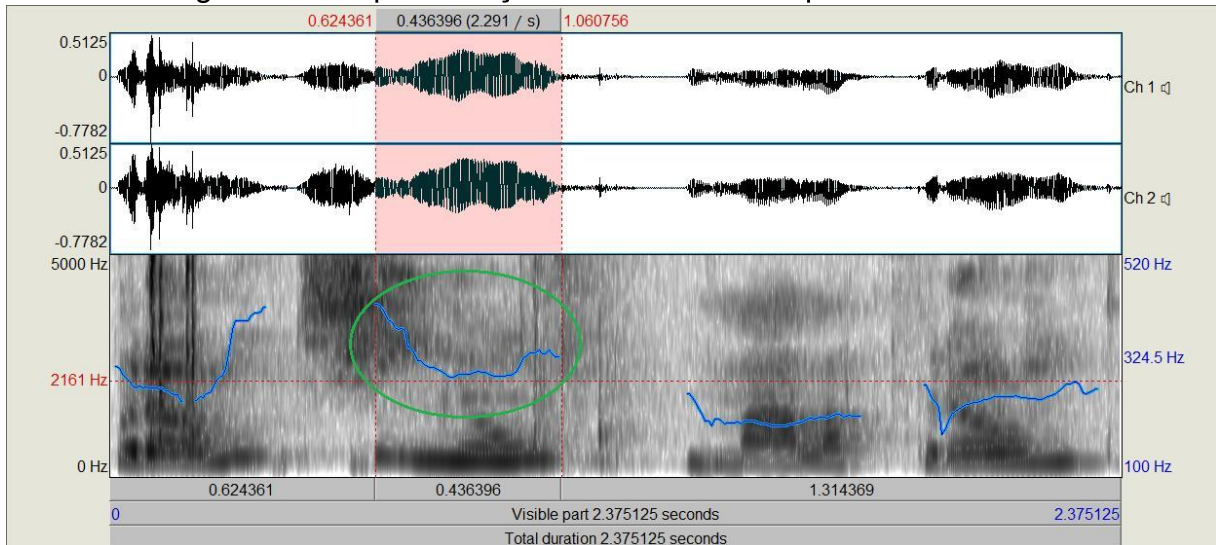
Na ocorrência (18), a locutora, Nina, está gravando um *vlog* relatando a sua rotina de trabalho. Nesta cena, a locutora diz que vai fazer uma viagem a trabalho e mostra a sua mala para os seus interlocutores virtuais. A locutora está de pé gravando a sua mala que já está fechada e pronta para viajar. Então, ela faz uso do diminutivo para atribuir veracidade ao fato de sua mala estar pronta mesmo, conduzindo o interlocutor a perceber o escalonamento do seu posicionamento. Todos os elementos da forma se encontram neste excerto: o sintagma adjetival, não escalar, vincula-se ao sufixo *-inho*. Logo, a locutora aponta para uma gradação do seu engajamento.

A partir da análise das paráfrases, nota-se que é possível a existência de graus de engajamento do falante com asseveração, isto é, a ocorrência *prontinho* já é um modalizador asseverativo-epistêmico, no entanto, no caso das paráfrases formuladas, o falante se engaja mais ainda quando ele acrescenta a esse construto um outro modalizador. Dessa forma, dentro de uma escala de posicionamento, a forma *prontinho* seria menos expressiva do que outras em que se vincula também outro elemento junto ao construto, como em: *prontinho mesmo*, *prontinho de verdade*, *prontinho realmente* etc.. Logo, com base na observação da realidade factual, o falante atribui veracidade, o qual pode revelar graus diversos de engajamento a partir do nível de comprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional.

No que se refere aos traços prosódicos, é possível verificar uma mudança da configuração do contorno do *pitch* em relação às microconstruções pertencentes ao

subesquema 1. No caso das microconstruções 2.1 e 2.2, o contorno do *pitch* possui alta extensão de variação e o elemento que se combina ao sufixo –inho/a é produzido com maior duração, ainda que com pouca diferença, o que é perceptível na análise por meio da ferramenta Praat. Vejamos a figura abaixo acompanhada da análise acústica de fala:

Figura 16 - Representação da ocorrência 18 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na imagem acima, observa-se que o nome *pronto* ao combinar-se ao sufixo –*inho* atua com a função de expressar o posicionamento do falante. A primeira característica das microconstruções pertencentes ao subesquema 2 é a maior duração na produção do elemento vinculado ao sufixo –*inho/a*. Nesse caso, a duração da ocorrência *prontinho* totaliza 0,43 segundos, conforme está destacado na parte em vermelho. Além disso, observa-se maior extensão na variação do *pitch*. De acordo com a imagem, a produção da ocorrência em análise – sinalizada pelo círculo verde – é produzida com tons mais alto em relação ao restante do contorno entoacional. A partir da leitura dos dados do software Praat, tem-se que o valor, em Hertz, do *pitch* máximo, que é de 427.0 Hz, e o valor do *pitch* mínimo, que é de 176.21 Hz, resultando em um *pitch* range de 250.79 Hz. Portanto, há interferência de tons mais altos no contorno entoacional. Em seguida, apresentamos a descrição do entorno entoacional da ocorrência (18).

Quadro 28 - Descrição entoacional da ocorrência 18 pela notação AM

Ocorrência 18 – Descrição entoacional
Prontinho! L H*L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir da leitura do quadro acima é possível perceber que o contorno do *pitch* inicia-se com um tom baixo na sílaba [pro], em seguida há um pico na sílaba [ti] juntamente com uma leve descida na sílaba [nho], representado pelos tons complexos (H*L%). Assim, há uma característica particular das microconstruções do subesquema 2, pois o tom de fronteira pode ser H% – tom alto – ou pode ser H*L% – tom alto seguido de tom baixo, diferentemente das microconstruções do subesquema 1, que sempre possuem como tom de fronteira baixo – L%. Esta ocorrência é produzida com tons altos, como podemos ver pela descrição entoacional representado por (H*L%).

5.2.2.2 Microconstrução 2.2 – Posicionamento avaliativo afetivo

O último padrão microconstrucional identificado no *corpus* refere-se à microconstrução de avaliação afetiva, a qual é caracterizada como a mais frequente, totalizando 262 ocorrências. Assim como o padrão microconstrucional anterior, o escalonamento está presente na demarcação do grau de engajamento do falante. Essa microconstrução tem a função de estabelecer o posicionamento avaliativo do falante, o qual, nos termos de White (2003), agrega valores negativos ou positivos ao discurso. Além disso, trata-se de um padrão altamente intersubjetivo, sendo a microconstrução com a maior ancoragem (inter)subjetiva em comparação às demais microconstruções. O falante se posiciona a partir de uma esfera pessoal, então, a avaliação se mostra mais intersubjetiva do que a modalização epistêmica asseverativa. Portanto, esse padrão microconstrucional possui um grau de engajamento do falante maior do que na microconstrução 2.1. A descrição da forma e da função é apresentada, a seguir, no quadro 29:

Quadro 29 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.2

Microconstrução 2.2 – Posicionamento avaliativo afetivo	
Forma	[SN ^{com noção qualificativa} /SADJ ^{com noção qualificativa} / SPREP ^{com noção qualificativa} + -inho/a ^{prosódia}] Prosódia: alta extensão da variação do <i>pitch</i> .
Função	Promover uma proximidade afetiva em relação ao referente a partir de uma noção de pertencimento.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A forma desta microconstrução está representada como [SN^{com noção qualificativa} / SADJ^{com noção qualificativa} / SPREP^{com noção qualificativa} + -inho/a], em que o sufixo *-inho/a* vincula-se a um sintagma nominal ou sintagma adjetival ou sintagma preposicional que possua o traço semântico específico de estabelecer uma noção qualificativa. Com relação à função, este padrão microconstrucional promove uma proximidade afetiva em relação ao referente a partir de uma noção de pertencimento. Isto é, o uso dessa construção indica que o locutor qualifica o referente a partir de uma avaliação afetiva, ensejando a ideia de pertencimento. Isso significa que a noção de escalonamento presente no esquema incide sobre o grau de posicionamento do falante. Nesse sentido, o falante encontra-se altamente comprometido com o que é dito, uma vez que avalia com base no estado emocional, psicológico ou afetivo do falante, baseando-se na perspectiva interna do locutor (White, 2003). E, nesse caso, a avaliação realizada pode ser expressa por meio de valores negativos ou positivos em relação ao conteúdo proposicional. Por meio do diminutivo, o falante transmite uma resposta emocional diante da proposição, uma vez que os valores de afeto são recursos para indicar a proximidade entre o falante e o referente emocionalmente. Verifica-se ainda que, por meio de processos de metaforização, o falante metaforiza a dimensão física para uma dimensão temporal até chegar a um nível ainda mais abstrato, que é a afeição. Logo, a microconstrução de avaliação afetiva é a mais (inter)subjetiva, com o maior grau de engajamento do falante, em relação às demais construções.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 2.2 com o número de ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 9 - Número de ocorrências da microconstrução 2.2 no *corpus*

Posicionamento avaliativo afetivo	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i>
262 / 524	48,33% / 100%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como é possível observar na tabela 9, em um total de 524 ocorrências, encontramos 262 ocorrências pertencentes ao padrão microconstrucional de avaliação afetiva, o que gerou o percentual de 48,33% em relação ao total de dados. A seguir, descreveremos três ocorrências, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.2.

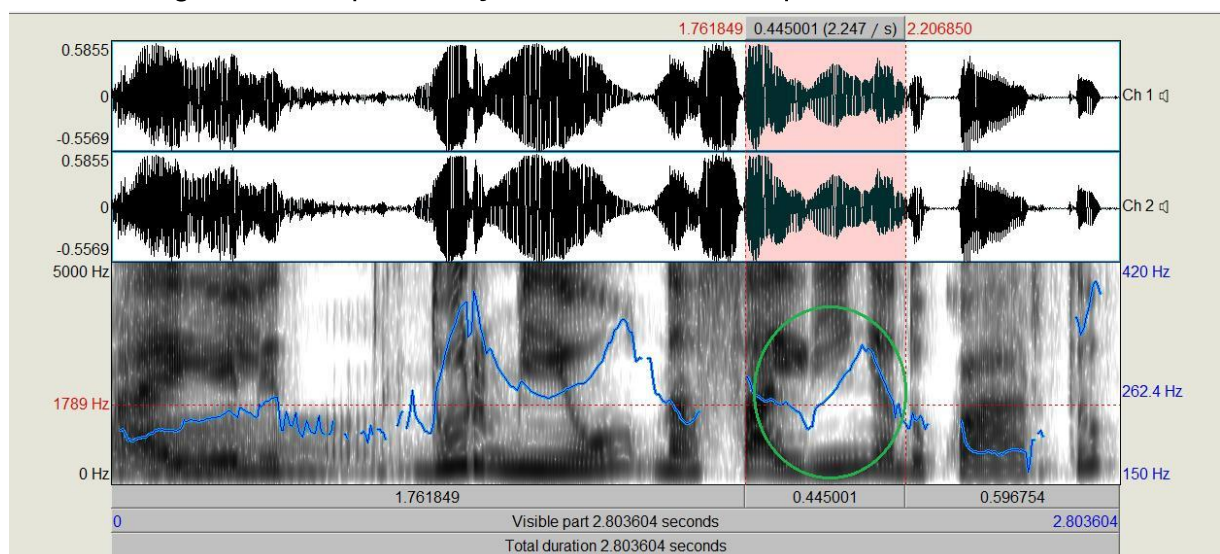
(19) Eliana: E, aí, eu falei: filho a sua irmã vem amanhã. Ele falou: então, eu quero dormir. Foi a única vez que ele pediu pra estar mais perto de mim. Aí, ele dormiu na salinha do quarto.(Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³⁸

Nesta ocorrência, a locutora, Eliana, narra como seu filho mais velho não ficou com ciúmes ou carente com o nascimento de sua filha mais nova. Mas, na noite anterior ao parto, segundo ela, foi o único dia em que ele pediu para dormir em sua companhia. A locutora, então, ao mencionar que o filho dela iria dormir na sala do quarto onde estava internada, usa o diminutivo para conduzir o interlocutor a perceber a dimensão emocional que essa sala passou a ter. Todos os elementos da forma se encontram neste excerto: o sintagma preposicional na sala, com noção qualificativa, vincula-se ao sufixo *-inha*. Logo, a locutora não está se referindo a qualquer sala, mas à sala qualificada como pertencente ao quarto dela na dimensão emocional. O uso do diminutivo, nesta ocorrência, evidencia a avaliação afetiva do

³⁸ Disponível em: <https://youtu.be/oFJtAKxDdpY>. Acesso em 15 de mai. de 2022. Minutagem dodado: 16 min e 14 s.

locutor a partir do estado emocional, psicológico e afetivo do falante. A locutora indica, por meio desse padrão microconstrucional, a proximidade entre ela e o referente – a sala do quarto onde esperou para parir sua filha mais nova –, apresentando uma ancoragem altamente [+ intersubjetiva]. A seguir, por meio de análise acústica da ocorrência demonstrada na figura, é possível atestar de que maneira a produção do sintagma nominal apresenta alta extensão da variação do *pitch*. Vejamos:

Figura 17 - Representação da ocorrência 19 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Conforme exemplificado na imagem acima, a porção sinalizada pelo círculo verde corresponde ao local onde é produzida a ocorrência *salinha* no entorno entoacional. Com base nisso, observa-se que o nome *sala*, ao combinar-se ao sufixo *-inho*, atua com a função de expressar o posicionamento avaliativo do falante, pois é representado por um pico – tom alto de *pitch*. Nessa ocorrência, a duração da ocorrência *salinha* totaliza 0,44 segundos, conforme está destacado na parte em vermelho. Além disso, também observa-se maior extensão na variação do *pitch*. A partir da análise dos dados do *software* Praat, tem-se que o valor do *pitch* máximo é de 379.5 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 163.9 Hz, resultando em um *pitch* range de 233.6 Hz. Portanto, o evento tonal *Ela dormiu na salinha do quarto* é marcado por tons mais altos que interferem no contorno do *pitch*. A seguir, apresentamos a descrição do entorno entoacional da ocorrência (19).

Quadro 30 - Descrição entoacional da ocorrência 19 pela notação AM

Ocorrência 19 – Descrição entoacional				
[Ele dormiu] [na salinha] [do quarto]				
L	H%	L	H*L%	L%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Considerando que estamos pesquisando sobre o diminutivo com o sufixo – *inho/a*, analisamos somente o segundo evento tonal. A partir da leitura do quadro acima é possível perceber que o contorno do *pitch* inicia-se com um tom baixo na sílaba [na]; em seguida há um pico na sílaba [li] juntamente com uma leve descida na sílaba [nha], representado pelos tons complexos (H*L%). Assim, verifica-se que há um tom alto na produção da ocorrência *salinha*, indexando o posicionamento da locutora.

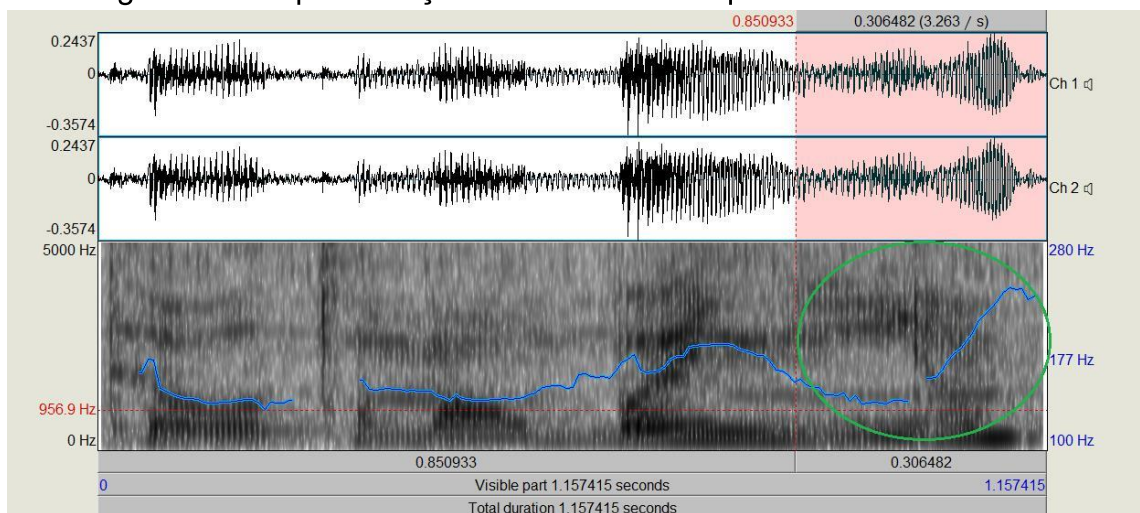
(20) Fabi: Ela já acordou antes deu ir treinar, obviamente. Acordou, mamou, voltou a dormir. Mamou duas vezes de manhã e voltou a dormir. Agora são onze da manhã. Então, eu vou tomar um banhinho que já já minha princesa me chama. Aí depois eu converso com vocês. Eu até queria falar com vocês sobre esse negócio de voltar aos treinos. (Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)³⁹

Em (20), a locutora, Fabi, está gravando um vlog sobre a sua nova rotina com a filha que, no momento do vídeo, é um bebê recém-nascido. A locutora elenca uma série de atividades que já fez pela manhã naquele dia. Ela termina dizendo que, enquanto a filha está dormindo, aproveitará para tomar um banho, para relaxar e ter um momento só dela. Para falar sobre o banho que irá tomar, a locutora usa o diminutivo a fim de expressar a proximidade afetiva entre ela e o referente – *banhinho* – com noção de pertencimento, ou seja, ela avalia afetivamente o banho como sendo um evento dedicado ao cuidado próprio. Quanto à forma, verifica-se

³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/aE9qALNpAD4>. Acesso em 12 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 13 min e 27 s.

que todos os elementos se encontram neste excerto: o sintagma nominal *um banhinho*, em que o sufixo *-inho* vincula-se ao nome *banho*, com noção qualificativa. Assim como em (19), a locutora indica a proximidade entre ela e o evento – o ato de banhar-se como um momento só dela –, baseando-se na sua perspectiva interna. Dessa forma, também apresenta ancoragem altamente [intersubjetiva]. Por meio de análise acústica da fala, é possível inferir que, nesse caso, o sufixo *-inho*, combinado ao nome *banho*, indexa o posicionamento avaliativo do falante, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 18 - Representação da ocorrência 20 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A tela acima corresponde à análise acústica da ocorrência em (20). A porção sinalizada pelo círculo verde corresponde ao local onde ocorre a ocorrência *banhinho* no contorno entoacional. Dessa forma, é possível afirmar que essa ocorrência expressa o posicionamento avaliativo do falante. Observa-se, também, que a duração da produção da ocorrência em análise é de 0,30 segundos, como destacado na parte em vermelho. Além disso, o contorno do *pitch* apresenta alta extensão de variação. A partir da leitura dos dados do software Praat, tem-se que o valor do *pitch* máximo é de 239.4 Hz, e valor do *pitch* mínimo é de 136.7 Hz, resultando em um *pitch* range de 102.7 Hz. Apesar da diferença entre o *pitch* máximo e o *pitch* não ser tão alta, o desenho do *pitch* – a linha azul – demonstra que a ocorrência *banhinho* é produzida por um pico mais alto em relação ao seu entorno.

Portanto, há interferência de tons mais altos no contorno entoacional. A seguir, apresentamos a descrição do entorno entoacional da ocorrência (20).

Quadro 31 - Descrição entoacional da ocorrência 20 pela notação AM

Ocorrência 20 – Descrição entoacional		
[Vou tomar] [um banhinho]		
L%	L*	H%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No quadro 31, está descrito o contorno entoacional de *Vou tomar um banzinho*, no entanto, analisaremos somente o segundo evento tonal. A partir da leitura do quadro acima, é possível perceber que o contorno do *pitch* inicia-se com um tom baixo na sílaba [um] e, em seguida, há um pico elevado na sílaba [nho] – representado por (H%) –, demonstrando o posicionamento avaliativo do falante.

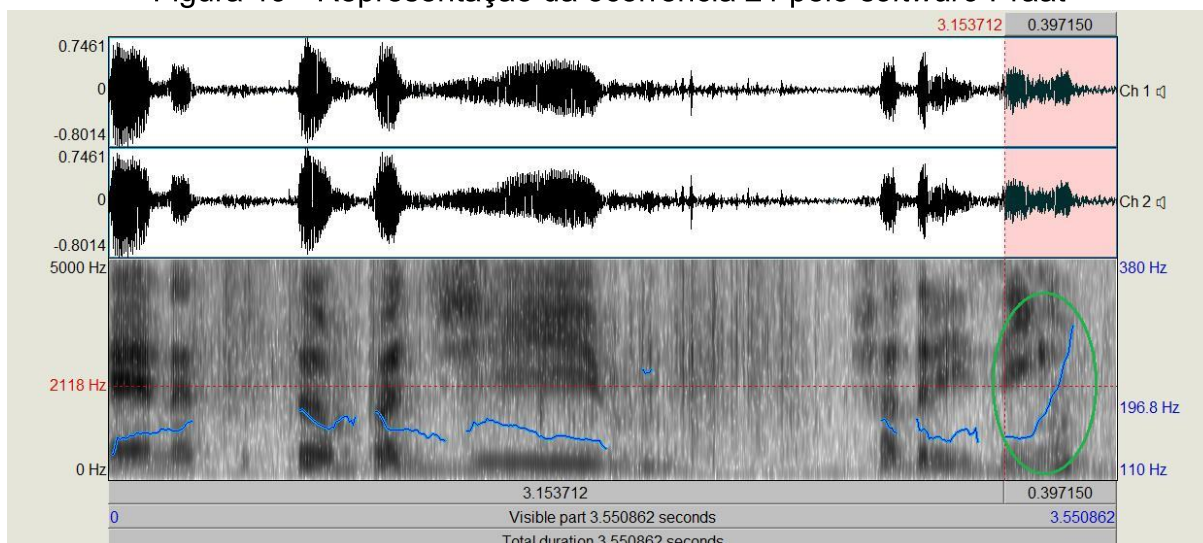
(21) Fabi: Esse aqui também é nessa estampa de xadrezinho. E esse aqui eu achei que era um vestido meio cara de patricinha. Bem patricinha, aí coloca uma meia calça e um sapatinho preto, aqueles vernizadinho. Bem patrícia.(Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023)⁴⁰

Em (21), a locutora, Fabi, está mostrando para os seus interlocutores as compras que chegaram da loja Shein. Nesta cena, ela abre um pacote e tira de dentro um vestido xadrez que comprou para a sua filha. Quando a locutora qualifica a estampa do vestido como *xadrezinho*, ela não quer dizer que é uma estampa xadrez pequena, mas sim tem a intenção de qualificar o vestido com base no seu estado emocional, psicológico e afetivo. Com relação à forma, estão presentes todos os elementos descritos do quadro 29: o sintagma adjetival formado pelo nome *xadrez*, o qual exerce função adjetiva, combinado ao sufixo *-inho*, com noção qualificativa. Nesse contexto, portanto, *xadrezinho* qualifica o vestido em uma dimensão emocional. Portanto, percebe-se a função de promover uma proximidade afetiva em

⁴⁰ Disponível em: <https://youtu.be/aE9qALNpAD4>. Acesso em 12 de mai. de 2022. Minutagem do dado: 7 min e 5 s.

relação ao referente – vestido *xadrezinho* – a partir de uma noção de pertencimento, dado que o vestido pertence à filha da locutora. Vale destacar a importância da prosódia na categorização do diminutivo, representado por *-inho/a*. Vejamos, a seguir, a partir da análise da imagem do programa Praat, como se configura a prosódia desta ocorrência.

Figura 19 - Representação da ocorrência 21 pelo software Praat



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Conforme ilustrado na imagem acima, a porção sinalizada pelo círculo verde corresponde ao local onde ocorre a ocorrência *xadrezinho* no contorno entoacional. Dessa forma, é possível observar que esse construto indexa o posicionamento avaliativo do falante. Com relação à duração de produção, essa ocorrência é produzida com duração de 0,39 segundos, como destacado na parte em vermelho. A partir da análise da tela do Praat, nota-se que o contorno do *pitch* apresenta alta extensão de variação, e tem-se que o valor do *pitch* máximo é de 297.04 Hz, e o valor do *pitch* mínimo é de 141.5 Hz, resultando em um *pitch* range de 155.54 Hz. Nesse caso, ainda que diferença entre o *pitch* máximo e o *pitch* não seja tão alta, o desenho do *pitch* – a linha azul – demonstra que a ocorrência *xadrezinho* é produzida por um pico mais consideravelmente mais alto em relação ao seu entorno. Portanto, podemos afirmar que há interferência de tons mais altos no contorno entoacional. A fim de clarificar a explicação da análise prosódica, apresentamos a descrição do entorno entoacional da ocorrência (21), no quadro 32.

Quadro 32 – Descrição entoacional da ocorrência 21 pela notação AM

Ocorrência 21 – Descrição entoacional		
[Nessa estampa] [de xadrezinho]		
H*L%	L*	H%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base no quadro 32, temos dois eventos tonais, porém, conforme o objetivo desta pesquisa, analisaremos apenas o segundo evento tonal. A descrição entoacional do sintagma adjetival *de xadrezinho* inicia-se com um tom baixo na sílaba [de]; em seguida, há um pico elevado na sílaba [nho] – representado por (H%) –, demonstrando que a locutora está avaliando afetivamente o referente.

5.3 CONCLUSÕES

Esta seção teve como objetivo central a investigação da instanciação e da convencionalização de construções com o sufixo *-inho/a*, em variados contextos de uso, a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), na abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013) e no conceito de intersubjetividade (Traugott; Dasher, 2004). Nesse sentido, buscamos, de maneira mais específica, descrever esses padrões microconstrucionais de modo a identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e a propor a organização hierárquica das construções identificadas em uma rede construcional.

De modo mais específico, este trabalho baseia-se nos conceitos de grau (Silva, 2014) e de avaliação (2003). Dessa forma, por meio da análise qualitativa e do cálculo de frequência das ocorrências retiradas de uma amostra sincrônica, entendemos que as construções com o sufixo *-inho/a* analisadas possibilitam o escalonamento em diferentes níveis de abstração em relação a um referente ou a um evento. Ademais, essas construções podem variar gradualmente desde um pólo menos intersubjetivo – subesquema 1 – a um pólo mais intersubjetivo – subesquema 2 –, a depender do nível de expressividade e de ameaça à face (Goffman, 1967) impresso pelo locutor. Desse modo, com o intuito de identificar o grau de

expressividade do falante ao produzir ocorrências com o sufixo *-inho/a*, lançamos mão do software Praat para a análise prosódica da fala.

Portanto, com base em todas as evidências mostradas na análise, é possível concluir que o locutor utiliza as construções com o sufixo *-inho/a* com propósitos comunicativos específicos, a saber: promover uma extensão dimensional – subesquema 1 – ou promover um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa – subesquema 2.

A partir do levantamento da frequência de uso, as construções formadas por um sintagma nominal ou sintagma adjetival ou sintagma preposicional que possuam o traço semântico específico de estabelecer uma noção qualificativa se mostraram com maior produtividade. Conforme demonstrado na Tabela 9, esse tipo de construção corresponde a 262 ocorrências, no total de 524 ocorrências. Assim, a propriedade da produtividade nos permite atestar a frequência de uso dos construtos – *tokens* – e dos tipos de construcionais – *types* – e verificar como eles interferem na organização das construções na rede. Nesse sentido, observa-se a preferência pelo uso das construções com função avaliativa afetiva, averiguada pelo número de ocorrências. No que se refere à propriedade da composicionalidade, nota-se uma perda no grau de transparência dessas construções.

Em relação à análise acústica, a prosódia mostrou-se essencial para definir o grau de expressividade na fala do locutor ao produzir construções com o sufixo *-inho/a* e, conseqüentemente, a função que cada padrão construcional desempenha. É nesse sentido que entendemos o contorno do *pitch* dos elementos da construção como recurso pertinente na categorização das ocorrências dentro de cada um dos subesquemas. Por meio da análise do contorno do *pitch*, é possível averiguar os tons baixos e os tons altos do contorno entoacional. Logo, a altura do *pitch* sinaliza o grau de (inter)subjetividade do falante, uma vez que, quanto mais intersubjetiva é a construção, maior será a extensão da variação do *pitch*. Portanto, após examinar os aspectos da forma e da função de cada padrão construcional, distribuimos os dados do *corpus* investigado em dois subesquemas.

O primeiro subesquema apresenta 261 ocorrências. No que se refere aos dados da microconstrução 1.1, é possível verificar o uso prototípico do sufixo *-inho/a* com sentido ancorado na extensão dimensional física de tamanho do referente, totalizando 96 ocorrências. As ocorrências agrupadas na microconstrução 1.2 apresentam o uso do sufixo *-inho/a* no que se refere à extensão dimensional

quantitativa do referente para menos do que uma quantidade normal ou esperada, totalizando 26 ocorrências. Nessa mesma direção, encontram-se as ocorrências da microconstrução 1.3, entretanto, nesse caso, a extensão dimensional se dá no tempo, em que o falante tem objetivo de atenuar a duração temporal de um evento, totalizando 16 ocorrências. Por fim, agrupamos, na microconstrução 1.4, ocorrências com o sufixo *-inho/a* que desempenham a função de intensificar uma propriedade do referente ou evento dentro de uma extensão dimensional.

Nesses casos, as construções com o sufixo *-inho/a* compartilham a mesma característica comum de promover um escalonamento no nível dimensional, tanto no plano físico quanto no plano abstrato. Quanto à forma, todas as microconstruções são constituídas por sintagmas nominais ou adjetivais passíveis de serem dimensionáveis. Além disso, apresentam baixa extensão da variação do contorno do *pitch*, sendo que o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* é sempre descrito com tom baixo (L), demonstrando baixo grau de expressividade do falante. Além disso, observa-se a curta duração de tempo da produção prosódica dessas construções, não chegando a 0,3 segundos.

Por sua vez, o segundo subesquema engloba 263 ocorrências, sendo 1 referente à microconstrução 2.1 e 262 à microconstrução 2.2. Na microconstrução 2.1, com apenas uma única ocorrência, a construção com o sufixo *-inho/a* tem a função de atribuir veracidade a partir da realidade observada, marcando o grau de engajamento dentro de uma escala do posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica. Já na microconstrução 2.2, agrupamos as ocorrências em que as construções com o sufixo *-inho/a* têm a função de estabelecer uma proximidade afetiva entre o locutor e o referente a partir de uma noção de pertencimento. Em ambas as microconstruções, a noção de escalonamento está presente na demarcação do grau de engajamento do falante, e não incide exatamente sobre o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a*, como ocorre no subesquema 1. Dessa forma, essas construções ocorrem em contextos mais intersubjetivos. Além disso, destacamos que a microconstrução 2.2 é a mais produtiva, apresentando maior frequência por se tratar das construções mais intersubjetivas do esquema. Sendo assim, podemos concluir que o falante tende a, cada vez mais, usar o diminutivo em instâncias mais intersubjetivas.

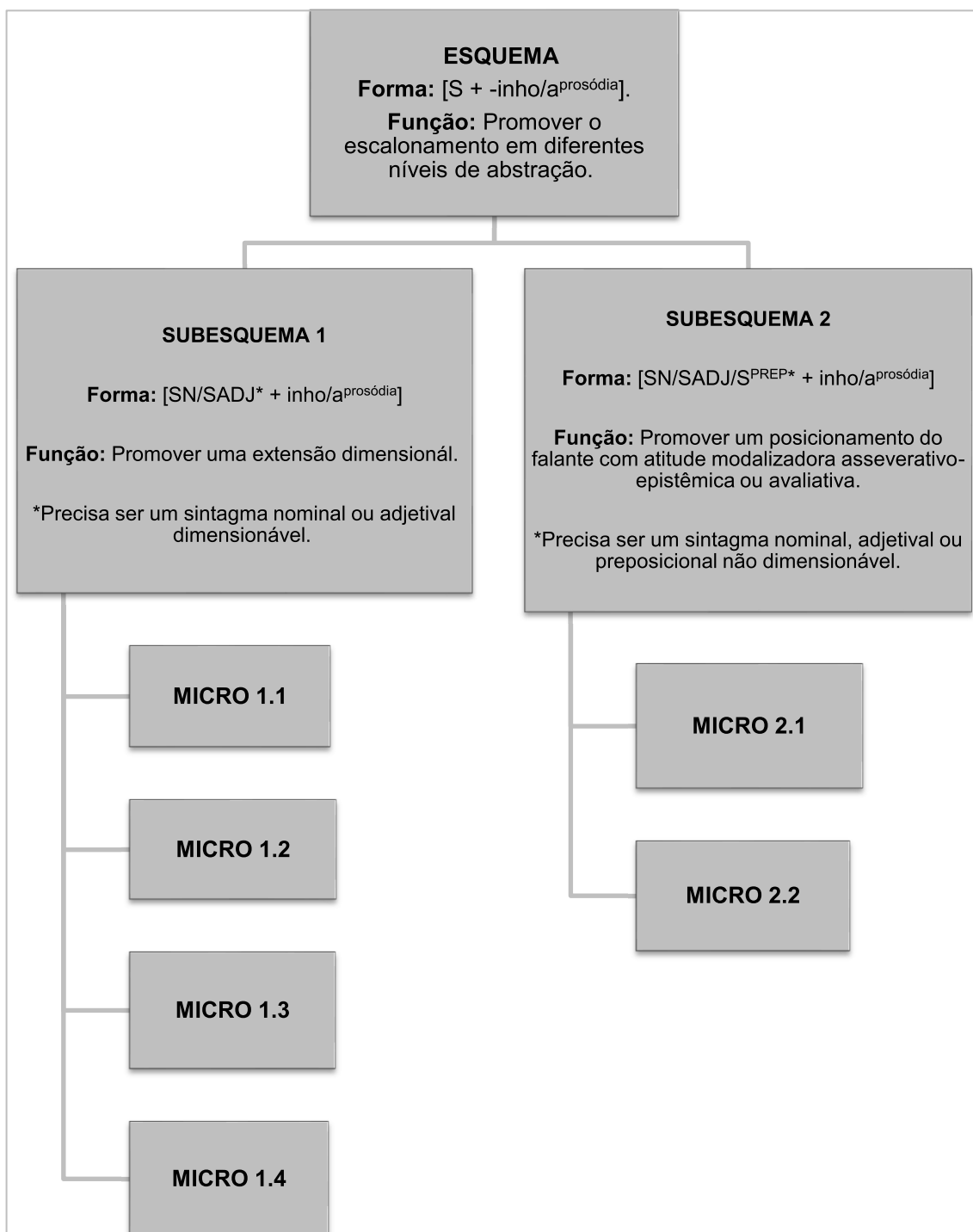
Quanto à forma, em ambos os casos, o sintagma nominal ou sintagma adjetival ou sintagma preposicional que se vincula ao sufixo *-inho/a* não apresentam

propriedade escalar. No que se refere à análise acústica, as construções do subesquema 2 apresentam alta extensão da variação do contorno do *pitch*, isto é, o contorno entoacional apresenta interferência de tons mais baixos e de tons mais altos do que o tom médio do falante. O elemento, se combinado com o sufixo –*inho/a*, é sempre descrito com tom alto (H), demonstrando alto grau de expressividade do falante. Ademais, nota-se a duração de tempo da produção prosódica dessas construções um pouco mais longa, ultrapassando 0,3 segundos.

A análise de dados revelou que o emprego do sufixo –*inho/a* envolve sempre a noção de escalonamento, a qual pode estar contida no elemento ao qual o sufixo –*inho/a* se combina ou pode estar presente no grau de engajamento do falante acerca da proposição por meio da modalização epistêmica asseverativa ou avaliativa. Também é possível observar um deslocamento de sentidos mais concretos relacionados à realidade para outros com ancoragem mais intersubjetiva, principalmente nos casos em que o elemento que se combina com o sufixo –*inho/a* não apresenta propriedade escalar, que revelaria o posicionamento e as crenças do falante em relação ao interlocutor a depender do propósito comunicativo na interação.

Portanto, é nesse contexto que, com base nas evidências demonstradas nesta seção de análise, propomos a seguinte rede construcional constituída por construções com o sufixo –*inho/a*:

Figura 20 - Proposta de rede construcional



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como resultado da análise de dados, buscamos descrever as ocorrências, posicioná-las e representá-las dentro de uma rede hierárquica. Assim, podemos entender que a análise aqui realizada, baseada no *corpus* investigado, representa

apenas um recorte dos padrões construcionais identificados; isso, sem dúvida, não esgota a necessidade de pesquisas futuras acerca do tema.

No presente trabalho, propusemos como objetivo geral analisar padrões microconstrucionais constituídos pelo sufixo *-inho/a*, em variados contextos de uso. Como objetivos mais específicos, propusemos os seguintes: (i) identificar e descrever as características formais e funcionais dos padrões microconstrucionais com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, com base nas noções de intersubjetividade (Traugott; Dasher, 2004) e, do ponto de vista analítico, com base nos conceitos de avaliação (White, 2003) e de proteção e ameaça à face (Goffman, 1967); e (ii) propor uma rede construcional (Traugott; Trousdale, 2013) composta por construções com o sufixo *-inho/a*. Tendo em vista que esses objetivos foram cumpridos, passamos às considerações finais deste trabalho.

6 CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo mais geral compreender de que maneira as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, se instanciam e se convencionalizam no *corpus* analisado, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesse contexto, de modo mais específico, tivemos como objetivos; (i) descrever os pareamentos forma-função das construções e identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013), a saber: esquema subesquema e microconstrução; (ii) propor uma organização das construções em uma rede hierárquica.

Para tanto, a fim de cumprir os objetivos propostos, partimos das seguintes hipóteses: (i) as construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, cumpririam novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seu uso convencional atrelado à noção de tamanho físico e (ii) essas construções, no *corpus* analisado, constituiriam pareamentos forma-função na língua. Tais hipóteses, conforme demonstramos na seção de análise, foram confirmadas.

Nesse sentido, realizamos o levantamento das ocorrências dessas construções com o diminutivo retiradas de um *corpus* sincrônico constituído por nós, cujas amostras representam os anos de 2020, 2021, 2022 e 2023. Estas construções foram submetidas ao cálculo da frequência de uso e à análise qualitativa, que contou com o recurso do *software* Praat para a identificação e a categorização das ocorrências nos subesquemas mediante uma análise acústica.

Os resultados da pesquisa nos levaram a concluir que o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, desempenha função dimensiva, conforme observado no primeiro subesquema, e funções indicativas do posicionamento do falante, conforme atestado no segundo subesquema. Nesses casos, a prosódia, a depender da extensão da variação do contorno do *pitch* na produção das construções com o sufixo *-inho/a*, constitui um aspecto formal elementar da construção, a serviço da função comunicativa pretendida.

Com base nas evidências apresentadas na seção 5, demonstramos que o falante utiliza essas construções com fins comunicativos específicos, uma vez que o esquema – nível mais hierárquico da rede – prevê a possibilidade de escalonamento em diferentes níveis de abstração, confirmando, assim, a primeira hipótese. Ademais, a segunda hipótese também foi constatada ao identificarmos diferentes

padrões de uso do diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, os quais podem ser representados por um esquema mais abstrato e genérico, que se subdivide em dois grandes subesquemas, os quais, por fim, em um nível inferior de abstração, se subdividem em 6 padrões microconstrucionais, 4 vinculados ao subesquema 1 e 2 vinculados ao subesquema 2.

Diante disso, demonstramos (i) que o esquema mais abstrato, descrito pela representação simbólica [S + *-inho/a*^{prosódia}], marca tanto um caráter dimensional quanto um caráter indicativo do posicionamento do falante; (ii) que o subesquema 1 – menos intersubjetivo – é caracterizado pelo escalonamento dimensional no plano físico e no plano abstrato, enquanto o subesquema 2 – mais intersubjetivo – é caracterizado pelo escalonamento do posicionamento do falante, em contextos de modalização epistêmico-asseverativa e de avaliação afetiva; e, ainda, (iii) que as 6 microconstruções são identificadas e agrupadas em seus respectivos subesquemas, conforme seus pareamentos forma-função, podendo variar quanto ao grau de intersubjetividade (Traugott; Dasher, 2004) e quanto à prosódia (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 1996; 2005; Lucente, 2014; Frota, 2015).

Dessa forma, de modo mais abrangente, a função do esquema descrito revela como traço comum a todas as microconstruções vinculadas a ele a função de promover o escalonamento em níveis de abstração variados, em que essa noção não está contida necessariamente no elemento vinculado ao sufixo *-inho/a*. Sendo assim, assumimos, nesta dissertação, que a ideia de escalonamento não se restringe à alteração do conteúdo de *X-inho/a*, mas é capaz de escalonar o grau de comprometimento do falante em relação ao que é dito. No pólo da forma, o esquema pode ser descrito pela seguinte representação simbólica: [S + *-inho/a*^{prosódia}]. As seis microconstruções identificadas estão, nesse sentido, reunidas em dois subesquemas.

No que se refere ao subesquema 1, foram agrupadas ocorrências em que as construções com o sufixo *-inho/a* desempenham função dimensional, indicando o aumento ou a diminuição de diferentes níveis – físico, quantitativo, temporal e intensivo. Nesse subesquema, as microconstruções ocorrem em contextos de uso menos (inter)subjetivos se comparados às construções do subesquema 2. Como representação formal desse subesquema, temos: [SN/SADJ + *inho/a*^{prosódia}], em que o sintagma nominal ou adjetival precisa ser dimensionável.

Já o subesquema 2 tem como função estabelecer o posicionamento do falante atrelado à noção de escalonamento, em que essa noção incide sobre o grau de engajamento. Dessa forma, essas construções ocorrem em contextos mais (inter)subjetivos, em que o falante evidencia as suas crenças e atitudes acerca do conteúdo proposicional (Traugott; Dasher, 2004). Em termos de forma, ele pode ser representado da seguinte maneira: [SN/SADJ/S^{PREP} + inho/a^{prosódia}], em que o sintagma nominal, adjetival ou preposicional não é dimensionável.

Posto isto, como vimos neste trabalho, foi constatado que do padrão microconstrucional 1 ao padrão microconstrucional 6 há um *continuum* de (inter)subjetividade, sendo o primeiro padrão o menos intersubjetivo, e o último o mais (inter)subjetivo. A diferença no nível de (inter)subjetividade entre os padrões microconstrucionais de cada subesquema foi definida de acordo com o grau de ameaça à face (Goffman, 1967) e a extensão do contorno do *pitch*, uma vez que, quanto maior a duração, em segundos, da produção da construção com o diminutivo e maior a variação dos tons no contorno entoacional, maior é o grau de (inter)subjetividade do falante.

Nesse cenário, a partir do cálculo da frequência de uso das ocorrências empiricamente atestadas, pudemos concluir que as construções vinculadas à microconstrução 6, cuja função é marcar o posicionamento avaliativo afetivo do locutor, são as mais frequentes e mais produtivas da rede construcional. Como discutido na seção 5, isso provavelmente se deve ao fato de o falante usar o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, em contextos cada vez mais (inter)subjetivos, por serem mais expressivos e mais intersubjetivos (Traugott; Dasher, 2004), que comprometem mais a face do locutor (Goffman, 1967), superando a frequência do uso prototípico dessas construções.

Com base nessas conclusões e em outras encaminhadas no decorrer da realização deste trabalho, entendemos que esta pesquisa realizada apresente contribuições relevantes para futuros estudos no âmbito das construções com o diminutivo – representado pelo sufixo *-inho/a* – na oralidade e, de modo geral, no âmbito dos estudos da língua em uso, com possíveis desdobramentos no que tange à aplicação da prosódia acústica, com o uso da ferramenta Praat.

Contudo, ressaltamos que a análise realizada no presente trabalho possui limitações, havendo, ainda, muito a ser investigado no que se refere às construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. Acreditamos que algumas

questões mereceriam ainda maior atenção em trabalhos futuros, tais como: (i) a (re)definição e a ampliação do *corpus* de análise, com a inclusão de *corpus* diacrônico, permitindo uma investigação sob a perspectiva pancrônica, a fim de se obter um maior número de ocorrências; (ii) a incorporação da análise de construções com outros sufixos, como os com *-ito*, *-eta*, *-ola*, entre outros, ampliando, assim, a rede do diminutivo e (iii) a investigação mais aprofundada acerca da aplicabilidade da ferramenta Praat no estudo da prosódia da fala.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. **O diminutivo no português do Brasil**: funcionalidade e tipologia. *Estudos Lingüísticos*, v. 35, 2006, p. 694-701.

BARBOSA, J. S. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, 1822.

BARROS, J. de. **Grammatica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1540.

BASÍLIO, M. M. P. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGEN, B.K.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In J.-O. Östman and M. Fried (eds.), **Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions**. Johns Benjamins, 2005.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: **XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BOAS, H. C.; SAG, I. **Sign-based Construction Grammar**, Stanford: CSLI Publications, 2012.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. **Knowing the Social World**, Philadelphia: Open University Press, 1998.

BYBEE, J. L. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

_____. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMAN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford University Press, 2013.

_____.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (Eds.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension**. Amsterdam: Benjamins, 2005.

_____.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FANAME, 1979.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional – reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, 2016, p. 83-101.

_____. As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da linguística funcional centrada no uso: evidências a partir de um estudo de caso. In: TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas**. 1 ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 181-200.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**, São Paulo: Prentice Hall, 2004.

EZARANI, E. S. **Formações X-inho na fala carioca**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH & HARMS. **Universals in Linguistic Theory**, New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1988.

_____. Berkeley construction grammar. In: Thomas Hoffmann & Graeme Trousdale (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

_____; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. **Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions**: The Case of Let Alone, *Language*, Berkeley, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 31- 42.

FÓNAGY, Ivan. **Des fonctions de l'intonation**: Essai de synthèse. *Flambeau*, v. 29, p. 1–20, 2003. trad. Waldemar Ferreira Netto.

FROTA, M. P. **A expressão do pejorativo em construções morfológicas**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1985.

FROTA, S.; CRUZ, M.; SVARTMAN, F.; COLLISSCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, S. & PRIETO, P. (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 235-283.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

_____; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. (orgs.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-45.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Nova York: Pantheon Books, 1967, p. 5-46.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. **Constructions**: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, 2003, p. 219-224.

_____. Constructionist Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford handbook of construction grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15- 31.

_____. A constructionist approach to language. In: **Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. **Toward a Definition of Mixed Methods Research**. *Journal of Mixed Methods Research*, Pennsylvania, v.1, n. 2, 2007, p. 112-133.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. **Variation, change and constructions in English**. *Cognitive Linguistics*, 22, 2011, p. 1-23.

_____.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

_____.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

HUDSON, R. **Language networks**: the new word grammar. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. **Grammatical constructions and linguistic generalizations: The what's X doing Y construction**. *Language*, 1999, p. 1-34.

LADD, D. R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. Syntactic Reanalysis. In: C. N. Li (Ed.), **Mechanisms of Syntactic Change**. Austin University of Texas Press, 1977.

_____. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. The nature of grammatical valence. In: RUDZKA-OSTYN B. (Ed.). **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 91-125.

_____. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 1991.

_____. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LEE, S-H. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português**. 190f. 1995. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

_____. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 1, 1999, p.113-124.

LUCENTE, L. **Uma abordagem fonética na fonologia entoacional**. Fórum Linguístico, v. 11, n. 1, 2014, p. 79–95.

MARTIN, J. R. **Introduction**, Text, Sydney, v. 23, n. 2, 2003, p. 171-181.

MARTINS DALL'ORTO, L. F.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Construcionalização gramatical sincrônica – evidências a partir da análise de construções avaliativas com super e mega na língua portuguesa. **Revista SoLetras**, n. 37, 2019, p. 179-203.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1948 [1912].

NETO, J. B. Flexão e derivação: será que os tratamentos dos a esta distinção não adotam uma perspectiva 'enviesada'? 2. ed. Campinas: **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 54, 2012, p. 307-317.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, F. **Gramática da Linguagem Portuguesa. Vila Real (Portugal)**: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, edição Crítica, Semidiplomática e Anastática organizada por Torres, A. & Assunção, C., 1536 [2007].

PAGE, R. **An analysis of appraisal in childbirth narratives with special consideration of gender and stotyelling style**. Text, 23 (2), 2003, p. 211-237.

PENHA, L. **A importância da prosódia na avaliação de qualidade e na compreensão e compreensibilidade da fala interpretada simultaneamente**. 150f. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, C. G. C., 2020. Análise do sufixo avaliativo diminutivo no português brasileiro a partir do uso de corpus eletrônico. Salvador: **Enlaces**, v. 1, n. 1, 2020, p.32-59.

PIERREHUMBERT, H. **The phonology and phonetics of English intonation**. 1980. 401 f. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, Boston, 1980.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2018.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: **Atlas**, 1989.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32 e.d. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROSÁRIO, I. da C; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2), 2016, p. 233-259.

_____.; LOPES, M. G. Construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica. In: **Apresentação em XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Niterói: UFF, 2017.

SANTANA, M. dos S. **O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX**. 910f. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.

STEELS L. **Introducing fluid construction grammar**. Design Patterns in Fluid Construction Grammar. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. **Subjectivity and subjectification**. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). **Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). **Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution**. London: Kings College Publications. 2008b, p.1-31.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011b, p. 549-565.

_____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WHITE, P. **An introductory tour through appraisal theory**. 2003. Disponível em: <<http://www.gramatics.com/appraisal/AppraisalGuide>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDCS, 1986.

ANEXO A – Link dos vídeos do YouTube coletados para composição do *corpus*

Link 1: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Data da publicação: 23 de jan. de 2020.

Link 2: <https://youtu.be/69IILCNuOiQ>. Data da publicação: 1 de abr. de 2021.

Link 3: <https://youtu.be/lnjyEf-DDu8>. Data da publicação: 4 de nov. de 2021.

Link 4: <https://youtu.be/aE9qALNpAD4>. Data da publicação: 9 de mar. de 2022.

Link 5: <https://youtu.be/Y3LweBsBWi0>. Data da publicação: 29 de mar. de 2022.

Link 6: <https://youtu.be/oFJtAKxDdpY>. Data da publicação: 26 de jul. de 2022.

Link 7: <https://youtu.be/3SDj5UxftXU>. Data da publicação: 23 de set. de 2022.

Link 8: <https://youtu.be/8m9ChCWdmGw>. Data da publicação: 28 de set. de 2022.

Link 9: <https://www.youtube.com/live/6wl3lv43o6U?feature=share>. Data da publicação: 20 de jun. de 2023.